

MARGARETE SIMON

**PERCEÇÃO E REPRESENTAÇÃO EM LEIBNIZ:
A IMATERIALIDADE DA MATÉRIA**

São Paulo

2008

MARGARETE SIMON

**PERCEPÇÃO E REPRESENTAÇÃO EM LEIBNIZ:
A IMATERIALIDADE DA MATÉRIA**

**Dissertação de Mestrado a ser
apresentada à Faculdade de
Filosofia da Universidade São
Judas Tadeu para obtenção do
grau de Mestre em Filosofia.**

**Área de Concentração:
Epistemologia Linguagem e
Ciência**

**Orientadora: Prof^a. Dr^a. Regina
André Rebollo**

São Paulo

2008

Simon, Margarete Andreozzi Vaz Pereira

Percepção e representação em Leibniz: a imaterialidade da matéria / Margarete Andreozzi Vaz Pereira Simon. - São Paulo, 2008.

136 p.; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2008.

Orientador: Regina André Rebollo

1. Percepção. 2. Substância (Filosofia). 3. Representação. 4. Matéria. I. Leibniz, Gottfried Wilhelm, Freiherr von, 1646-1716. II. Título

Aos meus antecessores;

Aos meus pais;

Ao meu esposo;

Aos meus filhos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a meus antecessores;

Aos meus pais, cujo reflexo eu sou;

Ao meu esposo, que nunca me faltou;

Ao meu filho Gustavo, pela compreensão;

Ao meu filho Bernardo, pelo incentivo;

A Universidade São Judas Tadeu que possibilitou minha formação no curso de filosofia sem qualquer dispêndio;

Ao corpo docente do curso de filosofia que realizei;

Novamente à Universidade São Judas Tadeu, por haver me selecionado, entre tantos, a cursar o mestrado, custeando parte das despesas com o mesmo;

Ao bom filantrópico Shashikant Jetsusa Shah, que mesmo sem me conhecer, investiu em meu mestrado, arcando com metade da despesa;

Ao meu caro professor Osvaldo Pessoa, que me incentivou ao estudo de Leibniz;

Ao meu primeiro orientador e professor Maurício Ramos, que desanuviou diversas confusões conceituais;

A minha orientadora professora Regina André Rebollo, pela disposição em conduzir-me nessa difícil e exaustiva tarefa;

Ao professor Plínio Junqueira Smith que fez críticas construtivas e também colaborou com material de pesquisa;

As recomendações recebidas pelos professores Maurício de Carvalho Ramos (USP) e Fernão Oliveira Salles dos Santos Cruz (USJT) em minha qualificação de mestrado;

Aos colegas de curso;

A todos, que, direta ou indiretamente, contribuíram para a consecução desta dissertação.

“O presente está prenhe do futuro”

G. W. Leibniz

RESUMO

A substância das coisas é a mônada: matéria e enteléquia. Não poderia ser de outro modo, pois a matéria somente não poderia *ser*. Quando decomposta, a matéria perde suas propriedades mecânicas, o que não pode ocorrer com a substância, cujo mecanismo não se altera, mesmo quando dividida. A percepção é o que constitui a substância da matéria. Divide-se em *clara* e *confusa* e origina tudo o que existe.

Um conjunto dessas percepções, quando compatíveis e possíveis, obedecendo aos princípios pré-estabelecidos, constitui uma mônada, a substância das coisas. Conforme esses princípios, elas jamais serão iguais, mas somente semelhantes. As Mônadas são verdadeiros centros de força ou energia, *vis vivas* (força viva), o que garante serem intocáveis; são completas, não dependem de nada externo a elas, conseqüentemente, são fechadas. Possuem aspecto inextenso; e comunicam-se entre si através da expressão de suas percepções.

Suas percepções expressam ordenadamente as qualidades ou predicados que lhes são inerentes, as quais se exteriorizam transmitindo-nos o aspecto fenomênico da matéria extensa. As representações dessas percepções estão em perfeito acordo ou sintonia com suas expressões, estabelecendo-se a harmonia, e apresentando-nos seu aspecto uno.

Diversos conceitos e variantes, todos bem costurados por Leibniz, constituem seu sistema da natureza, dando explicações, tanto para o plano metafísico, como para o físico, denotando o caráter próprio de cada um deles, e ao mesmo tempo os entre - apoiando.

Palavras-chave:

Percepção. Substância. Representação. Matéria. Fenômeno.

ABSTRACT

The thing's substance is monad: matter and entelechy. It couldn't be other way, because only the matter isn't it. When the matter is divided it loses its mechanical attributes. This couldn't happen for the substance, it needs itself, even divided. The perception forms the matter's substance. This perception split into two parts, itself: *clear* and *confusion* perception.

A set of perceptions forms the monad (thing's substance). It's compatible and possible, it obeys the pre-established principles. According to principles, it isn't never the same to another monad, only similar.

This monads are power center truly, *vis vivas* or life force. Therefore they can't be to touch, they're completes. They don't depend of something outside them self, for they're closed, they're without extension. They communicate with others monads through of expression them perceptions.

The Monad's perceptions express outside qualities and predicates, in order. This qualities and predicates are the perceptions same. The monads express the extensive matter, therefore the extensive matter is phenomenon . The perception's representations are according to them expressions, to establish the harmony, and to show looks of unity.

Several concepts and demonstrations well sew by Leibniz forms him natural's system, which give explanation for level metaphysic and physic, its characters and mutual support.

Key words:

Perception. Substance. Representation. Matter. Phenomenon.

ÍNDICE

| | |
|--|-----|
| INTRODUÇÃO..... | 09 |
| I PERCEPÇÃO..... | 15 |
| 1.1 Substância – Mônada..... | 17 |
| 1.1.1 Individuação..... | 23 |
| 1.2 A Natureza da Percepção..... | 29 |
| 1.3 Percepções Claras..... | 34 |
| 1.4 Percepções Confusas..... | 36 |
| 1.5 Apercepção..... | 39 |
| 1.6 Percepções Inconscientes..... | 42 |
| 1.6.1 Função das Pequenas Percepções..... | 44 |
| 1.6.2 Inquietação Oriunda das Pequenas Percepções..... | 46 |
| II REPRESENTAÇÃO..... | 51 |
| 2.1 Relação e Harmonia..... | 56 |
| 2.2 Compossíveis..... | 60 |
| 2.3 Da Essência à Existência..... | 63 |
| 2.4 A Multiplicidade na Unidade..... | 65 |
| 2.5 A Representação Leibniziana e o Isomorfismo Atual..... | 67 |
| III MATÉRIA..... | 69 |
| 3.1 Matéria e alma..... | 76 |
| 3.2 Ação e Movimento..... | 85 |
| 3.3 Os Sentidos..... | 97 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 116 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 133 |

INTRODUÇÃO

Inúmeras especulações foram e ainda são feitas com relação à realidade exterior. Esse assunto sempre intrigou o ser humano, que diante de inúmeras dúvidas a seu respeito, encontrava somente respostas intangíveis. E esse é o auspicioso objeto deste trabalho. Vislumbrar, mesmo que imagetivamente, o que há de real naquilo que enxergamos. Mas, para tanto, precisamos percorrê-lo filosoficamente, examinando minuciosamente os conceitos que envolvem essa questão, concatenando-os analítica e logicamente, conforme exige a precisão e o rigor filosófico. Em vista desse objetivo precisávamos do embasamento indispensável de autoridades versadas em tal questão. Dos vários catedráticos que ousaram investigar esse tema, destaca-se o filósofo moderno Leibniz, cuja visão intercambia os mundos físicos e metafísicos e nos conduz a uma nova leitura do mundo físico e extra-físico.

Wilhelm Goltfried Leibniz (1646-1716), foi um filósofo alemão que se dedicou a conciliar diversas correntes filosóficas. Em sua trajetória diplomática desenvolveu projetos para integrar o protestantismo e o catolicismo, para unificar as leis, simplificando-as em leis da natureza, para criar um idioma universal, entre outros projetos, que, no entanto, jamais conseguiram sair do papel.

No campo da filosofia, Leibniz se empenhou em desenvolver um sistema que aproveitasse o que havia de sábio nas filosofias já desenvolvidas, e eliminasse o insustentável. Esse filósofo racionalista percebeu o avanço do que ele denominou, em sua *Correspondência a Clarke (1672)*, do mecanicismo

materialista defendido por renomados físicos, filósofos e matemáticos: René Descartes e Isaac Newton, os quais são confrontados respectivamente nas obras *Novo Sistema da Natureza e da Comunicação das Substâncias* (1695) e *Correspondência a Clarke* (1715), Leibniz também objeta John Locke na sua obra *Novos Ensaios sobre o Entendimento Humano* (1690). Leibniz acreditava que as idéias materialistas se fortaleciam velozmente, juntamente com o progresso científico, tecnológico e econômico-social da época (cf: Strathern, p. 12). Seu propósito era frear essa tendência conciliando o mecanicismo com a metafísica, pois o mecanicismo puramente materialista da filosofia da natureza vigente desdenhava a metafísica, desprezando seus princípios fundamentais. Em decorrência desse fato, Leibniz propôs um sistema da natureza respaldado em princípios metafísicos.

Em sua obra *Novo Sistema da Natureza e da Comunicação das Substâncias*. Leibniz observou, graças ao avanço da microscopia, que as máquinas artificiais, quando divididas, perdiam suas funções de máquina, enquanto a máquina da natureza poderia ser dividida inúmeras vezes, e jamais deixaria de ser máquina. Em consequência disso, concluiu que a matéria não poderia ser a substância das coisas, afinal a substância não está propensa à divisão, mas a matéria o está, o que a impossibilitava de ser a substância das coisas.

Como era possível que a filosofia da natureza se utilizasse do mecanicismo integral, o qual negava a existência de qualquer outra entidade que não a material? Inconformado em ver a matéria extensa como explicação inquestionável, se propõe a desenvolver um sistema da natureza que não se

respaldasse inteiramente na matéria como substância única. Interpenetrando diversos campos, Leibniz entrelaça questões puramente físicas à recente teoria metafísica por ele formulada. Em seu sistema expugnou esse problema concebendo a existência de individualidades imateriais, *forças vivas*, de cuja união resultaria a matéria. Denominou-as *mônadas*¹: formas substanciais das coisas.

Em sua obra *Monadologia* (1714), ele descreve a mônada como entidade perceptível, composta de percepções que se expressam externamente. Fundamentando seu sistema integralmente nas percepções, Leibniz sustentará que essas individualidades substanciais são compostas por percepções. E como as percepções transitam no plano mental da consciência, são invisíveis e obviamente, inextensas, além de fechadas e intocáveis, como descreverei ao longo desta dissertação.

Mas se a substância das coisas é inextensa, como Leibniz pretende, a partir desse ponto inicial, explicar a realidade exterior, da matéria extensa? Ele conjectura que dentre as percepções contidas na mônada, a maior parte é confusa, e estas somadas às percepções claras compõem a substância simples. Por conseguinte, são essas percepções confusas que têm como característica imputar materialidade às coisas. Efusivamente e para espanto de muitos intelectuais, Leibniz estabelece a matéria como algo “virtual”² Matéria como agregado de mônadas, que são imateriais e sem extensão, e de cuja

¹ Em 1696, Leibniz passa a utilizar este termo para designar o que até então denominara *unidades substanciais*. Observo que utilizarei ambos os termos, substância ou mônada, indistintamente, no decorrer desta dissertação.

² Termo adotado para designar o caráter mental que Leibniz postula à matéria.

percepção confusa representada externamente, provém a impressão da matéria sólida e extensa.

A filosofia leibniziana, portanto, possui um caráter fenomenista, donde o mundo físico existe como fenômeno expresso pelas percepções monádicas. Mas, como o invisível não pode ser empiricamente demonstrado, o sistema de Leibniz tornou-se alvo de chacota de filósofos como Voltaire e Russell, entre outros.^{3, 4} Contudo, isso não foi motivo para deter a ousadia filosófica de Leibniz, o qual procurava deter a filosofia mecanicista e materialista preeminente desenvolvendo tão vasta obra, que até hoje, três séculos depois, ainda não foi totalmente publicada, e que, cada vez mais vêm sendo objeto de estudo, visto possuir descobertas, que apesar de para a época serem avançadas demais, atualmente vêm sendo discutidas e apoiadas. Apesar de curioso, não poderemos nos ater a esse ponto, que é extenso e nos afastaria de nosso objetivo.

Após delinear o fundamento da intrigante teoria sustentada por Leibniz, na expectativa de encontrarmos uma explicação lógica sobre “o que há de real naquilo que enxergamos?”, vemos emergir um problema: Como uma substância imaterial, inextensa, fechada e intocável (a própria mônada) pode constituir a matéria extensa, sólida e imóvel? Questões subjacentes daí decorrem: se a matéria é um agrupamento de substâncias e se o contato é impossível, como podemos ter a impressão de matéria sólida e coesa? Se a

³ Cf. Strathern, 1940, p. 35.

⁴ No período moderno, o empirismo de Francis Bacon (*Instauratio Magna*) é retomado. A principal proposta era afastar as questões filosóficas e religiosas das teorias científicas. Galileu utiliza-se da linguagem matemática nas teorias científicas, atribuindo-lhes maior rigor. Essas inovações foram imediatamente aceitas e postas em prática por filósofos naturais como Newton, Locke e Hobbes.

matéria é realmente virtual, como nos faz deduzir Leibniz, podemos inferir que só existe mente (percepção)? Considerando-se a questão anterior como verdadeira, é possível admitir que os acontecimentos estejam na mente e não mais derivam das leis de causa e efeito ou ação e reação em seu aspecto puramente físico? Se a matéria possui o aspecto sólido em que sentido ela é imaterial? Se a tocamos, o que Leibniz quer dizer com intocável? Este é o nosso problema a ser tratado aqui, ou seja, a pergunta central que dirige todo o movimento de nossa dissertação: como uma substância imaterial, inextensa, fechada e intocável (a própria mônada) pode constituir a matéria extensa?

Com o intuito de nos aproximarmos da solução dada por Leibniz a essa questão, nos propomos a examinar a sua teoria da percepção e representação nas principais obras filosóficas que compõem o seu sistema, de modo a obtermos condições de compreendermos como o autor estabelece o vínculo materialidade/ imaterialidade, o que nos proporcionará clareza ao que outrora nos parecia paradoxal.

Para tanto, nos apoiaremos, principalmente nos seguintes comentadores: Brown (1994) *Compossibility, Harmony, and Perfection in Leibniz*; Carlin (2002) *Matter and Thought*; Fichant (2005) *Leibniz e as Máquinas da Natureza*; Hunter (1951) *Monadic Relations*; Puryer (2006) *Perception and Representation in Leibniz*; Russell (1968) *A Filosofia de Leibniz*, entre outros autores consultados.

Dispusemos a discussão em três capítulos: o *primeiro*, aborda a noção de *percepção* tratando da noção de substância. Como a substância depende das percepções? Tal capítulo detalha o novo enfoque estabelecido

por Leibniz ao conceito de percepção; destaca as funções, bem como os tipos de percepções e esclarece a importância da mesma.

Durante a exposição do primeiro capítulo, já teremos alguns indícios de relação entre a percepção e a questão investigada, contudo será necessário aprofundarmos-nos um pouco mais, e examinarmos a representação, o que ocorrerá no segundo capítulo. Como a representação acontece? O que ela indica de sua ocorrência, suas categorias, seus determinantes, sua relação com a existência e com o múltiplo? Percorrido esse percurso, nos aproximaremos ainda mais da explicação leibniziana da realidade. Mas é somente no terceiro e último capítulo que fechamos a presente pesquisa. Nele, desvendamos o real sentido da matéria, sua relação com a alma e com os sentidos. Verificamos também como ocorre o movimento, o que o garante, quais suas causas e fundamentos.

Apreendido os conceitos que alicerçam e fundamentam a noção de matéria na filosofia de Leibniz, temos condições de pensar, segundo essa perspectiva, sobre a realidade exterior. Desenvolvemos, nas considerações finais, uma análise transversal do material pesquisado, de modo a apresentarmos o elo existente entre os conceitos examinados e a convergência desses na consecução de nosso propósito.

I. PERCEPÇÃO

Um novo conceito de percepção, distinto da noção adotada em sua época é incorporado ao saber pelo filósofo Leibniz. Ele concebe a percepção como as próprias qualidades ou predicados dos objetos. Ou seja, não temos uma impressão da coisa exterior, possuímos internamente a totalidade das qualidades de todas as coisas existentes, assim como todas as mônadas também as possuem. Notamos as percepções (enquanto qualidades) expressas por nós mesmos e por cada uma das mônadas que compõem as coisas, numa sincronia perfeita, e devido a essa tão perfeita unidade aparente, temos a impressão de que não existe nada mais do que a matéria: "Acredito ter-me explicado suficientemente acerca da noção da vida, que deve sempre ser acompanhada de percepção na alma. De outra forma, será apenas aparência [julgamento ingênuo]" (NE III, vii, §22). Só existem percepções: qualquer coisa ou acontecimento é uma consequência das percepções presentes. Assim, como em um quadro de uma bela paisagem que representa o mais fielmente possível, de acordo com a qualidade da tinta, do pincel e da tela, a paisagem retratada, este material, por mais perfeito e inspirador que seja a respeito da representação de seu mundo, às vezes é essencialmente inadequado para outros aspectos, por exemplo, no que concerne as qualidades da audição e do tato (cf. *Correspondência a Arnauld* in AG, 72). O mesmo acontece às coisas e acontecimentos exteriores, os quais representam as percepções das substâncias, os aspectos da realidade exterior oscilam de acordo com a qualidade do material adotado (percepções):

Nossas sensações internas (contidas na alma, e não no cérebro ou em qualquer outra parte de nosso corpo) são meramente

fenômenos dos quais se seguem os seres externos, ou melhor, são verdades aparentes e, como num sonho bem ordenado, essas percepções internas na alma devem dar origem às coisas externas, devido suas constituições, ou seja, através de sua natureza representativa que constitui seu caráter individual. Isto é o que faz todas as substâncias representarem o universo inteiro a seu próprio modo, de certo ponto de vista, e faz as percepções ou as expressões das coisas externas ocorrerem na alma em um dado momento, em virtude de suas próprias leis, como se num mundo a parte, e como se existisse somente Deus e a própria substância (AG, p. 143).⁵

O universo como um reflexo das percepções monádicas é uma visão, num primeiro momento, um tanto estranha à razão muitas vezes condicionada a uma concepção viciosa sobre a realidade exterior. Entretanto, com o decorrer dessa dissertação, ficará mais claro o papel da matéria na filosofia de Leibniz.

Exposto o conceito geral de percepção, resta-nos saber onde exatamente elas se encontram e se existe algum ponto fixo no qual possamos localizá-las. Não existe um lugar definido no qual elas estejam, pois a idéia de espaço e tempo não passa de invenção do ser humano, na pretensão de facilitar os problemas e as soluções científicas. O tempo não passa de uma sucessão de acontecimentos, e o espaço é a ordem que estes se plasmam exteriormente. Considerá-los uniformes tem a simples função de quantificar o movimento destes acontecimentos. A nós, cabe observar as mudanças num tempo conceitualmente uniforme, mas não de fato, o que acontece também ao espaço (cf. NE, II, xiv, §26). Ambos, tempo e espaço estabelecem a ilusória idéia de imobilidade ao movimento.

Costumamos encontrar dificuldades em imaginar algo que não podemos localizar, contudo veremos, no tópico seguinte, o que Leibniz nos elucida sobre

⁵ *Novo Sistema da Natureza e da Comunicação das Substâncias in Philosophical Essays*, 1989.

a abrangência que a percepção alcança sobre as coisas sensíveis, e constataremos que essa dificuldade se dilui diante da explicação apresentada por ele.

1.1. SUBSTÂNCIA-MÔNADA

Leibniz adverte que sendo a matéria dividida infinitamente seria incoerente considerá-la a substância das coisas, afinal, uma substância não pode estar propensa à divisão. Ele propõe em seu *Novo Sistema da Natureza e da Comunicação das Substâncias*⁶ a impossibilidade de se admitir a matéria extensa e sem força própria como unidade substancial das coisas. Faz menção às máquinas artificiais, pois elas deixam de ser máquinas quando divididas, coisa que não deveria acontecer, caso fossem realmente substância das coisas:⁷

Uma máquina feita pela arte do homem não é máquina em cada uma de suas partes. Por exemplo: o dente de uma roda de latão tem partes ou fragmentos que não nos são mais algo de artificial, e não têm mais nada que [seja] marca da máquina em relação ao uso a que a roda era destinada. Mas as Máquinas da Natureza, quer dizer, os corpos vivos, são ainda máquinas em suas menores partes, até ao infinito. É o que faz a diferença entre a natureza e a arte, quer dizer, entre a arte divina e a nossa (DM, § 64).

As máquinas naturais, mesmo divididas, permanecem máquinas em suas menores partes:

⁶ Leibniz, diferentemente de Aristóteles, não via contingente como acidente, mas como algo cujo oposto seria logicamente possível, trataremos este assunto posteriormente.

⁷ Leibniz entende por “máquina”, tanto a artificial como a natural, um agregado total de corpos sofrendo alguma ação. Os corpos são agregados que, como tais, não têm realidade, senão fenomenal (Fichant, 2005, p. 30-34).

É preciso, portanto, saber que as máquinas da natureza têm um número de órgãos verdadeiramente infinito, e são tão bem munidas e à prova de todos os acidentes, que não é possível destruí-las. Uma máquina natural permanece ainda máquina em suas menores partes (DM, §65).

As características essenciais de uma máquina artificial desaparecem quando ela é dividida. O contrário acontece com a máquina humana, que mesmo dividida permanece máquina em cada uma de suas partes.

Percebi que a consideração da mera massa extensa é insuficiente e que também se deve empregar a noção de força (...). Após muito meditar, vi que é impossível encontrar princípios da verdadeira unidade tão somente na matéria ou em algo que seja apenas passivo. (...) Então, a fim de alcançar essas unidades reais, tive que recorrer a um átomo formal, o que pode ser denominado um ponto real e animado ou um átomo de substância, que deve conter algum tipo de forma ou atividade a fim de produzir um ser completo (SN, §§2 e 3).

Ponderando sobre as diferenças entre as máquinas artificiais e as naturais, Leibniz deduz a existência de uma substância *simples* (sem partes) que constitui as coisas compostas e as denomina: *mônada* (unidade). Por não conter partes, a mônada não possui extensão, nem figura, nem divisibilidade possível, nem pode perecer naturalmente. É a substância que constitui todas as coisas, provocando o desenvolvimento ou a decomposição dos seres, mas jamais poderá ser gerada ou exterminada, a não ser pela vontade de Deus⁸.

⁸ Com relação à substância individual organizada (animal), as observações de Swammerdam, Malpighi e Leeuwenhoek conduziram Leibniz a crer que a aparente geração da substância é um desenvolvimento. Portanto, com relação à morte, o animal não seria passível à destruição total, mas somente haveria “destruição das partes mais grosseiras (tornando-o) tão pequeno quanto pouco perceptível aos nossos sentidos” (SN, §7) fazendo-o assumir a forma de ponto físico.

“Uma substância só poderá começar por criação e só por aniquilamento perecer” (DM, §9).

Leibniz afirma que um agregado de matéria não é verdadeiramente um, mas sim um conjunto de substâncias simples, assim, não pode ser visto como uma identidade única:

A simplicidade da substância não impede a multiplicidade das modificações, que devem ocorrer simultaneamente nesta mesma substância simples, e devem consistir na variedade das relações com as coisas que estão fora (NG, §2).

Segundo o princípio *dos indiscerníveis* concebido por Leibniz, não pode existir nada que seja absolutamente igual à outra coisa, diferindo apenas na quantidade. Leibniz considera cada mônada como uma individualidade única, pois “todo indivíduo é uma espécie ínfima⁹” (DM, p. 90), visto diferenciarem-se qualitativamente entre si:

Portanto, nada é absolutamente real, a não ser as substâncias individuais (...) A matéria, enquanto fenômeno é como um agregado de um número infinito de partes (...) um agregado não pode ter realidade, a não ser aquela que deriva de seus constituintes, posto que somente as substâncias são reais (RUSSEL, 1968, p.115).

Deus produz constantemente as substâncias como se fossem emanções de seu próprio pensamento, portanto elas são o próprio espelho de Deus, ou seja, possuem em si todas as idéias possíveis, bem como tudo que por Deus fora determinado. “Pode-se até dizer que toda substância traz de certa maneira o caráter da sabedoria infinita e da onipotência de Deus e imita-o o

⁹ Dedicamos um subtítulo à individuação a fim de compreendermos melhor a visão leibniziana acerca da matéria, por hora adiantamos que a idéia de substância foi muito bem notada pelos escolásticos, que, como adverte Leibniz, falharam somente ao querer aplicar esta noção aos fenômenos particulares (cf. DM, §10).

quanto pode. Pois exprime, embora confusamente, tudo o que acontece no universo (DM, §9)".

Cada substância singular exprime todo o universo à sua maneira; e em sua noção estão compreendidos todos os seus acontecimentos com todas as circunstâncias e toda a série das coisas exteriores. Seguem-se daqui vários paradoxos consideráveis, entre outros, por exemplo, não ser verdade duas substâncias assemelharem-se completamente e diferirem apenas *solo número* (DM, §9).

Deus as constituiu de maneira a serem impenetráveis, ou seja, delas nada emana e nelas nada penetra. No §7 da *Monadologia*, Leibniz deixa claro que todas as modificações que ocorrem em uma mônada derivam única e exclusivamente de sua própria natureza interna. Não há meio também de explicar como a mônada possa ser alterada em seu íntimo por outra criatura qualquer, pois nada se lhe pode transpor, nem se pode conceber nela algum movimento interno que, de fora, seja excitado, dirigido, aumentado ou diminuído no seu interior, como nos compostos, onde há mudança entre as partes. As mônadas não têm janelas por onde qualquer coisa possa entrar ou sair. Nem mesmo os acidentes podem se destacar e nem passear fora das substâncias. Assim, nem substância e nem acidente, podem vir de fora para dentro da mônada. As mônadas são, portanto, tais, que nada nelas se altera em função de algum tipo de interferência externa. Todas as suas modificações são causadas a partir do que a própria mônada é. Isso pode ser compreendido como uma espécie de desdobramento da essência singular própria a cada uma delas. As mônadas não são, assim, influenciadas de nenhuma maneira por outras mônadas, isto é, nada que ocorra em uma mônada, ou que seja próprio dela, será causa ou efeito de uma modificação em outra mônada. Isso significa

que nada concernente à determinação de uma mônada se refere a qualquer outra mônada.

Nela nada se poderia introduzir, nem se poderia conceber nela nenhum movimento interno que pudesse ser excitado, dirigido, aumentado ou diminuído em seu interior, como é possível nos compostos, em que há mudanças entre as partes. As mônadas não têm janelas pelas quais algo possa entrar ou sair. Os acidentes não poderiam separar-se nem se pôr a vaguear fora das substâncias, como faziam outrora as espécies sensíveis dos escolásticos (MO, §7).

Após ter uma nova perspectiva de visão do mundo, Deus decide se irá ou não criar uma determinada substância, depois de prever que tal criação será conveniente.

Cada substância é como um mundo à parte, independente de qualquer outra coisa, excetuando Deus. Assim, todos os nossos fenômenos, quer dizer, tudo quanto alguma vez pode acontecer-nos, são apenas conseqüências de nosso ser (DM, §14).

Leibniz afirma que a substância é impenetrável (comunicando-se diretamente apenas com Deus), e conseqüentemente, além de não poder receber influências externa, possui como causa do que lhe acontece, seus próprios estados internos.

(...) Com efeito, nada pode acontecer-nos além de pensamentos e percepções, e todos os nossos futuros pensamentos e percepções não passam de conseqüências, embora contingentes, de nossos pensamentos e percepções anteriores (DM, §14).

A percepção da substância, ou seja, sua forma de representar o que é composto (externo) no simples, não é produto da ação do objeto sobre a

mônada, mas por já existir nela, constitui, assim como a apetição,¹⁰ seus estados internos:¹¹

Ora, se bem que todos exprimam os mesmos fenômenos, nem por isso as suas expressões se identificam; é suficiente que sejam proporcionais. Do mesmo modo, vários espectadores crêem ver a mesma coisa e efetivamente se entendem entre si, embora cada um veja e fale na medida da sua perspectiva (DM, §14).

Os pontos de vista de cada mônada expressam o próprio universo, mas, apesar de serem quase que oniscientes, elas são limitadas pelo fato de possuírem algumas percepções confusas e outras claras. As mônadas existem como:

- (i) *Alma* ou a *enteléquia* primitiva, ou força ativa;
- (ii) a *matéria primeira*, ou potência passiva primitiva;
- (iii) a mônada completada (acabada);
- (iv) a *massa* ou matéria segunda, quer dizer, a *máquina orgânica*, para a qual concorrem inúmeras mônadas subordinadas;
- (v) o *animal*, que une a mônada dominante (alma superior) na máquina (cf.: AG, p. 177).

Um agregado de mônadas constitui as máquinas e podem ser de dois tipos: a *máquina da natureza* e a *máquina orgânica*. A máquina da natureza é um agregado de substância, ou seja, *massa*, pois a ausência da *mônada dominante* (alma superior) a torna um substanciado, ou um conjunto

¹⁰ A apetição é como uma volição ou princípio de mudança, por ser o meio que possibilita a passagem de uma percepção a outra.

¹¹ São os estados internos de uma substância que, segundo o princípio dos indiscerníveis, fazem com que elas difiram uma da outra, visto que, não existindo substâncias idênticas, mas somente semelhantes, o diferenciador deve ser suas próprias propriedades internas, os estados internos que trazem consigo.

de substâncias. Já a máquina orgânica (os animais e os vegetais) consiste na união desta massa segunda com a mônada dominante.

1.1.1 A INDIVIDUAÇÃO

O que diferencia uma mônada da outra? O grau de clareza ou confusão com que expressam suas percepções. Essas variações refletem-se nas representações exteriores, portanto, as mônadas não se diferem no que representam, mas em *quão bem* representam, ou seja, a representação “externalizada” pelas mônadas pode tornar-se menos confusa à medida que as percepções das mônadas tornam-se mais claras. O grau de clareza das percepções difere de uma mônada para outra, não podendo existir níveis de clareza semelhantes, nem mônadas iguais.

A alteração das percepções, impulsionada pela apetição, significa transformação e desenvolvimento na mônada, sendo que as transformações representadas são proporcionais e simétricas às percepções sofridas internamente pela própria mônada, como se fossem reflexo delas. Leibniz afirma: “Nós mesmos experimentamos¹² uma multiplicidade na substância simples quando descobrimos que o menor pensamento de que nos apercebemos envolve uma variedade no objeto” (MO. §§ 15, 16).¹³

¹² Nesta citação, quando Leibniz relaciona a multiplicidade de substâncias simples experimentadas por nós com a variação de nossos pensamentos, tem-se a impressão que ele compara nossa faculdade de pensar àquela de Deus. As mônadas emanam de nossos pensamentos, assim como fluiriam do “pensamento” de Deus.

¹³ Quando nos conscientizamos e pensamos que a variação sofrida pelas coisas é decorrente de nossas percepções que as expressam, nos damos conta da multiplicidade existente em cada mônada, pois a mônada contém em si o próprio universo.

Conforme o ordenamento estrutural das relações internas das percepções das mônadas estabelece-se externamente o mesmo ordenamento, obedecendo às *leis de relação*, tal ordenamento assegura a *harmonia pré-estabelecida*. Contudo, a menor alteração sofrida pela percepção da mônada acarretará na variação da coisa representada, por conseguinte, a divisão das espécies dos seres se reduz às diferenças mais diminutas das percepções da mônada. “Com rigor matemático, a menor diferença que torna duas coisas dessemelhantes em qualquer ponto, faz-las diferentes quanto às espécies” (NE, IV, vii, § 6).

Cada mônada, formadora dos seres existentes, possui, em si mesma, qualidades¹⁴ que as faz diferente de qualquer outra. Essas qualidades são a garantia de que, na natureza, não existe nada que seja completamente igual, podendo até ocorrer semelhanças, mas não indivíduos iguais, isto, por diferirem em alguns aspectos. Isso acontece mesmo com indivíduos da mesma espécie (de acordo com a classificação biológica). Sendo assim, a espécie não é o último grau de diferença na classificação dos seres, pois as diferenças continuam mesmo entre indivíduos da mesma espécie, chegando, portanto, à *espécie ínfima*, ou seja, à substância. O indivíduo ou *espécie ínfima* é, portanto, a própria substância simples, a mônada. “Dois indivíduos físicos não serão nunca perfeitamente idênticos e, o que é mais, o mesmo indivíduo passará de espécie para espécie, pois ele nunca é inteiramente idêntico a si mesmo por mais do que um momento” (NE, IV, vii, § 11). A própria mônada,

¹⁴ O filósofo considera que as percepções não deixam de ser *qualidades* ou *potências*, por expressarem constantes modificações à substância. Se nós temos por potência a possibilidade da mudança, verificamos em contrapartida que a mudança é o ato de uma possibilidade. “As verdadeiras potências nunca são meras possibilidades. Existe sempre nelas tendência e ação” (NE, II, i, § 9).

que é considerada por Leibniz como espécie ínfima sofre constante variação no grau de suas percepções, portanto nem elas mesmas permanecem iguais a si mesmas.

Espécie ínfima é um conceito muito importante dentro das noções desenvolvidas por Leibniz. Dele o filósofo infere o *princípio da contradição ou dos indiscerníveis*¹⁵, segundo o qual dois seres reais diferem sempre por caracteres intrínsecos e não por suas posições no tempo e no espaço.

O princípio dos *indiscerníveis* ou da *não-contradição* considera necessário distinguir dois corpos aparentemente iguais, pois, na realidade, não há duas espécies iguais na natureza, ou seja, não há nada que não possa ser diferenciado, portanto, não existe nada que seja exatamente igual.

E segundo o princípio interno de distinção, “embora haja várias coisas da mesma espécie é, todavia verdade que jamais existem coisas inteiramente iguais” (NE, II, xxvii, § 1).¹⁶ Podemos diferenciar as coisas e os seres até suas características¹⁷ mais peculiares e únicas, chegando à espécie ínfima, o que define o *princípio da individuação*.

O princípio de individuação reduz-se, nos indivíduos, ao princípio da distinção, do qual acabo de falar. Se dois indivíduos fossem perfeitamente semelhantes e iguais e (em uma palavra) *indistinguíveis* por si mesmos, não haveria princípio de individuação;

¹⁵ Leibniz utiliza o princípio dos indiscerníveis para defender a idéia da inexistência de um espaço absoluto: “Afirma-se que Deus pode ter boas razões para colocar dois cubos perfeitamente iguais e semelhantes (...). Deus não escolherá um cubo, sem ao mesmo tempo escolher seu lugar, e ele não estabelecerá nunca uma escolha entre indiscerníveis” (CC, 5L, § 66).

¹⁶ A noção apontada por Leibniz refere-se ao princípio dos indiscerníveis que estabelece a impossibilidade de existir na natureza algo que não seja discernível, em algum ponto, de outro.

¹⁷ Essas características são os estados internos da substância, a própria percepção da mônada, ou seja, seu ponto de vista e suas apetições ou tendência de uma percepção para outra.

ousaria até dizer que não haveria distinção individual ou diferentes indivíduos nesta condição¹⁸ (NE, II, xxvii, § 3).

A identidade do indivíduo, apesar de sofrer modificações provocadas tanto pelas reflexões como pelos sentimentos não deixa de ser sua própria identidade, por isso Leibniz a denomina de *identidade real*, cuja modificação ocorre na *passagem próxima*¹⁹. Por este motivo, ele explica que não é pelo fato de não lembrarmos de nossa infância, quando ainda estávamos no berço, que não somos mais a mesma pessoa. Assim, o filósofo postula que a consciência não pode ser a causa da eterna preservação de nossa identidade. "A própria pessoa que se sente a mesma supõe a identidade real a cada *passagem próxima* acompanhada de reflexão ou sentimento do eu: visto que a percepção íntima e imediata não pode enganar naturalmente" (NE, II, xxvii, §9). Mesmo que por motivo de doença ocorra o esquecimento, as pessoas que convivem conosco poderiam dar testemunho da modificação que sofremos durante esse tempo de doença, bem como nos punir se nesse período em que estivemos semi-conscientes cometêssemos algo de mal. Pode acontecer de sermos enganados pelos outros ou por nós mesmos, mas, neste caso, a aparência seria falsa. Estes exemplos concordam com a afirmação de que a permanência da identidade é independente da consciência.

¹⁸ Em referência à distinção, Leibniz esclarece porque discorda com a teoria atômica da época: "Eis porque a noção dos átomos é quimérica e provém apenas das concepções incompletas dos homens. Pois se houvesse átomos, isto é, corpos perfeitamente duros e perfeitamente inalteráveis ou incapazes de mudanças interna e que só pudessem distinguir-se entre si por grandeza e figura, é manifesto que, sendo possível que sejam da mesma figura e grandeza, haveria indistinguíveis entre si, os quais só poderiam ser discernidos por denominações externas sem fundamento interno, o que contraria aos maiores princípios da razão" (NE, II, xxvii, § 3).

¹⁹ A partir da colocação do filósofo de que "os maus estão fortemente propensos a crer que a outra vida é impossível" (NE, II, xxi, § 70), inferimos que a passagem real trata de uma vida para a outra.

A identidade é formada pela continuidade ou ligação das percepções que constituem o indivíduo. O conjunto ordenado de predicados ou percepções que compõe a substância determina sua individualidade. Isso implica que todos os modos²⁰ de uma dada substância referem-se à ordem dos predicados que expressam sua individualidade. “(...) A natureza de uma substância individual ou de um ser completo consiste em ter uma noção tão perfeita que seja suficiente para compreender e fazer deduzir de si todos os predicados do sujeito a que se atribui esta noção” (DM, § VIII).

As impressões do que ocorreu em vidas passadas a um ser imaterial ou espiritual, bem como pressentimentos do que acontecerá permanecerão presentes nas percepções que o indivíduo traz consigo. Como Leibniz tão sabiamente expõe: “o presente está prenhe do futuro” (NG, § 13). Portanto, existindo a capacidade de considerar distintamente uma percepção, certamente será possível, a partir desta, chegar aos acontecimentos futuros. “Aquele que tudo visse poderia ler em cada um o que se faz em toda parte e mesmo o que ocorreu e ocorrerá, observando no presente o que está distante tanto nos tempos como nos lugares” (MO, §61). Contudo, por tais sentimentos de recordação ou de pressentimento serem percepções pequenas e insensíveis, torna-se difícil notarmos.

Levando-se em conta a possibilidade de conseguirmos nos aperceber das pequenas percepções, nesse caso seria possível provar a identidade moral, fazendo aparecer a identidade real. Portanto, se acaso

²⁰ Os modos constituem a *relação* que o entendimento estabelece sobre as qualidades.

tivéssemos capacidade para apercebermo-nos das percepções que compõem a espécie, teríamos como detectar o indivíduo real (NE, II, xxvii, § 14).

Considerando a *identidade real* como item indispensável na constituição do indivíduo, Leibniz desengana qualquer caracterização do indivíduo, por acreditar ser impossível conhecê-los exatamente, afinal, além de existir circunstâncias que se repetem sem poderem ser distinguidas, as menores diferenças que o indivíduo traz em si (pequenas percepções) são insensíveis, de modo que este sofre constantes modificações por interagir com o todo, pois, por mais distante que a representação esteja, com maior ou menor intensidade, ela desvelará as mudanças sofridas na substância:

Como tudo é pleno, e toda a matéria, por conseguinte, ligada, e como no pleno todo movimento produz algum efeito sobre os corpos distantes segundo a distância, de maneira que cada corpo é afetado não só por aqueles que o tocam, ressentindo-se de algum modo de tudo o que lhes ocorre (...) (MO, § 161).

Imaginar que possa existir individualidade considerando apenas a consciência é o mesmo que romper a ligação entre sensível e insensível, ou seja, entre as percepções ocultas, visto não termos consciência ou não nos apercebermos da maioria delas. Por conseguinte, é necessário considerarmos as percepções inconscientes que povoam a substância e das quais ela jamais se dissocia, podendo, apenas, vir a conscientizar-se destas percepções, pois para Leibniz, “toda a confusão um dia será esclarecida” (NE, II, ix, § 14).

Apesar da impossibilidade de apreendermos o indivíduo real, possuímos algo de essencial, isto é: “às substâncias é essencial o agir, às substâncias criadas é essencial o sofrer, ao espírito é essencial o pensar, aos

corpos é essencial a extensão e o movimento" (NE, III, vi, § 1). Assim, o indivíduo sempre pertencerá a alguma espécie. Não podemos definir as espécies como sendo "belo, sábio, visível e palpável", pois estes adjetivos são acidentais ao indivíduo, que num certo momento as possui, mas pode deixar de tê-los. "Os corpos organizados, bem como outros, só permanecem os mesmos na aparência, e não se falarmos a rigor" (NE, II, xxvii, § 4). "A verdade é que todo corpo é alterável, e alterado sempre e atualmente, de maneira que em si mesmo difere de qualquer outro" (NE, II, xxvii, § 3). É mais ou menos como o rio, que sempre muda de água" (NE, II, xxvii, § 4). Verificamos que há diferenças insensíveis nas substâncias, diferenças (percepções) que ignoramos e por este motivo seria insensato pretender conhecer a natureza específica da coisa por meio dos gêneros e das espécies; contudo, podemos nos aproximar da identidade real, que, para Leibniz, é a espécie ínfima do ser, pela meditação sobre as percepções apercebidas por nós.

1.2 A NATUREZA DA PERCEPÇÃO

A percepção para Leibniz difere tanto do senso comum, como da concepção de percepção da maior parte dos filósofos, que a concebem como a forma da mente capturar as impressões que chegam do exterior. Um ato passivo no qual a mente, por meio de sensações sincronizadas aos estímulos emitidos pelo cérebro, percebe o objeto extenso. Para Leibniz, a percepção pertence à natureza interna da mônada, e, portanto, não provém do objeto.

O filósofo julga que a percepção não pode advir do exterior, pois é algo contido em nós, como se fossem códigos, dos quais as substâncias (mônadas) são dotadas. Tais códigos podem ser por nós decodificados à medida que são expressos externamente pela substância.²¹ Infelizmente, apesar de existir essa possibilidade, poucas são as pessoas que conseguem refletir sobre elas ou, ao menos, notá-las, e menos ainda conseguirão decodificá-las. Essa visão totalmente inovadora do conceito de percepção estará entrelaçada com a totalidade de seu sistema ontológico e metafísico.

No primeiro parágrafo dos *Princípios da Natureza e da Graça*, Leibniz caracteriza a percepção como a forma da substância representar o que é composto no simples, “a expressão da pluralidade na unidade”. Representar o que é composto no simples consiste em expressar uma multiplicidade de “pensamentos” (conscientes ou inconscientes) na forma de uma pluralidade externa que nos dê a impressão de unidade.²²

As percepções expressam as coisas e os fenômenos externos vivenciados pela mônada; essa multiplicidade externa não passa de expressão do próprio *ponto de vista* da mônada: “O estado passageiro que envolve e representa a multiplicidade na unidade ou na substância simples não é outro senão a percepção” (DM § XIV). Leibniz estabelece a percepção como a representação da multiplicidade na unidade, ou igualmente, de muitas coisas em uma, “a representação do composto no simples” ou “do externo no interno” (NG, §§ 2, 4). Considera a representação como “a relação constante e regular entre o que pode ser dito de uma coisa e de outra [da coisa representada e da

²¹ Note-se que, para Leibniz, a alma também é uma substância (isto é, mônada).

²² Os termos, “composto” e “multiplicidade”, são usados por Leibniz para denotar “corpo”. Examinaremos melhor este assunto no segundo capítulo.

percepção expressa]. É assim que uma projeção em perspectiva expressa a original” (Leibniz *apud* Russell, p. 132).

A expressão pode ser compreendida como uma forma de comunicação²³ entre as mônadas, na qual elas exprimem seus *estados internos* (suas percepções) e observam o que foi expresso, podendo, aprimorar-se. “*Estados internos*”, para Leibniz, é um conceito que designa aquilo que compõe a mônada, ou seja, suas percepções e *apetições*.²⁴

As mônadas expressam o seu mundo a partir de seus estados internos, os quais serão mais claros quanto mais próximos a ela, e vice-versa:

(...) cada mônada, cuja natureza sendo representativa não poderia ser limitada, por coisa alguma, a representar só uma parte das coisas, ainda que seja verdade que essa representação seja apenas confusa quanto ao detalhe de todo o universo, e distinta apenas em uma pequena parte das coisas, isto é, naquelas que são ou as mais próximas ou as maiores com relação a cada uma das mônadas; de outro modo cada Mônada seria uma divindade (MO, § 60).

Estando a *percepção* contida no interior da mônada, Leibniz não a considera como algo que provenha da ação do objeto externo sobre aquele que o percebe, essa percepção já existe dentro da mônada (da substância), e, portanto, dentro do sujeito (alma) que percebe.

Na tentativa de demonstrar a noção de que as percepções são internas à substância, Leibniz cita como exemplo o caso de um homem surdo e mudo de nascença, cuja profissão era entregar correspondências e com o

²³ Essa comunicação é a forma da mônada enxergar-se no que expressa. Como se o exterior fosse um espelho dela própria “comunicando-lhe” onde deve aprimora-se.

²⁴ A palavra *apetição* segundo Leibniz significa a ação do princípio interno da mônada que produz a mudança ou a passagem de uma percepção a outra.

passar do tempo tornou-se cego, mas continuou a desempenhar sua função. Acresce: se caso um cego de nascença voltasse a enxergar, será que conseguiria identificar um cubo e uma esfera, tendo durante o período de cegueira tateado esses e os reconhecido? Leibniz afirma que sim, embora, se não fosse avisado a princípio da existência de tais objetos, teria dificuldades, até conseguir, por meio das sombras que delimitam as formas, distingui-los. Mas caso fosse desde o princípio orientado a diferenciar um globo de um cubo, conseguiria quase que de imediato, tirando, é claro, a confusão que deveria sentir por ter recuperado a visão (cf. NE, II, ix, § 10).

No exemplo acima citado, o homem cego identifica o cubo ou a esfera porque as percepções desses são-lhe internas, por isso ele não necessita da visão para lhe proporcionar tais percepções. Assentida a existência de percepções internas, verificamos no sistema de Leibniz um encadeamento de tal noção com o restante de suas idéias:

Uma vez que cada uma dessas almas [substância] exprime da sua maneira o que acontece fora e não pode ter nenhuma influência dos outros seres particulares, ou melhor, devendo haurir essa expressão do próprio fundo da sua natureza, é necessário que cada uma tenha recebido esta natureza (...) (NE, IV, x, § 10).

A percepção é o *ponto de vista* da mônada. Quando Deus²⁵ criou as mônadas, criou cada qual com seus próprios pontos de vista. Ou seja, das inúmeras perspectivas que Deus possui sobre o universo, Ele se utiliza de uma delas para compor o ponto de vista da mônada. Estes pontos de vista são

²⁵ A relação entre Deus e a mônada criada (que aproximaria a noção de representação leibniziana da neoplatônica) não é tão acessível em Leibniz quanto as outras questões. Hunter (cf. 1951, p. 163) discorre três caminhos que Leibniz poderia ter percorrido a esse respeito: (1). Deus pode ser comparado com a mônada e o mundo pode ser comparado com a percepção da mônada, por isso é dito que o universo é resultado de divina fulguração, emanação; (2). Diferença entre Deus e a criatura; e (3). Conciliação entre Deus transcendente e imanente.

justamente as percepções da mônada, que contém em si o próprio universo,²⁶ possuindo um ponto de vista único sobre ele:

Ora, em primeiro lugar, é bem manifesto que as substâncias criadas dependem de Deus, que as conserva e até continuamente as produz por uma espécie de emanção, como produzimos os nossos pensamentos. Pois Deus, virando, por assim dizer, de todos os lados e maneiras o sistema geral dos fenômenos que considera bom produzir para manifestar a sua glória, e observando todos os aspectos do mundo de todas as formas possíveis (porque não existe nenhuma relação que escape à sua onisciência), faz com que o resultado de cada visão do universo, enquanto contemplado de certo lugar, seja uma substância expressando o universo conforme a essa perspectiva, desde que Deus ache conveniente realizar o seu pensamento e produzir esta substância (DM, § XIV).

Leibniz esclarece que apesar de possuírem o infinito em si,²⁷ as substâncias são limitadas, afinal são constituídas de um ponto de vista particular do universo e de tudo o que nele se encontra. “Toda pessoa ou substância é como um pequeno mundo exprimindo o grande” (DM, § XVI). O que as limita é o fato de terem, além das percepções claras, algumas percepções confusas, “o que em nós é limitado poderá chamar-se a nossa natureza ou potência” (DM, § XVI).

Todas as mônadas são fechadas a qualquer interferência externa a ela, e vivem num mundo que lhe é particular, pois representam seus estados internos. Portanto, o fato de a mônada ser fechada, mas exprimir o exterior com o qual convive, faz com que, necessariamente, suas percepções sejam internas. Mas, apesar desta notória autonomia monádica, as substâncias

²⁶ As mônadas trazem em si o próprio universo, por isso não recebem nada de fora, sendo fechadas.

²⁷ As mônadas são constituídas por estados internos, percepções ou um ponto de vista peculiar de todo o universo, logo, elas contêm o infinito em si mesmas.

possuem além de percepções claras, algumas confusas, como veremos a seguir.

1.3 PERCEPÇÕES CLARAS

As *percepções claras (enteléquia)* são distintas e tornam a substância ativa, enquanto as *percepções confusas (matéria primeira)*, a tornam passiva diante da ação de outra percepção. A substância que expressa uma percepção clara exerce ação sobre a substância que não a expressa, cuja percepção está confusa. O filósofo acrescenta que àquela que possui percepção clara, só lhe cabe a ação, a outra que recebe a ação, que é passiva diante dela, por possuir percepções confusas, só lhe resta a afecção (cf. DM, §XV).

A mônada que percebe tudo distintamente atua sobre aquela que percebe as coisas obscuramente. Por isso Leibniz afirma que a criatura *age externamente* enquanto perfeita e *sofre* enquanto imperfeita. “Também sustento que toda ação de uma substância que tem perfeição implica algum *prazer* e toda paixão, alguma *dor*; e *vice-versa*” (DM, § XV). Em nota, a tradutora e comentadora Moura Lacerda acrescenta: “Portanto a ação e a paixão são limites de graus de percepção. E uma ação, ou percepção clara de uma substância, corresponde a uma paixão de outra, de modo que tudo é harmônico no mundo” (cf. DM, p. 96). E são estes graus de variação entre percepções claras e confusas que repercutirão na “fenomenização”

“externalizada” e vivenciada pela mônada. Pois para Leibniz, os fenômenos²⁸ externos e os corpos materiais²⁹ não passam de aparências sensíveis que se contrapõem à realidade, não podendo ser considerados como realidade concreta.

Assim, todos os nossos fenômenos, quer dizer, tudo quanto alguma vez pode acontecer-nos, são apenas conseqüências de nosso ser [...] Com efeito, nada pode acontecer-nos além de pensamentos e percepções, e todos os nossos futuros pensamentos e percepções não passam de conseqüências, embora contingentes, de nossos pensamentos e percepções anteriores (DM, § XIV).³⁰

É, portanto, mediante a variação no grau de clareza das percepções que existe a atividade ou a passividade da mônada. As percepções de uma substância se alternam devido às apetições (tendências, impulsos, inclinações da mônada). Ou seja, as apetições interferem na alternância de percepções que a mônada terá; vale lembrar que todas as formas de percepção são inerentes à mônada. Temos então, como apetição, a volição, ou *princípio da mudança*, isto por ser o meio que possibilita a passagem de uma percepção para outra, contudo o apetite nem sempre pode alcançar inteiramente toda a percepção a que tende, mas sempre obtém algo dela e chega às percepções novas (cf. MO, §§ 15, 16).³¹

Podemos notar que a concepção de percepção leibniziana é fortemente influenciada pela teoria da percepção platônica sobre as idéias

²⁸ Os filósofos modernos consideravam *fenômeno* como aparência, oposta à realidade. Essa concepção só perderá tal significado a partir do século XVIII (Abbagnano, p. 436).

²⁹ Veremos o conceito de matéria detalhadamente no tópico a seguir e no último capítulo.

³⁰ Leibniz, diferentemente de Aristóteles, não via contingente como acidente, mas como algo cujo oposto seria logicamente possível, trataremos desse assunto à frente.

³¹ Para Leibniz, quando nos conscientizamos e pensamos que a variação sofrida pelas coisas é decorrente de nossas percepções que as expressam, damos-nos conta da multiplicidade existente em cada mônada, pois a mônada contém em si o próprio universo.

remanescentes. Platão considerava que as idéias perfeitas encontravam-se no mundo das formas inteligíveis, e que nossa alma as teria vislumbrado quando desencarnada. Apesar de Leibniz ser contrário à metempsicose³² da qual Platão é adepto, ele compartilha a teoria de que possuímos percepções internas prontas daquilo que é “externalizado” (cf. DM § 26).

1.4 PERCEPÇÕES CONFUSAS

Tudo o que de externo há, provém das percepções confusas que são a própria matéria prima das coisas. Por ser passiva, a *matéria primeira* (matéria prima) é representação da percepção confusa. Conseqüentemente, não age, mas sofre a ação. Sendo a *matéria primeira* expressão das percepções confusas da mônada, podemos inferir que as representações “externalizadas” pela alma, e expressas como corpo e fenômenos externos (pelos quais se pode reconhecer o ponto de vista da mônada), serão proporcionais às suas prévias percepções: “Quer dizer que cada ser vivo ou dotado de percepção assim permanecerá sempre, e guardará sempre órgãos proporcionais” (PS, p. 344). E quanto mais próxima a coisa representada estiver da mônada, mais clara é a sua percepção, e a medida que esta representação for se distanciando, proporcionalmente aumentará o grau de confusão à mônada.

Deus, ao regular o todo, considerou cada parte e particularmente, cada mônada, cuja natureza sendo representativa não poderia ser limitada por coisa alguma, a representar só uma parte das coisas, ainda que seja verdade que essa representação seja apenas confusa

³² Metempsicose: teoria que afirma a possibilidade de um espírito desencarnar de um corpo, e em passagem para uma outra vida, encarnar.

quanto ao detalhe de todo o universo, e distinta apenas em uma pequena parte das coisas, isto é, naquelas que são ou as mais próximas ou as maiores (seus próprios corpos) (MO, § 60).

De acordo com o filósofo, as percepções são imprescindíveis à existência, pois do contrário essa se tornaria mera aparência, como no caso dos índios ao atribuírem “*anima*” aos relógios e às marionetes por desconhecerem que se trata de matéria inanimada (cf. NE, III, x, § 22). Mas a existência não envolve somente elementos físicos, ela abarca também o metafísico, que se refere às percepções da substância. Tais percepções, de maneira ordenada e exata, expressam o que há de externo a elas. Essas expressões constituem as coisas materiais.

A matéria, como expressão das percepções confusas, será considerada, pelo autor, como primeira ou segunda. A *matéria primeira* ou percepção confusa refere-se à própria mônada quando somada à entelúquia ou percepção clara. Dela provém toda impressão de matéria como unidade concreta. O conjunto de mônadas, todas contendo, cada qual, a matéria primeira, dará origem à *matéria segunda*. Portanto a matéria segunda é um agregado de mônadas.

As percepções confusas ou matéria primeira expressam o corpo dos animais e a matéria em geral (agregados), matéria segunda. Quanto aos animais, essa matéria segunda, ao receber a alma³³ dotada de memória,³⁴ deixa de ser um simples agregado de mônadas, tornando-se *máquina*

³³ Leibniz considera a alma como a mônada dominante (mônada central) que forma a massa, enquanto o agregado de mônadas (sem a mônada dominante) um organismo vivo.

³⁴ Nos animais a alma possui memória. Já nos seres humanos elas são dotadas de razão (espírito).

orgânica. Com relação ao restante dos seres, Leibniz considera *agregados* de mônadas.

Logo, as percepções confusas (*matéria primeira*) expressam-se externamente, em forma de *matéria segunda* (massa), mas de maneira confusa, o que nos leva, às idéias sensitivas também confusas:

As idéias sensitivas [constituem um resultado confuso da ação do corpo sobre nós] dependem dos detalhes das figuras e movimentos e as exprimem com exatidão, embora não possamos distinguir nela estes detalhes na confusão de uma multidão muito grande e pequenez das ações mecânicas que atingem nossos sentidos (NE, IV, vi, § 7).

A idéia de mundo concebida como expressão exata das percepções, podemos entender, de acordo com o sistema leibniziano, que as percepções apreensíveis pelos sentidos nos transmitem idéias confusas da realidade, apesar de expressarem ordenadamente a matéria primeira (percepção confusa). Como no caso da cor verde que guarda dentro de si partes menores que não conseguimos distinguir: a cor amarela e a azul (NE, IV, vi, § 7). Apesar de todas as substâncias trazerem em si percepções claras sobre as coisas, essas não são notáveis externamente, pois os sentidos não são suficientemente apurados para distinguir as idéias confusas.

(...) É principalmente a falta de conhecimento que temos das idéias distintas, escondidas nas confusas, que nos paralisa, e, mesmo quando tudo está distintamente exposto aos nossos sentidos ou ao nosso espírito, a multidão das coisas que cumpre considerar por vezes nos confunde (NE, IV, xvii, § 13).

Por ter percepções claras sobre tudo, mas não conseguir notar com distinção as coisas por ela expressa, é que o homem conhece o mundo de maneira confusa. Se acaso tivesse os órgãos dos sentidos penetrantes a ponto de notar as menores partes das coisas, ele não as notaria de maneira confusa, mas acharia tudo organizado. E quanto mais apurada fosse a sua sensibilidade, maior seria a nitidez com que observaria a realidade, chegando a notar que a divisão da matéria é infinita (cf. PR, p. 22).

1.5 A APERCEPÇÃO

A percepção, estado interior da Mônada representado nas coisas externas, difere da *apercepção*, pois esta última é o estado em que estamos conscientes de nossas percepções, tanto das claras como das confusas. Conhecida nas escolas filosóficas como *motus primo primi* (cf. NE, II, xxi, § 36), é o próprio conhecimento reflexivo das percepções, podendo ser entendida como auto-conhecimento ou auto-consciência. Não é um atributo de todas as almas, mas somente das racionais, havendo variações nos níveis de *apercepção* de uma alma racional para outra.

Leibniz estabelece três grandes classes na hierarquia das mônadas: a primeira se refere às mônadas puras. Tais mônadas puras são formas ou enteléquias que têm o mínimo de percepção e desejo; são parecidas com as almas, mas em nada poderiam, rigorosamente, ser consideradas almas, pois não possuem memória. A segunda classe é a das almas que possuem memória, sentimento e a atenção. A terceira classe é a dos espíritos (almas

racionais) e incluem uma hierarquia infinita de gênios e anjos, superiores ao homem e diferindo deste em grau. Definem-se pela autoconsciência ou *apercepção*, pelo conhecimento de Deus ou das verdades eternas, e pela posse daquilo que é chamado “razão”. Os espíritos, devido à *apercepção*, não espelham apenas o universo das criaturas, mas também Deus.

Leibniz salienta que apesar de os animais não possuírem entendimento no sentido de *intellectus*, são capazes de considerável “*apercepção*”, mas não no sentido estrito, pois notam algo, mas não exercem a faculdade de reflexão sobre o objeto observado. Ele exemplifica citando o caso do javali que se *apercebe de* uma pessoa quando esta grita. Este fato demonstra que os animais, algumas vezes, também se *apercebem*, embora não reflitam como os seres humanos (cf. NE, II, xxi, § 5).

Tanto a experiência sensível como a correta educação são indispensáveis à *apercepção*, porque através da experiência podemos observar o estágio de nitidez de nossas percepções,³⁵ e graças ao refinamento mental, podemos refletir sobre este. Por exemplo, quando refletimos sobre fenômenos expressos por percepções confusas e obscuras, os conduzimos a um melhor grau de clareza e distinção.

As *apercepções* podem nos conduzir às alegrias (momentâneas), e somadas à razão, nos conduzirão à felicidade, pois ensinam a regradar e ponderar as apetições, as quais, quando no comando, nos conduzem diretamente ao “precipício”, visto que as apetições, quando não conduzidas racionalmente, resultam em inesperados “choques”, que podem nos desviar da

³⁵ O estágio de nitidez das percepções varia gradativamente das percepções confusas para as claras.

direção certa. Em analogia, uma pedra cuja tendência é rumar ao interior da terra, durante esse percurso, choca-se com rochas e acaba por se desfazer, não chegando a realizar seu intento. Mas, se utilizarmos a razão poderemos ponderar sobre as conseqüências de nossos atos e adquirir o firme hábito de pensar, libertando nosso espírito das impressões presentes, por meio de um metódico hábito de conectar pensamentos, o que deve ser feito pela razão e jamais aleatoriamente.

A ponderação resultante do ato de pensar, mesmo não sendo tão sensíveis, como outrora quando pensávamos neles, precisa ser mantida em nossa mente, a isso Leibniz denomina *pense bem e lembre-se*, ou seja, devemos afirmar a nós mesmos onde estamos, e volvermo-nos em direção a nossa meta; assim elevar-nos-emos a condição de mestre de nós mesmos. Afinal, se estabelecermos leis certas e seguimo-las, indubitavelmente desfrutaremos uma alegria racional e constante, cuja continuidade constituirá a tão almejada felicidade futura, e assim, nas palavras do filósofo, desfrutaremos de prazer acompanhado de luz (cf. NE, II, xxi, §36). Para tanto, o homem deve cultivar uma educação que não o exima dos verdadeiros males, nem lhe oculte os verdadeiros bens.

Mas a quem essa firme educação não foi imputada, cujo espírito tornou-se fraco, por ter sido forjado na “moleza”, à menor tormenta o abala, e não consegue ser firme em sua meta, só lhe restando “buscar prazeres luminosos e razoáveis para opô-los aos dos sentidos, que são confusos, mas sedutores” (NE, II, xxi, § 35). Destarte, o refinamento e fortalecimento da alma são indispensáveis ao desenvolvimento da capacidade de reflexão.

1.6 PERCEPÇÕES INCONSCIENTES

No prefácio dos *Novos Ensaios*, Leibniz introduz o conceito de *percepção inconsciente*, que, como veremos, será o fundamento da *teoria da individualidade e da harmonia preestabelecida*.

Leibniz acredita existirem na alma verdades inatas que ela nunca conheceu: as “verdades inconscientes” (percepções claras não apercebidas) as quais só teremos consciência após reconhecê-las. Deste modo, o fato do espírito intuir as verdades eternas (verdades inconscientes) não implica que ele esteja consciente delas. Isto acontece quando o espírito expressa percepções das quais não se apercebe ou não tem consciência.

A faculdade que o espírito possui para conscientizar-se destas verdades eternas encontra-se em seu interior (na mente),³⁶ e não no exterior (na matéria segunda ou massa). Isto é, essas verdades são alcançadas por reflexão, quando tomamos consciência daquilo que anteriormente nos era oculto.

Com a afirmação de que possuímos percepções das quais ainda não temos consciência, Leibniz parece introduzir questões sobre o inconsciente que se aproximariam daquela elaborada pela psicologia do século XIX.³⁷ O filósofo

³⁶ *Mente*, na concepção de Leibniz é a soma da percepção clara e obscura, força ativa e passiva, a própria entelêquia unida à matéria primeira, em outras palavras mente é mônada (Carlin, 2002).

³⁷ “Na época de Freud, não havia nenhuma estrutura teórica adequada a partir da qual se pudesse rejeitar a idéia cartesiana de equacionar a mente com o que quer que se encontre no alcance da consciência. Em outras palavras, a consciência era geralmente considerada como o ponto de divisão entre a mente e o que não é mental” (Baldwin *apud* Güven Güzelbere, 1997). Todavia, a concepção corrente da transparência da mente em relação à consciência, encontrada em Descartes e Locke, possuía muitos críticos. Particularmente, Leibniz, em sua réplica visionária a Locke nos *Novos Ensaios*, pode ser visto como precursor de alguns desdobramentos importantes na psicologia duzentos anos à frente de seu próprio tempo,

sustenta que tudo depende das *percepções inconscientes*.³⁸ Os estados mentais inconscientes possuem importância absoluta devido à percepção, apesar de serem um estado de consciência, quando não notadas por nós, são consideradas inconscientes.

A percepção inconsciente é composta de *pequenas percepções* ou *percepções insensíveis*. As *pequenas percepções* são aquelas diminutas expressões das quais não nos apercebemos, uma vez que sua dimensão é demasiado pequena, e assim permanece no âmbito do inconsciente, sem que as notemos. Com o efeito de perspectivas infinitamente variadas, estas pequeninas percepções atribuem àquilo que expressamos e observamos um toque de inespecificidade, ou seja, emitem diversas qualidades não notáveis distinta e claramente, não podendo ser apontadas individualmente.

Por exemplo, a percepção clara da cor verde, que se deve a movimentos insensíveis da matéria sobre nossos órgãos sensoriais, na realidade é composta de outras percepções, a do azul e a do amarelo: é manifesto (...) que o verde se origina do azul e do amarelo mesclados (NE, II. ii. §1).

As pequenas percepções são as próprias qualidades sensíveis das coisas:

Essas pequenas percepções, devido as suas conseqüências, são, por conseguinte, mais eficazes do que se pensa. São elas que

especialmente com respeito à natureza e ao papel do inconsciente (cf. Baldwin *apud* Güven Güzelbere, 1997): "há milhares de indicações que nos levam a pensar que há em todos os momentos incontáveis *percepções* em nós, mas sem *apercepção* e sem reflexão (...) Numa palavra, *percepções insensíveis* [inconscientes] são de tão grande relevância na psicologia quanto os corpúsculos insensíveis o são na física, e é tão pouco razoável rejeitar as primeiras quanto as segundas, sob o pretexto de que estejam para além do alcance dos nossos sentidos" (Leibniz, pref. NE, 43).

³⁸ Percepções inconscientes são compostas pelas "*pequenas percepções*" (percepções que de tão diminutas, não nos apercebemos delas) e pelas "*percepções insensíveis*" (percepção cuja expressão não é notável). A seguir, veremos cada uma delas detalhadamente.

formam (...) essas imagens das qualidades dos sentidos, claras no conjunto, porém, confusas nas suas partes individuais, essas impressões que os corpos circundantes produzem em nós, que envolvem o infinito (NE, Pref., p.42).

A variabilidade provocada pelas pequenas percepções mantém a identidade única de cada substância, a qual Leibniz chamará de *variação insensível*. Como pudemos notar, estas pequenas percepções recebem esta denominação por não conseguirmos detectá-las; mas não deixam de ser percepções das mônadas e de garantir a qualidade e a variedade de tudo que existe.

Toda matéria possui percepções sensíveis e insensíveis, consideradas conteúdos da mônada, que, como sabemos, é um espelho do universo. Consequentemente, essas percepções não podem ser tomadas como falsas, isto é, são sempre verdadeiras, correspondendo exatamente àquilo que notamos. No entanto, Leibniz justifica porque não nos atentamos a este fato: “como a visão de Deus é sempre verdadeira, as nossas percepções igualmente o são, mas nossos juízos, que são apenas nossos, nos enganam” (DM, § XIV).

1.6.1 FUNÇÃO DAS PEQUENAS PERCEPÇÕES

As pequenas percepções existem com o propósito de aliviar as dores provocadas pelas sensações provenientes da distinção destas percepções. Leibniz sustenta que os sentimentos de prazer e dor são formas de

"impedimento notável", ou seja, se tivéssemos a real dimensão das percepções distinguindo-as totalmente das demais, teríamos uma dor tão intensa, ou, do mesmo modo, um prazer tamanho, que não seríamos capaz de suportar. Por isso, Leibniz afirma que o "Deus infinitamente sábio", deixou as percepções confusas, de modo que, por não podermos distingui-las em sua totalidade, não sofreremos o choque que elas nos provocariam caso as distinguíssemos. Pois se as pequenas percepções fossem suficientemente aumentadas nos causariam muita dor (cf. NE, II, xx, § 6).

A noção de dor traz consigo a idéia da *apercepção* de certas percepções que, outrora, eram confusas, mas quando distintas, nós as sentimos em sua intensidade total: "Quantos insetos engolimos prontamente sem nos dar conta, quantas pessoas não vemos que, tendo o olfato muito apurado, sofrem incômodos por isso, e quantos objetos incômodos veríamos, se a nossa vista fosse tão penetrante" (NE, II, xxi, § 41).

A fim de não sofreremos os incômodos que as pequenas percepções nos provocam, caso fossemos distintamente sensíveis a elas, a natureza tornou as dores delas provenientes, pequenas e imperceptíveis. Estas são *semidores*, cujo estímulo é causado pelos desejos. As *semidores*, com a função de abrandar tal situação nos tornam insensíveis às pequenas percepções. São, pois, pequenos alívios, dos quais não nos damos conta.

Transpomos as séries de *semidores*, ao seguirmos nossos prazeres e conseguirmos satisfazer nossos apetites; neste caso, alcançamos então, *semiprazeres*, de cujo conjunto obtemos o prazer completo. As *semidores* servem, devido as pequenas percepções que as constituem, como uma "ajuda

ou um impedimento notável" a fim de obtermos alguns prazeres e vencermos as dores maiores. Apesar disso, por não serem percebidas por nós, não chegamos a reconhecer os benefícios dessas pequenas percepções.

1.6.2 A INQUIETAÇÃO ORIUNDA DAS PEQUENAS PERCEPÇÕES

Leibniz caracteriza as pequenas percepções como *inquietações*, isto por serem confusas, insensíveis e incompreensíveis. Deixam a nossa alma sempre inquieta, como se faltasse alguma coisa, mas não conseguimos explicar exatamente o quê.

Nessa inquietação não conhecemos o que nos perturba, por serem pequenas solicitações imperceptíveis e confusas. A inquietação funciona como os impulsos, os quais Leibniz caracteriza como "pequenas molas". Por exemplo, no caso de nas paixões e inclinações sabermos muito bem o que queremos, estas também possuem pequenas percepções, o que acaba provocando inquietação.

Permanecemos constantemente inquietos devido às pequenas percepções. Somos inclinados por elas a algo, mas não nos apercebemos disto. Um exemplo é o caso de virarmos em determinada direção sem motivo aparente, contudo existe uma mescla de percepções entre as nossas ações e as do objeto (cf. NE, II, i, § 15).

O autor estabelece uma escala de percepções e suas respectivas inclinações: (i) inclinações insensíveis, das quais não nos apercebemos; (ii)

inclinações sensíveis, das quais, apesar de conhecermos a existência e objeto, desconhecemos sua formação; (iii) inclinações confusas, relativas ao corpo, mas que correspondem ao espírito; (iv) inclinações distintas, que são estabelecidas pela razão, neste caso conhecemos a força e a formação delas, destas originam-se os “prazeres mais apreciáveis”.

A grande quantidade de percepções e conseqüentes pensamentos mantêm o homem em constante estado de inquietação. Embora nos pareça ter um aspecto negativo, o filósofo atribui grande importância à inquietação, afirmando que, tal qual um pêndulo de relógio, sempre estará presente, não só em nossa alma (mônada superior), como também em nosso corpo, nos inclinando a busca do prazer. Essas inquietações são indispensáveis para sentirmos prazeres salutareos, “acompanhados de luz” (cf. NE, II, xxi, § 36). Mas isso só acontece quando as inquietações são somadas à ponderação racional, a fim de desviá-las de um final indesejável.

As inquietações assemelham-se às apetições, pois são essas inquietações que nos imputam um querer do qual não sabemos o porquê, e, o qual nos movimenta e nos impele à ação. Sentimo-nos inquietos, como afirma Leibniz, por desconhecemos as razões das nossas escolhas. Somos influenciados a certas decisões sem conhecermos exatamente os motivos (cf. NE, II, xx, § 6). Os motivos estão nas pequenas percepções ou nos pensamentos, os quais, como já vimos, estão suficientemente ocultos para que os notemos, diante da multidão de tantos outros que nos confunde.

Quando Leibniz utiliza o termo percepção remete aos casos gerais, relacionado a todas as enteléquias. Mas os pensamentos, diretamente

influenciados por estas, devem ser entendidos com referência apenas aos espíritos.³⁹

Nossos pensamentos, assim como nossas percepções, em sua maioria, também não são conscientes. Permanecem no campo do inconsciente, e são justamente estes pensamentos, dos quais não temos consciência, que nos inclinam a nossas escolhas. Leibniz afirma que a alma,⁴⁰ quando em vigília, sempre pensa, e estes pensamentos correspondem ao exterior; ao dormirmos, eles correspondem ao “conteúdo” do cérebro.⁴¹ “O corpo responde a todos os pensamentos da alma, racionais ou não, e os sonhos têm os seus vestígios no cérebro, tanto quanto os pensamentos daqueles que estão em vigília” (NE I, iii, §16). Por ser constituída de percepção, a alma (mônada superior)⁴² não deixa de pensar, do mesmo modo que não deixa de mover-se jamais. “Igualmente, um estado sem pensamento na alma e

³⁹ Relação da percepção com o pensamento: Primeiramente, devemos considerar que, para Leibniz, as percepções *não notadas* são denominadas *pequenas percepções*, as quais os seres humanos não se dão conta, por serem obscurecidas pelas percepções maiores. O mesmo acontece quando pensamos e verificamos que não é por não termos consciência de estarmos pensando, que não o estejamos. Assim como as *pequenas percepções* não são notáveis, grande quantidade dos nossos pensamentos também não é apreciada no momento, e é deixada de lado; muitas vezes nem ao menos notamos a presença dos pensamentos, dando a impressão de que não estamos pensando. O filósofo esclarece que caso tivéssemos consciência de todo pensamento que “sobrevoa” nossa mente, dedicaríamos à mesma atenção a um sem números de pensamentos nossos e de sensações e impressões das coisas a estes relacionados, o que seria humanamente impossível. Conseqüentemente, dos pensamentos emitidos pela alma, independentemente se em estado de vigília ou não, ela se aterá mais a determinados pensamentos do que a outros, contudo os pensamentos que não despertaram a atenção da alma nunca desaparecerão por completo, permanecerão despercebidos no interior das almas.

⁴⁰ O espírito consiste na razão ou nas faculdades racionais que a alma humana possui.

⁴¹ Neste ponto, Leibniz não se estende, mas deixa entender que os sonhos - pensamentos noturnos - possuem ligação com as “gravações inconscientes” (percepções, em grande parte, confusas).

⁴² Para Leibniz a mônada, constituída de entelêquia e matéria primeira, é alma, mas esta mônada simples difere do que Leibniz entende como mônada superior, que é a própria Alma, com capacidade de tornar um agregado (conjunto de mônadas simples) em um organismo. Neste caso, como Leibniz trata das idéias, refere-se especificamente à alma do ser humano, dotado também de espírito (mônada racional).

um repouso absoluto no corpo me parecem contrários à natureza" (NE. II, i, §9).

Os pensamentos podem ou não ser produzidos pelo espírito. Os não produzidos são os *pensamentos involuntários*. Estes pensamentos involuntários podem ser *externos*, quando resultam da sensação que os objetos externos exercem sobre nós, e *internos*, quando resultante das impressões que provêm das percepções precedentes, inclusive das novas ações.

Por as percepções interferirem nas formas de pensamentos, se nosso espírito se aperceber das imagens dos pensamentos involuntários, ele poderá intervir e "bloquear" a entrada de tais pensamentos. Conforme o temperamento e a vontade de cada um é possível ao espírito controlar a entrada das impressões internas e externas. Só assim é possível ao ser humano exercer controle sobre os próprios pensamentos e suas marcas sobre o corpo e o fenômeno, o que, nas palavras do filósofo é denominado *progressões do pensamento*. Essas progressões se efetivam quando alguns pensamentos são ultrapassados por outros que os superam em distinção e clareza. Isso conforme decisão do próprio ser humano, que escolhe as percepções que devem ou não registrar em sua mente.

O filósofo argumenta que apenas a razão e a vontade pode nos conduzir à felicidade, ao passo que o sentimento e o apetite, provenientes das inclinações, nos levam apenas ao prazer.⁴³ Verificamos na teoria de Leibniz

⁴³ O prazer em sua total dimensão é considerado um sentimento de perfeição, a dor um sentimento de imperfeição

que "não depende do homem ter esse ou aquele sentimento no estado presente, porém depende dele preparar-se para tê-lo e para não tê-lo a seguir" (NE, IV, xiii, § 1).

As inclinações e tendências formadas pelas percepções, conduzem-nos ao prazer ou a dor,⁴⁴ mas Leibniz argumenta que se percorrermos nosso caminho em direção aos prazeres ou em fuga às dores somente teremos decepções, pois esse seria o modo mais curto, mas não o mais racional.

O filósofo alerta sobre a importância de esquivarmo-nos de inclinações contrárias, as quais constituem tendências que desencadearão o desejo contrário ao de nossa meta inicial. As percepções que inclinam a pessoa a tender em direção contrária ao seu desejo estão no interior da própria alma, e o único modo de nos desvencilharmos desta armadilha em que nos permitimos envolver é desviando o espírito para outra coisa, ou algum desejo contrário. Leibniz evidencia que se tivéssemos alguém cuja função fosse nos chamar ao nosso dever, não nos desviaríamos com tanta facilidade, contudo, como isso não acontece, nós mesmos precisamos cumprir esta função de nos trazer de volta à meta. "O melhor é habituar-se a proceder metodicamente e acostumar-se a uma série de pensamentos, cuja conexão seja feita pela razão e não pelo acaso" (NE, II, xxi, § 47).

⁴⁴ A metafísica leibniziana postula que tanto as inclinações, como as paixões, os prazeres e as dores provêm da alma.

II. REPRESENTAÇÃO

A representação em Leibniz, provém da percepção e está associada à matéria, entendida como *coisa expressa*. Na época de Leibniz, *expressão* remetia à idéia de relação entre dois termos de uma igualdade. Essa relação de igualdade entre expressão e representação é criticada por Leibniz da seguinte forma: "Negar o estreito vínculo entre representação e semelhança seria o mesmo que arremessar o bebê junto com a água do banho, pois estaríamos negando o papel que a semelhança exerce na representação" (TH, § 357).

Retomando, cada substância é constituída pelo próprio universo a partir do seu ponto de vista particular, ou seja, suas percepções (cf. NG, § 12). Não existe nada que seja externo à substância (mônada), cuja origem não lhe seja interna, pois as mônadas são fechadas. Sendo assim, não existem causas fora da substância, apenas expressões⁴⁵ dela própria, isto é, as mônadas expressam à natureza. As coisas exteriores são expressões das percepções da mônada, e conseqüentemente as representam.

Como resultado da expressão monádica, estabelecem-se os pares: percepção e representação. Ambas são simétricas, cada qual do seu lado, o interno (percepção) e o externo (representação) à mônada:

(...) Cada mônada, sendo a seu modo um espelho do universo, e estando o universo regulado numa ordem perfeita, é preciso que haja

⁴⁵ Leibniz considera típico do ser humano falar por meio de símbolos ou utilizá-los. Por exemplo: um desenho plano em perspectiva expressa um corpo com três dimensões. Com ele começa a história moderna do termo *expressão*, que deixa de ter aspecto estritamente metafísico e passa a ter sentido antropológico, e a ser utilizada significando "frase", "enunciado", "fórmula". O filósofo considera típico do ser humano falar por meio de símbolos ou utilizá-los, contudo não é necessária uma semelhança recíproca entre expressão e coisas, como veremos mais adiante em "Isomorfismo" (Abbagnano, 419).

também uma ordem no representante, ou seja, nas percepções da alma e, por conseguinte no corpo, segundo a qual o universo está representado nela (TH, § 403).

Entretanto, a semelhança ou a similaridade existente entre a expressão e a representação não pode ser confundida com igualdade. Como sabemos, segundo o princípio dos indiscerníveis defendido pelo filósofo, não há dois seres exatamente iguais na natureza (cf. CC. 5L, § 21). Ele considera em seus escritos matemáticos, “a igualdade como a última das desigualdades” (Leibniz *apud* Moura Lacerda, 2005, p. 49).

Servindo-nos da matemática tão utilizada pelo filósofo, vemos que num enunciado como “X exprime Y”, a razão proveniente dessa associação funciona como um signo para adquirir conhecimento, e não como um indicativo de igualdade, permanecendo, ambos, como realidades heterogêneas possuidoras de correspondência biunívoca⁴⁶ (cf. Lacerda, 2005, p. 15). Vemos assim justificada a asserção crítica que Leibniz dirige aos seus contemporâneos.

A representação monádica envolve uma correspondência de um a um com relação a sua expressão, e a informação que podemos extrair da representação sobre seus objetos seria que a representação tem, pelo menos, tantos elementos (qualidades) quanto àquele que o expressa. Por exemplo: a idéia de círculo representa o círculo, porque as verdades que podem ser derivadas dela seriam, sem dúvida, confirmadas pela investigação de um círculo real (cf. Puryer, 2006, p.10).

⁴⁶ Relação biunívoca entre os termos de uma relação significa que o sujeito da expressão pode ser tanto o que expressa quanto o que é expresso.

Pelo simples exame das relações do que exprime podemos chegar ao conhecimento das propriedades correspondentes da coisa a ser exprimida. Vê-se assim que não é necessário que o que exprime seja semelhante à coisa exprimida, contanto que seja preservada certa analogia das relações (PS, p. 263).

Os pontos de uma figura correspondem àqueles que a representam, através de um acordo ou lei relacional: “cada ponto de um corresponde segundo certa relação a cada ponto do outro” (NE, II, viii, § 13). A lei de relação leibniziana funciona como um mapeamento que preserva a estrutura do conjunto.

Por não ser transitiva⁴⁷ a relação de representação será reflexiva e simétrica, ou seja, um determinado caractere expressará somente a ele próprio. Por exemplo, “A” só poderá representar “A”, ou seja, “A” jamais poderá representar “B”, obedecendo ao *princípio da não-contradição* proposto por Leibniz, pois algo não admite como correspondente seu não-semelhante.

A representação só poderá ocorrer entre a cópia e o copiado quando existir completa correspondência, sendo inadmissível a correspondência parcial como representação: “(...) cada substância expressa exatamente todas as demais mediante a compatibilidade que mantém com elas [graças à harmonia pré-estabelecida]” (MO, § 59).⁴⁸

Como afirma Hunter, cada mônada pode ser entendida como um par ordenado, cujo primeiro membro (a representação) é a *perspectiva* (ponto de

⁴⁷ Não existe relação transitiva porque não existe troca extra-monádica. A mônada é fechada e representa somente o que está em seu interior, não podendo, deste modo, representar algo diferente do que seja.

⁴⁸ A harmonia preestabelecida é a doutrina segundo a qual as várias mônadas, como muitos relógios perfeitamente construídos, estão sempre de acordo entre si (Abbagnano, p. 496)

vista) e o segundo membro, a *forma* do objeto (a coisa representada) (cf. 1951, p. 162). Elas devem permanecer consonantes em relação aos objetos que representam, mas separadas no que se refere às perspectivas de suas representações.

A natureza da alma é representar o universo de um modo muito exato (embora com maior ou menor nitidez), [e] a sucessão de representações que a alma produz para si mesma irá naturalmente corresponder à sucessão de mudanças no próprio universo (NS, §15).

Tanto o mundo exterior como seu constante movimento são representações que estão em perfeita sincronia com as percepções monádicas, ou seja, qualquer modificação sofrida externamente implica que houve alteração no grau de percepção das mônadas, pois as substâncias estão em perpétuo movimento que, uma vez iniciado, jamais cessará.⁴⁹ A ininterrupta movimentação da substância (sempre constituída de percepção) decorre da variação no grau de clareza das percepções das mônadas transcorrendo daí o movimento das coisas representadas:

“O movimento é uma relação variável de distância (...). Mas enquanto mudança de lugar, o movimento indica uma mudança interna e, portanto, um princípio interno de espontaneidade, de modo que um corpo que se move não apenas muda de lugar, mas tem uma tendência a se mover” (DM, p. 99).

Cada mônada é por essência representação e todas se entre-exprimem. Elas exprimem seu corpo, o universo e Deus. Cada uma exprime todas e todas exprimem cada uma (cf. Lacerda, 2005, p. 17). A dimensão da

⁴⁹ A partir do momento em que a mônada é criada por Deus como ponto de vista individual, inicia-se a oscilação do grau de suas percepções, bem como o movimento externalizado.

representação no sistema leibniziano abrange toda a realidade. A totalidade da representação é averiguada nos exemplos deixados por Leibniz⁵⁰ nas suas categorias da representação:

- *A representação física*: funciona como um modelo que expressa uma máquina, ou um mapa que expressa uma determinada região geográfica: “o modelo da máquina expressa a máquina, e assim um desenho plano expressa um corpo com três dimensões” (cf. Sleigh, 1990, p. 174);
- *O reino matemático*: cujos caracteres, números e equações expressam círculos e outras figuras: “E uma equação algébrica expressa um círculo ou outra figura geométrica” (cf. Sleigh, 1990, p. 174);
- *A representação lingüística*: são sentenças escritas ou faladas que expressam opiniões ou verdades e gestos: “ uma proposição exprime um pensamento” (cf. Sleigh, 1990, p. 174);
- *A representação metafísica*: todo efeito representa sua causa, sendo assim, o mundo representa Deus, e a ação humana, sua mente (cf. Sleigh, 1990, p. 174): “as ações de cada um representam sua alma, e o mundo representa de alguma maneira Deus” (PS, p. 263-4);
- *A representação mental*: as percepções, pensamentos, idéias, conceitos e o gosto (cf. Sleigh, 1990, p. 174).

⁵⁰ Notemos que Leibniz não postula tais divisões explicitamente, mas podemos constatar nos exemplos que ele deixou.

2.1 RELAÇÃO E HARMONIA

A concepção de Leibniz acerca da representação, de modo geral, resulta na relação⁵¹ (i) entre a substância com o seu próprio corpo; (ii) com o universo inteiro; (iii) com as outras substâncias e (iv) com os estados passados e futuros:

A massa organizada na qual o ponto de vista da alma se situa é mais imediatamente expresso por ela e está alternadamente preparada, tal como a alma queira, a atuar em si mesma conforme as leis do mecanismo corporal, sem uma interferir com as leis das outras. (...) É esse relacionamento mútuo, conciliado antecipadamente em cada substância no universo, que produz o que denominamos sua comunicação. (NS, § XIV).

O corpo e tudo o que há de externo a ele são representações da alma, e atuará conforme o ponto de vista desta, sem que um jamais interfira no curso do outro, nisso consiste a lei relacional ou *harmonia pré-estabelecida*. Existe um perfeito acordo entre as percepções internas representadas pela mônada e o universo externo, ou seja, entre todas as substâncias. A relação é recíproca, ou como em matemática, biunívoca, as mônadas se entre-expressam e se entre-representam. Há uma harmonia universal, na qual a mônada reflete o próprio universo, isto é, seu conteúdo interno contém o de todas as outras mônadas e vice versa. E como garantia da unidade substancial não existe interferência entre elas, cada qual obedecendo às suas próprias leis, concordando umas com as outras, conforme o princípio da harmonia pré-estabelecida.

⁵¹ *Habitus* é o termo usado por Leibniz para “relação”. O mesmo termo que aparece nos *Elementos* de Euclides e em Descartes (Rauzy, *Recherches générales sur l’analyse des notions et des vérités*, in Lacerda, 2005).

“A natureza própria de cada substância implica que o que acontece a uma corresponda ao que acontece a todas as outras, sem que ajam imediatamente umas sobre as outras” (DM, § XIV). A correspondência que há entre as substâncias existe por elas serem constituídas, cada qual, por diferentes perspectivas da visão de Deus sobre o mundo.

Por serem impenetráveis, e não poderem influenciar-se mutuamente, o processo de relação acontece com o surgimento, entre elas, de um terceiro excluído, ou um termo invariável, o qual registra a relação entre a variabilidade de uma e de outra mônada. A relação entre as substâncias possui caráter abstrato, sendo a razão que diz de um e de outro. Logo, a relação não constitui algo inerente as mônadas, mas é a própria harmonia existente entre elas (cf. Marques, 2004, p. 184).⁵²

Vejamos um exemplo desta relação no plano fenomênico: por conectar as qualidades das coisas, no plano fenomênico, a relação é um fato irreduzível e primitivo. O exemplo exposto a seguir foi citado por Hunter (1951, p. 152): Se uma pessoa está a oito pés de uma cadeira, existirá um terceiro termo entre ela e a cadeira que constitui estes oito pés. Isto quer dizer que a conexão entre a pessoa e a cadeira se dá por uma relação de oito pés.⁵³ Notamos que a relação possui função conectiva entre duas coisas.⁵⁴ No caso, da altura de uma pessoa e a de outra, a relação entre ambas é criada pela mente numa atitude racional de comparar essas alturas. Existe uma relação

⁵² *Possibilidade, Compossibilidade e Impossibilidade em Leibniz*, in: *Kriterion: Revista de Filosofia*, 2004.

⁵³ Como afirma Hunter, “X é conectado por R à Y” (1951, p. 151). X e Y são dois termos distintos citados no exemplo, enquanto R é a relação entre ambos.

⁵⁴ Leibniz estabelece as relações de comparação e conexão: “(...) Toda relação é ou de comparação ou de concurso. A relação de comparação dá a diversidade e a identidade (...). O concurso encerra coexistência, isto é conexão da existência” (NE, IV, I, §8).

ambígua entre a e b, pois um deles ou o outro pode ser o sujeito desta relação. Esta relação se estabelece para um dos dois de cada vez, ou ambos sendo sujeito ao mesmo tempo.

Nesse caso, entre a altura de uma pessoa e a de outra, a relação não passa de aparência, ou seja, somente a altura de ambas é real, e não a relação entre elas, pois esta não passa de conexão. Essa conexão acontece de acordo com a mente que a percebe. Nossas idéias sobre as qualidades sensíveis possuem uma relação natural e conectiva com os objetos por nós observados, fazem parte da mente do observador e não do objeto em si (cf. Puryear, 2006, p.10). Portanto, vemos as qualidades relacionais que mentalmente estipulamos.

Mas no que se refere à metafísica, o que fundamenta a relação é a qualidade. Existem as qualidades intelectuais que podemos entender como percepções ativas, e as sensíveis, como percepções passivas.⁵⁵ As primeiras são aquelas apreendidas pela razão. Já as qualidades segundas são conhecidas pelos sentidos. A *qualidade de primeira ordem* é uma característica do indivíduo que independe da atividade mental deste, pois é inseparável do corpo, é a coisa representada. E na *qualidade de segunda ordem* a característica depende da atividade do indivíduo que percebe, proporcionando idéias confusas sobre as coisas (cf. NE, II, VIII, § 9) e, conseqüentemente, a aparente relação com as qualidades de primeira ordem.⁵⁶

⁵⁵ A percepção será ativa quando faculdade, e passiva, quando receptividade.

⁵⁶ No exemplo da altura, a altura de uma pessoa e a de outra são qualidades. Essas qualidades são consideradas de primeira ordem, enquanto que a relação "mais alto que", por não passar de uma construção mental, é denominada qualidade de segunda ordem.

Existe tanto no físico como no metafísico, qualidades que por analogia se entre-relacionam monadicamente. Toda proposição acerca de uma presumida relação entre duas mônadas pode ser reduzida às proposições acerca dos estados internos de cada uma dessas mônadas, tomadas separadamente. Em outras palavras: todo predicado relacional pode ser reduzido a um predicado monadológico.

Mas o que respalda essa relação? Existem no plano físico, causas eficientes, e no metafísico, causas finais, são essas causas que se alinham, ora com as percepções confusas da matéria, ora com as claras da entelúquia, produzindo efeitos nessas percepções, alterando-as de nível, e estabelecendo uma razão de relação, um vínculo harmonioso entre ambas. As razões de uma relação, proposição, terceiro excluído, ou, até mesmo, de um termo invariável; todos sinônimos que designam aquilo que Leibniz aduz como sendo a harmonia. Entendemos melhor essa relação no exemplo dado à Arnauld, no qual Leibniz afirma que a picada que o corpo leva, a alma sente, mas isso não acontece porque houve um contato entre ambos (como veremos no terceiro capítulo), mas porque, tanto um como o outro possuem percepções de todo o universo e a alma reconhece mais completamente as percepções mais próximas, àquelas do corpo (AG, p. 81).⁵⁷ Ocorre a relação onde a alma padece a dor do corpo, mas esta permanece como uma proposição de correspondência entre elas, e como um terceiro excluído, ou um termo invariável, não se imiscui às substâncias, mas, com a atuação da razão,⁵⁸ apenas evidencia seus efeitos, harmonizando-as.

⁵⁷ *Cartas a Arnauld*, in: *Essays Philosophical*.

⁵⁸ O princípio da razão suficiente estabelece não haver efeito sem uma causa, ou seja, sem uma boa razão para acontecer.

2.2 COMPOSSÍVEIS

É necessário pensar as relações de mútuo impedimento ou de mútua compatibilidade entre substâncias finitas partindo da premissa leibniziana já exposta, de que não há relações reais de nenhum tipo entre essas substâncias. O que Leibniz tem em mente parece possuir, antes, uma dimensão mais propriamente projetiva. Ou seja, a projeção dos conteúdos intencionais de representações diversas em um único espaço de atualização, isto é, em um mesmo mundo. Essas substâncias podem ser criadas conjuntamente, pertencendo a um mesmo mundo possível, enquanto outras se impedem mutuamente, o que as tornam habitantes de mundos possíveis distintos:

(...) Creio haver espécies que jamais existiram e jamais existirão, por não serem compatíveis com a seqüência de criaturas que Deus escolheu. Todavia, acredito que todas as coisas compatíveis com a perfeita harmonia do universo nele se encontram realmente (NE, III, vi, § 13).

A possibilidade de existência de uma substância individual é demarcada pela compatibilidade ou compossibilidade de seus predicados. A coexistência ordenada entre esses predicados preserva a ontologia do sujeito. Esse sujeito inevitavelmente tornar-se-ia contraditório⁵⁹ caso estivessem presentes nele modificações predicativas que se excluíssem reciprocamente.

O princípio dos indiscerníveis impossibilita a existência de qualquer substância cujos atributos sejam contraditórios entre si, o que estabelece a diferença entre as mônadas. A possibilidade da existência de uma substância se dá quando ela não possui contradição entre seus atributos e percepções,

⁵⁹ Predicados incompatíveis promoveriam contradição, o que desobedeceria ao princípio da não-contradição defendido por Leibniz.

que devem necessariamente ser compatíveis, isto é, não existe compatibilidade se houver determinantes contraditórios. É, portanto, necessário que tais atributos sejam não-contraditórios, a fim de que essas percepções sejam compatíveis e a substância seja possível. Essa compatibilidade não existe somente em nível dos atributos,⁶⁰ mas, também, na própria substância, que só será considerada possível se houver compatibilidade entre ela e as outras:

(...) Deus quis criar um Adão particular, suficientemente determinado como um indivíduo. E, segundo eu penso, esta noção de indivíduo envolve a relação de uma completa série de coisas. (...) Tudo está em conformidade com os planos de Deus. (...) Todo evento humano pode ser deduzido não simplesmente por assumir a vaga criação de um Adão, mas por assumir a criação de um Adão determinado com respeito a todas as suas circunstâncias, escolhido dentre uma infinidade de Adãos possíveis. (AG, p. 69, 72).

Conforme o filósofo sustenta, o universo, bem como as substâncias individuais que nele passam a existir, é compatível com o plano de Deus: “a matéria não assume todas as formas, mas apenas as que são compossíveis com o arquétipo que Deus escolheu” (PR, p.24). Deus é a razão suprema que acomoda e relaciona as mônadas cujas percepções possuem semelhanças e não se excluem mutuamente:

Deus, ao comparar duas substâncias simples, encontra em cada uma delas razões que o obrigam a acomodá-la à outra; e, por conseguinte (...) como há uma infinidade de universos [e mônadas] possíveis nas idéias de Deus e apenas um deles pode existir, tem de haver uma razão suficiente da escolha de Deus (...) E esta razão só pode encontrar-se na conveniência ou nos graus de perfeição que estes mundos contêm, cada possível tendo o direito de pretender a existência segundo a medida da perfeição que envolva (MO, §§ 52 - 54).

⁶⁰ Atributos são as percepções que determinam à possibilidade da mônada existir.

As mônadas compatíveis, segundo Leibniz, possuem, um programa coordenado, o qual nos dá a impressão de aparente interação entre elas. Isso acontece porque esta coordenada é completa e, sendo assim, uma mônada reflete todos os predicados das outras. Deste modo, uma mônada pertence a um determinado grupo de compatíveis, constituindo um mundo possível: “E este é o meio de obter toda a variedade possível, mas com a maior ordem possível, ou seja, é o meio de obter tanta perfeição quanto possível” (MO, § 58).

O conjunto de mônadas possíveis se dá em decorrência do agrupamento de mônadas compatíveis ou compossíveis. Afirmar que substâncias quaisquer são mutuamente compatíveis equivale a afirmar que a existência efetiva de uma delas não implica a inviabilização da existência das outras. Duas substâncias são, então, compossíveis, nos termos leibnizianos, na medida em que elas não se impedem mutuamente de existir, sendo impossíveis quando se dá o contrário. Assim, a compatibilidade consiste em uma relação de equivalência entre a coordenada da mônada e de suas compatíveis, sendo que esta relação de equivalência estabelece o critério de compatibilidade, mediante o qual cada mônada torna-se possível de acordo com a compatibilidade de seus predicados, e o conjunto delas torna-se possível conforme a compatibilidade existente entre elas.

2.3 DA ESSÊNCIA À EXISTÊNCIA

O conjunto de mônadas compossíveis só vem à existência por determinação divina de acordo com o princípio do melhor, o qual estabelece que “Deus só poderia ter criado o melhor dos mundos possíveis”: “(...) Nas coisas tudo está regulado de uma vez para sempre com tanta ordem e correspondência quanto possível, já que a Suprema Sabedoria e Bondade não podem atuar senão com perfeita harmonia” (NG, § 12).

A essência, que é resultado da inteligência de Deus, torna-se existência quando Deus seleciona, dentre todos, o melhor possível. A verdade sobre a existência das coisas depende do princípio do melhor, por meio do qual, algumas essências são mais perfeitas do que as outras. Segundo este princípio, uma possibilidade existe mais do que as outras, sendo que todas são necessárias, contudo, a essência vitoriosa passa a ser absolutamente dependente de Deus para a sua atualização.

É verdade que em Deus reside não só a fonte das existências, mas também a das essências, enquanto reais, ou do que há de real na possibilidade. Porque o Entendimento de Deus é a região das verdades eternas, ou das idéias de que estas verdades dependem e sem ele não haveria nada de real nas possibilidades, e não somente nada de existente, como tampouco nada de possível. (TH, § 20).

Costumamos conceituar a existência como sendo algo que não tem nada em comum com a essência, contudo, segundo Leibniz, isso não procede, ele afirma que há mais no conceito de existência do que no de não-existência.

Oliva considera que, de acordo com o sistema leibniziano, os mundos físico e metafísico são os dois lados de uma mesma moeda (2005, p. 97).⁶¹

(...) Há nas coisas possíveis ou na possibilidade ou essência delas mesmas, alguma exigência de existência, podemos dizer que a essência de si tende em direção a existência. Toda possibilidade de coisas expressam a essência ou realidade possível, tendendo igualmente à existência, de acordo com a quantidade de essência da realidade, ou o grau de perfeição que elas envolvem (AG, p.150).⁶²

A existência depende e contém a essência, a qual se atualiza na existência quanto maior for seu grau de perfeição, conforme o princípio do melhor. Toda existência, com exceção da de Deus, é contingente, ou seja, não é necessário que esta ocorra, mas se Deus o julgar como melhor, então a essência existirá. Justifica-se o uso de tal princípio por haver alguma razão para que uma coisa contingente exista em vez de outras. Isto porque, dentre as possíveis essências ideadas por Deus deverá ser escolhida, por Ele, de acordo com o princípio da razão suficiente, a melhor para existir.

Nas coisas que existem, a razão é a natureza ou essência delas, e numa série de possíveis mudanças das coisas (se, a priori, nós as imaginamos eternas), a razão seria a intensidade de certas inclinações, como nós frequentemente veremos, onde as razões não necessitam, mas inclinam (AG, p.149).⁶³

O princípio da razão suficiente determina a essência que melhor se ajusta ao conjunto monádico devido à compossibilidade e compatibilidade de suas percepções, e somente então se torna existência, e atualiza-se constantemente, conforme as tendências ou apetições oriunda destas.

⁶¹ *Fenômeno e Corporalidade em Leibniz*, in Revista Dois Pontos, vol 2, nº 1, 2005.

⁶² A origem última das coisas (23, novembro de 1697) in *Essays Philosophical*, 1989.

⁶³ A origem última das coisas (23, novembro de 1697) in *Essays Philosophical*, 1989.

2.4 A MULTIPLICIDADE NA UNIDADE

Leibniz acredita que a multiplicidade pode ser representada no uno, sem que por isso, o uno seja múltiplo. No ensejo de ressaltar a veracidade desta noção, Hunter,⁶⁴ inicia uma discussão, remetendo-nos a uma analogia com o teatro. A peça teatral, vista como uma unidade, é formada pela abstração das pequenas partes. É em virtude da representação que concebemos as partes como conectadas a um todo. Isso nos leva ao que Leibniz estranhamente sugere a Bayle⁶⁵ quando escreve defendendo a noção de que a alma, indivisível como é, pode envolver uma multiplicidade de traços em algum momento. Leibniz explica que verificamos isso no acesso imediato que nós temos em nossos próprios pensamentos, nos quais podemos averiguar simultaneamente a simplicidade e a multiplicidade.

Nós próprios experimentamos uma multiplicidade quando achamos que o mais inseqüente pensamento do qual estamos conscientes abrange uma variedade que está no objeto. Deste modo, todos aqueles que reconhecem que a alma é substância simples, deve reconhecer esta multiplicidade na mônada (MO, § 16).⁶⁶

Leibniz foi o primeiro a insistir em provar a noção de substância simples, capaz de envolver em si uma multiplicidade interna sem comprometer

⁶⁴ Hunter destaca três problemas da relação intra-monádica. Conciliar: (1) a unidade da mônada com a diversidade da percepção; (2) a unidade da mônada frente às trocas de suas percepções que vão além do tempo e (3) a unidade da mônada deve ser checada para ver se ela também permite as diversidades de suas percepções. Simplesmente, ou a visão de Leibniz admite a relação intra-monádica ou nega a realidade da percepção das mônadas. Essas opções revelam uma possível falha do monadismo, a qual Hunter irá demonstrar como equivocada (1982, p. 158).

⁶⁵ Bayle não admitia a concomitância da unidade e da multiplicidade intra-monádica conforme seu artigo "Rorarius" de seu Dicionário (MO, § 16).

⁶⁶ Leibniz dirige essa explanação a Bayle.

sua simplicidade própria. Afirma, em suas correspondências a Arnauld datada de 28 de Novembro e 8 de Dezembro de 1686, que;

Um bloco de mármore é como uma pilha de pedras, e deste modo não pode ser considerado como uma substância simples, mas uma reunião de muitas. (...) Eu asseguro que um bloco de mármore não é uma substância simples, do mesmo modo, a água e, um pequeno lago cheio de peixes, também seria se toda a água e todos os peixes estivessem congelados. (...) Há muitas diferenças entre uma substância e um ser como também há entre um homem e uma comunidade. (...) Esses são seres morais, seres nos quais há coisas imaginárias e dependentes da fabricação (ficção) de nossa mente (AG, p. 79).⁶⁷

Os seres existentes, apesar de parecerem uma única substância com individualidade, são, como no exemplo do lago, um agregado de inúmeras substâncias ou mônadas, ou seja, inúmeras individualidades. A própria substância é constituída por uma multiplicidade de percepções. Contudo, a multiplicidade representacional oriunda da multiplicidade interna da mônada, não ameaça sua unidade (monádica). Para o filósofo existe um meio termo entre o real e a mera aparência. Os corpos entendidos como inanimados não passam de agregados de corpos animados, porque toda multiplicidade “externalizada” aparenta ser uma, mas guarda em si inúmeras substâncias viventes. E, como revela: “Eu acredito que onde há seres por agregação, não há um ser real” (AG, p. 85).⁶⁸

A multiplicidade interna das mônadas são suas percepções ou ponto de vista. E apesar de garantirem sua multiplicidade, não comprometem sua

⁶⁷ *Cartas a Arnauld*, in: *Essays Philosophical*, 1989.

⁶⁸ *Cartas a Arnauld*, in: *Essays Philosophical*, 1989.

peculiar unidade, nem diluem o compromisso genuíno com a diversidade representacional fenomênica.

2.5 A REPRESENTAÇÃO LEIBNIZIANA E O ISOMORFISMO ATUAL

Leibniz afirma que aquele que representa carrega elementos (qualidades) que possuem relações com o outro ao qual corresponde. Isso nos remete ao isomorfismo atual: O fato de um mapa representar certa região se dá porque existe uma lei de relação de vários pontos, linhas e regiões, ou seja, os objetos do mapa se relacionam com os objetos das regiões por ele representadas. A representação não acontece apenas pela relação entre pontos, linhas ou regiões com o corpo material, mas da relação entre tais pontos, linhas e regiões com as infinidades de pequenos corpos que compõe o corpo material.

Segundo Puryear, não há dúvida de que o modelo refere-se à coisa modelada pela experimentação sobre o próprio modelo, como quando nós testamos de que maneira um avião voará estudando um modelo de um túnel de vento. A representação leibniziana envolve um tipo de estrutura de correspondência essencial, e isso é denominado isomorfismo (cf. 2006, p. 12).

Na matemática, o isomorfismo é uma função que preserva a estrutura entre o que representa e o que é representado. Podemos entender estrutura como as relações existentes num conjunto de objetos comuns entre si; por isso, o isomorfismo é uma função que mapeia os elementos e relações da estrutura preservada, e só ocorrerá quando houver uma correspondência

relacional entre a representação e a coisa representada (cf. Puryer, 2006, p.13).⁶⁹

Se essa condição for cumprida, então, a representação e a coisa representada serão afirmadas como análogas ou correspondentes. Com isso podemos compreender o que significa a afirmação de Leibniz de que as relações de uma expressão são análogas a algo ou correspondentes.

⁶⁹ Formalização da função isomórfica: uma função f de estrutura R para R' é um isomorfismo apenas no caso de f satisfazer a seguinte condição de uma relação de:

R e R' : $(x_1, \dots, x_n) \in R \iff (fx_1, \dots, fx_n) \in fR$ (cf. Puryer, 2006, p.13).

III. MATÉRIA

Leibniz emprega o termo matéria usando sentidos variados. Dispostemos cada um deles, lembrando que os dois primeiros referem-se ao plano físico, e os outros ao metafísico:

- i. *Matéria primeira*: é o corpo extenso;
- ii. *Matéria segunda*: força inerente ao corpo;
- iii. *Matéria primeira*: elemento constituinte da mônada. Equivalente a percepção confusa, passividade;
- iv. *Matéria segunda*: agregado de mônadas ou massa;
- v. *Corpo orgânico*: Uma mônada superior somada a um conjunto de mônadas por ela dominada (cf. PS. 501).

Há em Leibniz duas concepções que não se misturam, mas, necessariamente se auxiliam: Física e Metafísica. Em sua metafísica existe uma conexão (relação) real entre todas as coisas. "Todas as possibilidades compatíveis em prevalência se encontram realizadas no grande teatro das suas representações" (NE III, vi, §32, p. 255). E a física deve submeter-se a ela, mas isso não quer dizer que se misturam, e sim que simplesmente se apóiam. Conforme a concepção filosófica de matéria e extensão, notamos esse vínculo.

Utilizando um argumento considerado invencível, Leibniz afirma que tudo é *plenum*, o que torna impossível o conceito comum de matéria como forma extensa em constante modificação, ou unicamente massa passiva, para preencher o universo. É necessário um princípio de variação e um de distinção

do fenômeno. Portanto a matéria é algo heterogêneo: “A homogeneidade da matéria é dada somente através da abstração mental, quando é considerada como sendo somente passiva e por essa razão, incompleta” (AG, p. 183).⁷⁰

Num plenum, tudo está ligado a tudo, e isso acontece também à matéria, que, sendo heterogenia, contém em si um mundo de criaturas, enteléquias e almas em suas menores partes:

Cada porção de matéria pode ser concebida como um jardim cheio de plantas e como um lago cheio de peixes. Mas cada ramo da planta, cada membro do animal, cada gota de seus humores, é também um jardim ou um lago. E, embora a terra e o ar interpostos entre as plantas do jardim, ou a água interposta entre os peixes do lago, não sejam plantas, nem peixe, eles os contêm ainda, mas muito freqüentemente com uma sutileza que para nós é imperceptível (MO, §§ 67, 68).

Leibniz compara nossa realidade material a um lago, como se víssemos o movimento dos peixes do lago sem conseguir discerni-los. Analogamente, a matéria, como a conhecemos, é formada por *substância* ou *máquina* da natureza, que necessariamente não pode ser gerada nem aniquilada, com exceção da vontade de Deus. Essa substância ou máquina da natureza, posteriormente denominada *mônada*, é composta por enteléquias e matéria primeira. A matéria segunda é formada por um agregado de mônadas. “A massa da extensão, ou melhor, a coisa extensa, ou como eu prefiro a multiplicidade de coisas, eu digo que não é uma unidade, mas inúmeras unidades” (AG, p.182).⁷¹

⁷⁰ *Cartas a Volder*, in: Philosophical Essays, 1989.

⁷¹ *Cartas a Volder*, in: Essays Philosophical, 1989.

Não entendamos agregado como várias mônadas emparelhadas, pois, por serem inextensas não ocupam lugar determinado e dizer que estão englobadas num ponto ou disseminadas no espaço é enganar-se. Apesar de coexistir obedecendo a leis próprias, um agregado de mônadas não pode ser considerado um corpo, pois um corpo divide-se infinitamente em partes, enquanto a mônada é indivisível, portanto as mônadas não constituem o corpo, embora este resulte delas. A mônada ou substância singular possui propriedades incompatíveis com o ser por agregação, porque não pode ser explicada pela extensão, forma ou movimento. E quando negamos o fato da matéria ser um agregado de mônadas, assumindo-a como mera extensão, destruimos toda a maravilhosa variedade contida nessa multiplicidade que é a matéria, uma vez que está muito aquém da substância, que é percepção e representação do universo inteiro de acordo com seu ponto de vista e sua impressão (cf. AG, p. 85 - 87).⁷²

A matéria extensa é mera aparência ou representação, tal como um ponto flutuante, cujo objeto em movimento sempre estará entrando em sua próxima posição definida precisamente, enquanto que o objeto estacionário ocupa um espaço exatamente igual a si mesmo. Essa contradição entre movimento e imobilidade faz do objeto mera aparência. Isso “porque a matéria é em si mesma indiferente ao movimento e ao repouso, e a tal ou qual movimento” (NG, p. 158). Outro fato que leva o filósofo a considerar a matéria como fenômeno é por ser infinitamente compósita, ou seja, pode ser dividida ao infinito. Leibniz é tenaz quanto à multiplicidade ou composições representadas pelas percepções, quando afirma que não há corpos ou coisas

⁷² *Cartas a Arnauld*, in: *Essays Philosophical*, 1989.

materiais como o senso comum reconhece. Em sua *carta a John Bernoulli*, argumenta que as percepções expressam as coisas constituídas de partes, denominadas corpos (cf. AG, 169). “Os corpos são a multiplicidade enquanto as substâncias simples são as unidades” (AG, 207). Em uma correspondência a Bayle, o filósofo caracteriza a alma como substância ou unidade, não obstante, expresse a multiplicidade que é o corpo (cf. NG, p. 133).

"Acredito ter-me explicado suficientemente acerca da noção da vida, que deve sempre ser acompanhada de percepção na alma. De outra forma, será apenas aparência [juízo ingênuo]" (NE III, vii, §22). A matéria é mera aparência, porque sua existência está vinculada a sujeitos perceptores aos quais ela aparece. Esses sujeitos são as substâncias ou mônadas, por serem energia e vida.

A extensão, a massa e o movimento não são mais coisas do que imagens em espelhos, ou arco-íris em nuvens... Qualquer coisa na natureza afora os perceptores e suas percepções é inventada por nós, e lutamos com quimeras criadas por nossa própria mente, como se com espectros (PS, p. 281).

Percebemos o mundo, de perceptor para perceptor, de maneiras diferentes. Por exemplo, quando algumas pessoas olham um cubo, todas terão perspectivas diferentes sobre ele. “Se bem que todos expressem os mesmos fenômenos, nem por isso as suas expressões se identificam; é suficiente que sejam proporcionais” (DM, § XIV). Portanto, Leibniz nega a existência do objeto real afirmando a existência de percepções individuais. Os objetos não passam de construtos mentais. Afirmar que as perspectivas individuais são derivadas do objeto não passa de ficção. Enquanto que a ordem mental dessas percepções, ao contrário de depender de coisas externas, coexiste conforme

os princípios matemáticos estabelecidos por Deus a fim de preservar a Harmonia pré-estabelecida. “Cada substância expressa a série completa do universo de acordo com o ponto de vista, ou relação própria, e disso resulta que elas concordem perfeitamente” (AG, p. 76).⁷³

A matéria não é de forma alguma algo extenso e sem vida ou energia, ela se fundamenta na dinâmica e não na extensão.⁷⁴

A extensão é apenas uma abstração das coisas, e não uma substância... Ela representa uma multidão de coisas da mesma natureza, existindo simultaneamente, com certa ordem entre elas. A natureza é considerada extensa ou difusa, sendo assim a noção de extensão é relativa, isto é, extensão é extensão de alguma coisa. Assim como nós dizemos que a multidão ou duração é uma multidão de algo ou a duração de alguma coisa. Além disso, a natureza que é suposta por ser difusa, repetida, continuada, é aquela que constitui o corpo físico; ela não pode ser encontrada em algo, mas o princípio da ação e afecção, uma vez que o fenômeno prova-nos com nada mais [além deles] (AG, p. 179).⁷⁵

Leibniz identifica a mônada ou alma (enteléquia) com a forma, sendo assim todas as partes da matéria que exibem forma são animadas, pois são constituídas de mônada, logo, o filósofo não admite formas a objetos puramente materiais, ou seja, sem enteléquia (cf. Ross, 2001, p. 101). Não que ele negue a existência da matéria segunda (massa), pois como ele mesmo afirma, a mônada que constitui todas as coisas, é formada de enteléquia (percepção clara – força ativa) e matéria primeira (percepção confusa – força passiva); sendo assim, a própria matéria segunda, como a reconhecemos (massa), é resultado do conjunto, por agregação, dessas mônadas, é

⁷³ *Cartas a Arnauld*, in: *Essays Philosophical*, 1989.

⁷⁴ Veremos sobre a dinâmica / movimento no subtítulo: *Ação e Movimento*.

⁷⁵ *Cartas a Volder*, in: *Essays Philosophical*, 1989.

representação das percepções monádicas. Portanto, “os corpos não são em última análise mais do que percepções” (cf. Ross, 2001, p.103).

Mas a razão exerce uma forma de convencimento sobre nós, levando-nos a crer na realidade da matéria extensa. Portanto, esta necessita da razão para se fazer notar. A dureza que afirmam ser percebida pelos sentidos, não depende dos sentidos, mas sim da razão que nos leva a conceber a possibilidade de tal concepção. Portanto, a própria solidez é concebida pela razão, apesar de pelos sentidos termos a impressão de sua existência. Nas palavras de Leibniz: "parece que os sentidos não podem convencer-nos da existência das coisas sensíveis sem o auxílio da razão" (NE, LII, vii, §1).

As coisas sensíveis não passam de representações das percepções confusas, e a aparência que lhes atribuímos é consequência de nos iludirmos pela imagem. A razão, neste sentido, nos engana: “nossos juízos, que são apenas nossos, nos enganam” (DM, § XIV). Leva-nos a crer que a realidade das coisas é o próprio fenômeno “externalizado”. Leibniz conclui que a própria sensação não pode ser notada sem o auxílio da razão, ou seja, a sensibilidade das coisas provém, não propriamente delas, mas da razão que, de certa maneira, me conduz a crer nelas (cf. NE, II, iv).

A razão nos transmite a impressão de *idéia simples*, como se, de acordo com a harmonia preestabelecida, nos imprimisse a idéia de unidade que não deixa transparecer a multiplicidade subjacente. As *idéias simples* são aparências. Como no caso do verde, que é composto de azul e amarelo. Considerando que nossas percepções não as dividem, podemos, neste caso,

considerá-las simples. "As percepções das idéias simples na aparência são compostas das percepções das partes das quais essas idéias são compostas, sem que o espírito o perceba, uma vez que essas idéias confusas lhe parecem simples" (NE, I, ii, § 1).

Já que a percepção confusa e passiva expressa a matéria, e que "a mais distinta expressão da entelúquia corresponde a mais distinta impressão do corpo" (AG, p. 81),⁷⁶ podemos dizer que a ordem mental antecede a material. Utilizando tal modelo psicológico, Leibniz concebe os atributos mentais como fundamentos da realidade material. Logo, o "objeto" apreendido pela inteligência não deve ser a pura aparência das coisas, mas algo que a transcende e que somente pela meditação, sobre as verdades ocultas em nossa alma, conseguiremos desvendá-lo: "O espírito não é somente capaz de conhecê-las [as verdades necessárias], mas também de descobri-las em si mesmo" (NE I, i, § 5). No entanto, para que tais verdades apareçam para o ser humano é necessário que este se dedique aos pensamentos puros e abstratos. Essas verdades inatas não são captáveis pelos espíritos que se devotam às coisas materiais (pois elas nos confundem), pois isto seria rebaixar os dons de Deus que, neste caso, honraria mais a ignorância: "Na medida em que somos capazes de conhecimento, pecamos ao negligenciarmos adquiri-lo, e se pecará com tanto mais facilidade, quanto se é menos instruído" (NE, I, i, §27).

⁷⁶ *Cartas a Arnauld*, in: *Essays Philosophical*, 1989.

3.1 MATÉRIA E ALMA

Utilizando-se de seus princípios metafísicos e seus conhecimentos em matemática,⁷⁷ Leibniz aduz: “uma substância criada não possui real influência sobre uma outra” (SN; §13), não podendo receber nada que lhe seja externo. O filósofo considera que a alma é dotada de qualidades para representar qualquer natureza ou forma: “nossa alma exprime Deus, o universo, e todas as essências, assim como todas as existências” (DM, §XXVI). Logo, é característico da alma ser fechada, “sem janelas”, e, dessa maneira, “naturalmente, nada pode penetrar no espírito vindo do exterior” (DM, §XXVI).

O fato de as substâncias formais serem fechadas e não interferirem umas nas outras implica na existência de um acordo entre elas. “Haverá um perfeito acordo entre as substâncias; acordo esse que produz o mesmo efeito como seria observado caso se comunicassem umas com as outras” (SN, § XIV). Existe uma ordem reguladora que, por meio de leis próprias, estabelece e mantém o acordo entre as substâncias, garantindo, assim, uma convivência harmônica entre elas: “Em minha opinião, as coisas são interconectadas e a mente nunca fará algo exceto quando o corpo estiver pronto para acompanhá-la em virtude de suas próprias leis e forças” (AG, p. 83).⁷⁸ Embora ambos, corpo e alma convivam harmoniosamente, obedecendo a suas próprias leis, não há nenhuma intervenção da alma sobre o corpo e vice versa. Leibniz chega a tal conclusão através da descoberta de que não só o movimento, mas também a direção e a força dos corpos se conservam, portanto não haveria

⁷⁷ Os especialistas em Leibniz garantem que a monadologia surgiu a partir de digressões sobre o cálculo infinitesimal (ROSS, 2001, p. 39 -44).

⁷⁸ *Cartas a Arnauld*, in: *Philosophical Essays*, 1989.

necessidade da interferência da alma sobre a direção do corpo, como defendia o senso comum.

A mesma soma da determinação ou direção deve sempre persistir. Pois, penso que se alguém desenhasse alguma linha reta, por exemplo, do leste para o oeste, através de um determinado ponto, e se calculasse todas as direções de todos os copos no mundo, na medida em que eles avançam ou retrocedem em linhas paralelas a esta linha, a diferença entre a soma de todas as direções leste e de todas as direções oeste seria sempre a mesma. Isto assegura ambos como corpos particulares assumindo, no presente, interações somente entre eles mesmos, e com o universo inteiro, no qual a diferença é sempre zero, uma vez que todas as coisas são perfeitamente balanceadas, e a direção leste e oeste são perfeitamente iguais no universo. Se Deus violar esta regra, será um milagre (AG, p. 84).⁷⁹

Em consequência disso, a comunicação entre a alma e o corpo, ou até mesmo entre as substâncias, seria apenas aparente,⁸⁰ por não existir contado real entre eles. O mesmo acontece com todos os seres e objetos, pois, devido às mônadas serem fechadas, não existe o menor contato entre elas. “Nas substâncias simples só há influência ideal de uma mônada sobre a outra (...), pois uma mônada criada não pode depender da outra” (MO, §51). Não podemos transferir de um corpo para o outro: nem a força,⁸¹ nem uma cor, uma dor de cabeça ou um sorriso (cf. Ross, 2001, 96). Erramos ao pensar a causação como resultante da influência de um objeto sobre o outro. Sabemos que a substância é fechada e possui em si percepção e força próprias, não precisando receber de fora o que já possui, é como “um espelho vivo perpétuo do Universo” (TH, §130).

⁷⁹ *Cartas a Arnauld*, in: *Philosophical Essays*, 1989.

⁸⁰ O *contato* ou *ação transitiva* serão discutidos mais à frente.

⁸¹ Veremos no próximo sub-capítulo a questão da conservação da força.

Mas se não há influência de um corpo sobre o outro, como podemos explicar a relação corpo e alma? Uma vez que aquilo que garante essa relação é um acordo, conforme o princípio da harmonia pré-estabelecida, cabe entender como ele acontece:

Pois enquanto a alma tem perfeição e pensamentos distintos, Deus acomodou o corpo à alma e fez por antecipação que o corpo fosse levado a executar as ordens dela; e enquanto a alma é imperfeita e suas percepções são confusas, Deus acomodou a alma ao corpo, de sorte que a alma se deixa inclinar pelas paixões que nascem das representações corporais, o que faz o mesmo efeito e a mesma aparência que se dependesse do outro imediatamente e por uma influência física (TH, § 66).

Esse acordo, previamente estabelecida por Deus explica o domínio da alma sobre o corpo ou vice versa, mas não há contato ou ação direta de um para o outro, há apenas percepções que, ao se tornarem mais claras, expressam algo sobre aquelas cujas percepções são ainda confusas, enquanto estas padecem a esse domínio.

Já que o estado de um [corpo ou alma], infalivelmente, apesar de frequentemente contingente, e mesmo livre, é consequência do estado do outro [alma ou corpo], podemos dizer que Deus conduz sobre aquilo que há, real conexão pela virtude da noção geral das substâncias, o que vincula as substâncias a expressarem algo em outra, perfeitamente. Essa conexão não é, contudo, imediata, uma vez que é fundada somente sobre o que Deus fez na criação das substâncias (AG, p. 85).⁸²

A conexão entre corpo e alma é exemplificada utilizando a hipótese das causas ocasionais: Quando meu braço é ferido, a dor que sinto na alma não é nem causada pelo corpo, nem por Deus que age imediatamente sobre minha alma provocando esse sentimento. A alma reconhece esse sentimento

⁸² *Cartas a Arnauld*, in: *Philosophical Essays*, 1989.

porque a natureza de toda substância envolve uma expressão geral de todo o universo, e mais particularmente ainda, a alma envolve a expressão atual do que acontece com seu corpo (cf. AG, p. 82).⁸³

É inegável a conexão existente entre as mônadas, e devido a ela explica-se porque um corpo vivo não é um mero cadáver. Diferente do que se pensa comumente, não existe algo externo, por exemplo, a alma, que é inserida por Deus, em um corpo, isso levaria à partes que se somam, e não ao todo real; a vida acontece por que as partes se acham interconectadas, como num *plenum*, onde cada parte só existirá num todo, quando refletir a unidade complexa desse organismo (cf. Ross, 2001, p. 102). É esse acordo, conexão ou vínculo, aquilo que atribui vida aos organismos vivos e que garante a comunicação entre as mônadas, por meio da percepção expressa. É essa comunicação⁸⁴ mantida sobre o que é notado pela mônada, que origina a concepção do corpo como realidade imediata, e da mente, oculta no corpo. Ou seja, por notarmos externamente um corpo, expressão das percepções de inúmeras mônadas, acreditamos ser esse agregado um ser único e real, e atribuímos uma vida a ele, a alma. Mas o contrário é que é verdadeiro, ou seja, "é o corpo que está na alma, e não o contrário" (Ross, 2001, p. 101).

Como podemos constatar a relação entre corpo e alma só é espacial na aparência, na realidade ela é lógica, pois tanto os corpos como as almas são percepções que quando expressas, garantem a comunicação entre si e com as outras substâncias. A mais distinta expressão da alma corresponde a

⁸³ *Cartas a Arnauld*, in: *Essays Philosophical*, 1989.

⁸⁴ O elo de comunicação entre as mônadas acontece quando existe a expressão das percepções, existindo, portanto um objeto a ser notado.

mais distinta impressão do corpo. Isto não acontece porque os nervos⁸⁵ agem sobre a alma, ou outros corpos sobre os nervos, afinal o filósofo desconsidera a ação direta, metafisicamente falando, mas porque a forma externa (expressada) representa o último estado (da alma) através de uma relação espontânea (cf. AG, 69).⁸⁶

Analisando separadamente a alma, verificamos que ela conserva, mesmo desvinculada do corpo orgânico, seus corpos sutis,⁸⁷ ou seja, a matéria primeira. Portanto é impossível existir corpo sem alma ou vice-versa. Segundo a teoria de Leibniz as almas não são *indiferentes (desunidas)* à matéria, ao contrário: "elas exprimem originariamente àquelas porções de matéria, as quais estão e devem ser unidas segundo a ordem" (NE, II, xxii, §15).

E apesar de alma e matéria serem unas, a matéria não pode constituir o indivíduo; nada além da alma (enteléquia) o pode. As sensações e os acidentes são produzidos pela alma que exprime tais efeitos como resultados de sua própria natureza dotada de percepção. O filósofo afirma: "Se Deus desse às coisas poderes accidentais separados das suas naturezas, e, por conseguinte, alheios à razão em geral, teríamos uma espécie de porta traseira para reintroduzir qualidades demasiado ocultas que nenhum espírito pode compreender" (NE, II, xxii, §7). No entanto, Deus não precisa atribuir nada à alma ou mônada após tê-las criado, pois elas trazem consigo a parte proporcional que lhes cabe da "esfera do pensar", suas percepções. "A alma

⁸⁵ Os nervos são mais sensíveis do que as outras partes do nosso corpo, e talvez seja somente através deles que nós consigamos perceber os outros. Isso aparentemente acontece porque os movimentos dos nervos ou dos fluídos dentro deles emitem uma impressão melhor ou menos confusa deles (cf. AG, 69).

⁸⁶ *Cartas a Arnauld*, in: *Essays Philosophical*, 1989.

⁸⁷ Porque toda alma ou mônada é constituída de percepções claras e confusas, e são justamente essas percepções confusas que representam os corpos.

pensa e sente sempre que ela está unida a algum corpo; acredito até, que ela nunca abandona inteiramente e de uma vez o corpo ao qual está unida" (NE, II, xxiii, §19), mesmo que este sofra constantes alterações, devido à variação do nível de percepções: "A alma só muda de corpo pouco a pouco e gradativamente" (NG, § 72).

As mudanças, tanto sofridas pelo corpo, como pelas coisas e acontecimentos, são proporcionais às sofridas em nosso organismo, o que facilita que as notemos. A coisa externamente representada toma lugar em nossos corpos com a finalidade de sermos capazes de percebê-las. Nossa apercepção é mais apurada com relação às mudanças sofridas em nosso corpo. As mudanças sofridas nele são notadas mais claramente do que as mudanças mais distantes, as quais não se fazem notar diretamente em nossos organismos. Quanto mais próximo da alma a coisa expressada estiver, mais clara será sua percepção, o contrário também acontece: "Assim, ainda que cada mônada criada represente o universo, ela representa com maior distinção o corpo que lhe é particularmente afetado e cuja enteléquia constitui" (MO, § 62).

Mas a alma não percebe com total clareza todas as coisas que ocorrem nas partes do seu corpo, pois existem níveis de relação entre as partes, que as diferem. Além disso, algumas partes são mais bem expressas do que o todo. Isso porque a alma não expressa todas as coisas igualmente bem; caso contrário, não haveria diferença entre elas.

O corpo responde a todos os pensamentos da alma, e as percepções da alma respondem à constituição do corpo. Deste modo, para Leibniz, o corpo é a representação fiel das percepções claras e confusas constituintes da alma:

A alma nunca é privada do auxílio da sensação, visto que ela exprime sempre o seu corpo, e este corpo é sempre afetado pelas coisas do ambiente de uma infinidade de maneiras, mas que muitas vezes dão apenas uma impressão confusa (NE, II, i, §17).

A dependência do corpo com relação à alma, que o representa, vai além do próprio corpo, envolvendo também os outros corpos. Esta dependência é metafísica, e existe pelo fato de alguns corpos serem controlados por outros, quando passivos. O mesmo acontece quanto à perfeição, alguns a possuem em maior grau, e exercem um “controle” sobre os outros. Com relação à dependência física, trata-se da interferência imediata que um corpo recebe de outro do qual depende.

As almas conservam em si mesmas percepções insensíveis daquilo que já viveram quando utilizavam o *corpo grosseiro* (corpo orgânico), e as expressam em seus corpos posteriores, visto estar, a alma, sempre unida a um corpo. Desse modo, não é incabível recordarmos os sentimentos passados quando nos apercebemos das percepções insensíveis. As percepções insensíveis conservam consigo as verdades, as quais, um dia, poderão ser apercebidas, pois para Leibniz, a eternidade oferece um grande campo para mudanças e nada existe que seja inútil, ou seja, todas as percepções insensíveis um dia serão apercebidas e junto a elas as verdades que trazem consigo. Se fossemos capazes de discernir completamente sobre o que nos

acontece (visto sermos substâncias superiores), poderíamos antever o que nos acontecerá, afinal “o presente está prenhe do futuro” (MO, § 22).

As percepções mantêm-se no interior da alma, mesmo quando esta se desfaz do *corpo grosseiro* (corpo orgânico ou matéria segunda), pois permanecem unidas ao *corpo sutil* (matéria primeira), e, posteriormente, influenciarão a expressão de um novo corpo grosseiro bem como situações vividas. O corpo corresponde exatamente à expressão da alma, ele é sua representação. "Qualquer que seja nosso estado passado, o efeito que ele deixa não pode deixar permanecer-nos para sempre *imperceptível*" (NE. II, xxvii, §15). E somente após nos *apercebermos* dessas percepções insensíveis poderemos tender àquilo que é bom em detrimento do mal, para isso Leibniz elucida a necessidade da *volição* ou vontade, pois enquanto estamos na apetição (impulsos ou tendências) não nos apercebemos nem ao menos das percepções sensíveis.⁸⁸

A distinção entre o melhor e o pior, não se dá através da recordação do bem e o mal já vivenciados, pois esses conceitos que trazemos dentro de nós são parciais e, portanto desconsideram a possibilidade do lado oposto, ou seja, o que consideramos mal pode conter o bem.

Aplicando-nos à meditação sobre determinadas palavras ou caracteres (símbolos), poderemos vislumbrar os pensamentos distintos que permeiam nossas vidas, mas não o fazemos por negligência ou falta de tempo.

⁸⁸ Tanto a volição quanto a apetição refere-se não só ao espírito, mas também aos movimentos do corpo, devido suas expressões corresponderem à da alma, resultante do acordo preestabelecido entre corpo e alma.

As pessoas "educadas na moleza, cujo temperamento é fleumático ou estão deprimidas pela idade ou má sorte" (NE, II, xxi, § 47) dificilmente conseguem distinguir seus pensamentos, ou ao menos notá-los. Assim, nossa mente acaba sendo dominada por pensamentos confusos e deste modo tornamo-nos fracos e cheios de vícios. Precisamos saber distinguir os pensamentos, mas Leibniz aduz que desde tenra idade deveria nos ser apresentado os verdadeiros bens e males, relacionando-os com nossas vidas, mas cada vez mais tentamos nos esquivar de situações que abordem questões indesejáveis, e isso nos fragiliza. As pessoas não deviam ter uma educação fraca que as debilite mentalmente, ao contrário, devem receber claramente indicações do que é nobre e justo, e seu oposto, pois segundo o filósofo, a nossa liberdade consiste em mesmo diante de coação moral podermos firme e racionalmente dizer não ao mal. Como Leibniz afirma "o bem e o mal só inclinam sem obrigar" (NE, II, xxi, § 47).

As percepções insensíveis, que nos inclinam mais para um lado do que o outro, nos deixam inquietos, pois desconhecemos as razões de tais inclinações. Leibniz afirma que o corpo se movimenta segundo a escolha do ser humano; devido a sincronia existente entre corpo e a alma se mantém devido à lei relacional ou acordo inerente à harmonia preestabelecida. Em função disso, Leibniz relaciona a ordem e a conexão dos pensamentos com os movimentos do corpo. Ou seja, o ser humano é livre apesar de determinado por leis naturais e metafísicas. Sua liberdade consiste em não ser obrigado a nada, apenas inclinado a agir ou não segundo suas percepções internas, portanto, com relação às leis morais o homem é livre. E é pela apercepção que nós não nos deixamos levar impulsivamente pelas apetições e, de posse de vontade, ajamos firmemente de acordo com as percepções claras e distintas.

Existe relevante distinção entre a alma e o espírito, o qual Leibniz denomina *alma racional*. Como sabemos as almas dos animais se funda na memória, apesar de existir semelhança entre a ligação nas percepções dos animais com a razão, tanto que em três quartos das ações dos homens empíricos, eles atuam como os animais: “Espera-se que amanhã raie o dia porque sempre raiou” (NG, § 5). Entretanto o espírito ou alma racional, do qual o ser humano é dotado o distingue, não só aspecto racional, mas também no atributo de que enquanto as almas superiores e até mesmo as enteléquias são um espelho do universo das criaturas, o espírito é uma imagem de Deus:

O espírito não apenas tem uma percepção das obras de Deus, como ainda é capaz de produzir algo que lhes assemelhe, ainda que em pequena escala. Pois além das maravilhas dos sonhos, em que inventamos sem esforço (mas também independente da nossa vontade) coisas cuja descoberta exigiria de nós, em estado de vigília, uma longa reflexão, nossa Alma é Arquitetônica também nas ações voluntárias, e descobrindo as ciências segundo as quais Deus regulou as coisas, ela imita em seu âmbito e em seu pequeno mundo, no qual lhe é permitido exercer-se o que Deus faz no grande (NG, §14).

Se pudéssemos conhecer profundamente os desdobramentos da alma poderíamos reconhecer a beleza do universo em cada uma delas. Mas como isso não é possível devido às percepções confusas, resta-nos apenas nos apercebermos de suas percepções mais claras.

3.2 AÇÃO E MOVIMENTO

A natureza da atividade monádica é representar suas percepções claras e confusas. Essa ação não acontece diretamente, visto que no universo

não há influência física entre as mônadas, ela manifesta-se através do grau de percepção da mônada. “A criatura é definida por agir sobre as coisas externas quando ela é perfeita, e permanecer passiva com relação à outra criatura quando é imperfeita” (MO, § 49). A ação de uma substância finita sobre outra consiste apenas no acréscimo do grau de sua expressão, junto à diminuição do da outra, na medida em que Deus as obriga a se acomodarem entre si (DM, § XV).

As mônadas que possuem percepções confusas são passivas e, portanto recebem a ação, e estão propensas ao sofrimento (*pathos*, passividade), as dotadas de percepções claras, são ativas e, por conseguinte, agem sobre as mônadas passivas, e estão propensas ao prazer. Logo, toda representação ativa em uma mônada terá como efeito uma representação afetiva em outra, e assim por diante, de modo a completarem-se mutuamente: “o mundo puramente material permanece um mundo em que cada movimento afeta todos os outros” (Russell, 1968, p. 98).

Em conseqüência de as mônadas serem fechadas e ao mesmo tempo completas, por possuírem em si todo o universo de um ponto de vista particular, os acidentes originem-se internamente no indivíduo, o que costuma ser inconcebível, ao senso comum por estar freqüentemente sem apercepções, ou seja, por se deixar enganar pelas percepções confusas, que acreditam ser os fenômenos externos resultante dos sentidos, desconsiderando a possibilidade de resultarem do inteligível.⁸⁹ “Eu asseguro que o que é real no

⁸⁹ Como podemos notar, essa noção leibniziana é estritamente platônica, e, como Hunter demarca, preenche as lacunas deixadas por Platão em sua filosofia sobre o mundo das idéias (1982, cf. 158).

estado chamado movimento procede tanto da substância corporal como do pensamento e procederá da mente” (AG, p. 82).⁹⁰

O filósofo sustenta que a matéria não subsiste sem a substância imaterial, do contrário, aquilo que chamamos corpo não passaria de cadáver.

O mundo externo, além de transmitir coisas e seres diversos, sofre constantes modificações, tais fenômenos são expressões das percepções, e o movimento resulta das alterações dessas, ou seja, uma percepção confusa torna-se mais clara. “A simplicidade da mônada não impede a multiplicidade das modificações, que devem ocorrer simultaneamente nesta mesma substância” (NG, § 2), causadas por suas apetições ou tendências de uma percepção para a outra. Por conseguinte, os acidentes são apenas resultados das modificações internas das percepções da substância:⁹¹ “Os acidentes não poderiam separar-se nem se pôr a vaguear fora das substâncias (...). Assim, nem substância nem acidente podem, de fora, entrar em uma Mônada” (MO, § 17).

O movimento não é algo que se recebe de fora, por meio do contato feito por outros corpos, nem mesmo por uma ação à distância, mas existe internamente na substância, é a sua própria *força ativa*:⁹² “É assim que sentimos os nossos corpos ou aquilo que os toca, e que mexemos os nossos braços, por uma influência física imediata, que julgamos constituir o

⁹⁰ *Cartas a Arnauld*, in: *Philosophical Essays*, 1989.

⁹¹ A substância é composta de matéria primeira e enteléquia que correspondem, segundo a monadologia de Leibniz, às percepções claras e ativas e às confusas e passivas.

⁹² As percepções claras são *força ativa* da mônada, enquanto que as confusas constituem sua *força passiva*.

intercâmbio entre a alma e o corpo, ao passo que na verdade só sentimos e mudamos dessa maneira o que está em nós” (NE. II, ix, §8).

Contrário à ação por contato entre as mônadas e delas com as coisas materiais, o filósofo propõe que o movimento entre dois corpos não resulta da ação de um corpo sobre o outro, “Uma substância criada não possui real influência sobre uma outra” (SN. §13), não podendo receber nada que seja externo a ela. Para ele a ação direta não passa de fenômeno, de aparência⁹³: “Números, horas, linha, movimento ou graus de velocidade e outra quantidade ideal ou entidade matemática desta sorte não são realmente agregados de partes” (AG, p. 182).⁹⁴

A realidade, de acordo com o sistema leibniziano, consiste em um acordo entre as substâncias, onde uma age e a outra padece. Tal acordo, a primeira vista, torna-se contraditório, devido à afirmação: uma *age* e a outra padece, pois temos a impressão de que existe ação de uma substância sobre outra. Mas esse acordo funciona da seguinte forma: As percepções claras de uma substância expressam determinada situação, uma ação aparentemente de contato. As percepções confusas expressam a passividade de outra mônada. Ambas mônadas estão próximas devido à compatibilidade ou compossibilidade, devido aos predicados ou percepções preestabelecidos existentes no interior de uma mônada que se alinham aos das outras, de maneira harmoniosa. Esse acordo, que mantém a ordem, a harmonia e a

⁹³ O fato de Leibniz considerar objetos, corpo e movimento como fenômenos, não deve ser confundido com ilusão, ou seja, como não existentes, porque existem, mas não como nós comumente os concebemos. “Eu realmente não elimino o corpo, mas reduzo-o ao que ele é” (AG, p.181).

⁹⁴ *Cartas a Volder*, in: *Essays Philosophical*, 1989.

beleza da natureza, determina, segundo causas eficientes e finais⁹⁵, os movimentos e a finalidade das coisas mediante as percepções das mônadas. Isto acontece da seguinte maneira: as próprias percepções nascem umas das outras segundo as leis dos apetites ou das *causas finais do bem e do mal*, do mesmo modo que as mudanças físicas nascem umas das outras segundo as leis das causas eficientes, isto é, dos movimentos. Por isso existe uma harmonia perfeita entre as percepções das mônadas e os movimentos dos corpos, regulada pelo sistema das causas finais e das eficientes, justificando como pode existir movimento sem contato direto entre corpo e alma (cf. NG, § 3). Nessa integração, o *acordo* entre as mônadas no campo físico do movimento (matéria segunda) obedece às leis das *causas eficientes*, e com relação à alma (mônada dominante) e ao espírito (faculdades mentais nos seres humanos), segue às *causas finais*. Ou seja, as causas finais conduzem as almas a agirem segundo suas apetições e finalidades, enquanto as causas eficientes dirigem os corpos segundo as leis do movimento (cf. MO, § 79). O espírito (razão), obedecendo ao acordo das causas finais, assim como Deus, sendo coerente com seu propósito, só poderá escolher a melhor, dentre as possibilidades possíveis, conforme o *princípio do melhor*, o que, somado ao da *razão suficiente*, torna possível a reinante *Harmonia Pré-estabelecida*.

Assim como acima estabelecemos uma Harmonia perfeita entre dois Reinos Naturais, o das causas eficientes, outro das finais, também devemos destacar outra harmonia, isto é, entre Deus considerado como Arquiteto da Máquina do Universo, e Deus considerado como monarca da cidade divina dos Espíritos. Esta harmonia faz com que as coisas conduzam à graça pelas próprias vias da natureza, e que este globo, por exemplo, deva ser destruído e reparado pelas vias naturais nos momentos requeridos

⁹⁵ As causas eficientes determinam os acontecimentos naturais (físico), enquanto as finais estabelecem as finalidades destes (metafísico). A idéia de causas foi adquirida por Leibniz, de Aristóteles. Mas das quatro causas aristotélicas, Leibniz utiliza somente essas duas: final e eficiente.

pelo governo dos Espíritos; para castigo de uns e recompensa de outros... Enfim não haverá boa Ação sem recompensa, nem má sem castigo... [Se sábios,] estamos ligados, como é devido, ao Autor do todo, não só como Arquiteto e causa eficiente de nosso ser, mas também como nosso Senhor e causa final, que deve constituir todo o fim de nossa vontade e o único o único que pode fazer nossa felicidade (MO, §§ 87- 90).

Notamos em decorrência da citação anterior que as teorias filosóficas de Leibniz são constantemente banhadas de um misticismo religioso, o qual é por ele explicado como inevitável, visto que se mesmo que tudo fosse simples extensão explicável somente por necessidade geométrica, como sugerem alguns, ainda assim poder-se-ia explicar “que o corpo menor daria ao maior, que encontrasse e que estivesse em repouso, a mesma velocidade que tem, sem qualquer perda da sua própria” (DM, § XXI). Mas as explicações dos fenômenos somente pelas vias da causa eficiente não tornam um sistema completo, tornando-se indispensável recorrer às considerações da causa final, que por serem simples e determinadas, facilitam às descobertas das verdades em contraposição à demora nas descobertas feitas pelo caminho mais físico, o das causas eficiente:

Considerarei oportuno insistir um pouco nestas considerações das causas finais, das naturezas incorpóreas e de uma causa inteligente com relação aos corpos, a fim de mostrar a sua utilidade, mesmo nas físicas e nas matemáticas, e conseguir, por um lado, expurgar a filosofia mecânica da profanidade que se lhe imputa, e por outro, elevar o espírito dos nossos filósofos de considerações simplesmente materiais as mais nobres meditações (DM, § XXIII).

E foi fazendo uso das causas finais que Leibniz concebeu as forças ativa e passiva. Como sabemos, a mônada expressa a percepção que possui e vive a situação externa resultante dessa percepção interna, portanto jamais

poderemos considerar a situação externa como resultado da ação direta de uma substância sobre outra.⁹⁶ Leibniz afirma:

Eu asseguro que o que é real no estado chamado movimento procede tanto da substância corporal quanto do pensamento e procederá da mente... E de fato, uma vez que o movimento é um fenômeno, um movimento considerado como fenômeno é o resultado imediato ou efeito de outros fenômenos em minha mente, e similarmente na mente dos outros (AG, p.82).⁹⁷

Tamanha a importância que o movimento possui na filosofia leibniziana, que, a princípio, o filósofo considerava que todas as coisas eram formadas por inúmeros pontos em constante movimento, contudo, percebeu que incorria em erro ao admitir o movimento como a essência da substância, pois este deveria apoiar-se em alguma coisa: era a energia. Portanto o mundo consistia em pontos de energia permanentemente em movimento. Tal energia era a própria percepção. Dependia dela tanto o movimento dos objetos (força ativa/ percepção clara), como a constituição destes fundamentada na impenetrabilidade (força passiva/ percepção confusa) (cf. Ross, 2001, p.93). Considerando-se que o que há de real no movimento é a Força ou o poder, todo o resto é tão somente fenômeno e relação. Visto que a matéria, como fenômeno, pode ser dividida infinitamente, “nós nunca chegaremos a um último fenômeno. [Logo] As unidades substanciais não são as partes, mas o fundamento do fenômeno” (AG, p. 179). Partindo deste fenomenismo, Leibniz confirma que todo movimento só pode ser obtido por meio da força, e essa

⁹⁶ O filósofo nega qualquer ação das coisas exteriores sobre quem percebe. Para ele, o movimento, tal qual observamos, não passa de aparência. Tal afirmação era certamente devido à negação geral da ação transitiva, ação direta entre os corpos. Isso quer dizer que para Leibniz o movimento não poderia advir de uma força externa ao corpo, pelo contrário, provinha de sua própria força interna.

⁹⁷ *Cartas a Arnauld*, in: *Essays Philosophical*, 1989.

força é a causa do movimento, sendo assim, um movimento não é mera mudança de local, mas a existência de uma força interna, sua causa, no interior do corpo que se move (cf. Russell, 1968, p. 84). Até a própria resistência, Leibniz nota, não ser apenas deixar de mudar sem qualquer causa, mas ter uma força para conservar seu estado atual e resistir à mudança, daí ser considerada *força passiva*, ou seja, a resistência ao movimento exige uma força, e é justamente essa resistência ao movimento que conduz Leibniz a concluir a conservação da força ou *vis vires*. E é devido a essa resistência ou inércia e impenetrabilidade ou antipatia ⁹⁸ serem propriedades da matéria prima, que a matéria segunda torna-se aparentemente uniforme e proporcional à extensão.

Retomando: Força é o mesmo que atividade e não pode ser transferida de uma substância para a outra. Ou seja, a energia necessária ao movimento de um corpo é retirada dele próprio e não do outro que vem ao seu encontro. Sendo assim, toda ação é espontânea, origina-se no próprio corpo, sem depender diretamente de qualquer força externa.

Em suma, todo movimento de um corpo provém de uma força, e é devido a esta que o corpo resiste ao outro que o pressiona e reduz a força dele. Algo é posto em movimento, não simplesmente porque mudou de situação em relação a outros, mas porque nele próprio está a causa de sua mudança, a força ou ação. Todo corpo possui em si um princípio de movimento (causa eficiente), e esta força que lhe é interna não pode ser alterada, bem como a equivalente de força no universo, já que a redução de força no corpo

⁹⁸ A impenetrabilidade é uma característica monádica, visto as mônadas serem fechadas.

que empurra corresponde ao crescimento de força no corpo empurrado (cf. Oliva, 2005, p.86).

A mônada indivisível ou completa é a substância dotada com poder primitivo, como o “Eu” ou algo similar... As forças que surgem da massa e velocidade são derivadas e pertencem ao agregado, isto é, ao fenômeno. E quando falo da força primitiva, que persiste não estou entendendo a conservação total da força, mas da entelúquia, que sempre expressa aquela força total tão bem quanto outras coisas. E realmente, forças derivadas são somente as modificações resultantes da força primitiva (AG, p. 176).⁹⁹

Fica-nos claro à compreensão da realidade do movimento quando levamos em consideração essa distinção das forças. Visto que a força primitiva constitui a substância, por ser força ativa e passiva, e que a força derivada é quando esta ocorre no fenômeno, podemos conceber o vínculo sutil existente entre a metafísica e a física. Resta-nos associá-las à ação: Sendo a força primitiva algo análogo à substância, ela necessariamente existe na matéria, que sofre constantes modificações derivadas da força primitiva, entretanto não podemos considerar a força derivada a própria ação modificadora; a força derivada é como uma potência ou faculdade:

A força derivada difere da ação assim como o instantâneo difere do sucessivo, pois a força se exerce já desde o primeiro instante, enquanto a ação necessita do transcurso do tempo e, portanto é o produto das forças pelo tempo (cf. Oliva, 2005, p.83, 87).

Mas ambas, forças primitivas e derivadas podem ser confundidas, isto porque, as duas envolvem o que será feito:

Força derivativa é o próprio estado presente, na medida em que tende para, ou pré-envolve, o estado seguinte, tal como todo presente está prenhe do futuro. Mas o próprio presente, enquanto

⁹⁹ *Cartas a Volder*, in: Philosophical essays, 1989.

envolve todos os estados, tem força primitiva, de modo que a força primitiva é como a lei da série, e a força derivativa é como a determinação que designa algum termo à série (*Cartas a Volder* apud Oliva, 2005, p.87).

Atreladas ao sistema da natureza proposto por Leibniz, estas forças são, quando primitivas, a própria série de predicados ou percepções que constituem a mônada, e quando derivadas, são as alterações feitas nessa mesma série, que obviamente serão expressas como fenômeno externo.

Eu relego as forças derivadas ao fenômeno, mas penso que é obvio que as forças primitivas são nada mais do que esforços internos (tendência) da substância simples, esforços por meios que elas passam de percepção para percepção de acordo com certa lei de sua natureza, e ao mesmo tempo harmonizada com as outras, representando o mesmo fenômeno do universo de diferentes modos... (AG, p.181).¹⁰⁰

Toda a percepção traz inerente a si o movimento. Por isso o filósofo considera que não exista nada sem movimento, pois não há nada sem percepção. E todo movimento, apesar de aparentemente ser impelido a algum corpo, não o é, visto que um corpo não pode perder movimento na medida em que dá a outro. Isto seria o mesmo que afirmar que o movimento é algo que possa ser transferido de um ser para outro, e que as mônadas não são fechadas, o que alteraria todo o sistema leibniziano. Da mesma forma, para Leibniz, a comunicação entre a alma e o corpo, ou entre as substâncias, seria apenas aparente. Apesar de comumente sustentarmos a noção de que a alma comanda diretamente os movimentos do corpo, e que, portanto, há um contato entre eles, isso, de acordo com a teoria de Leibniz, não passa de falsa suposição. A alma simplesmente faz representações claras ou confusas, e isso

¹⁰⁰ *Cartas a Volder*, in: *Philosophical essays*, 1989.

acontece também com o corpo. Tais representações são sincrônicas, devido à compatibilidade das percepções neles contidas (tanto as do corpo como as da alma). O mesmo acontece entre as substâncias em geral, que não possuem uma alma superior, elas representam suas percepções sincronicamente, conforme o acordo prévio que garante a harmonia existente.

Por meio da *harmonia preestabelecida*, a relação entre as mônadas estabelece um verdadeiro *plenum*,¹⁰¹ onde, as mônadas se completam, pois a ação de uma é a afecção de outra, e assim por diante. Isto, conforme as causas finais e eficientes que ordenam os acontecimentos:

Tudo é *plenum* (e, portanto, toda a matéria está ligada), e no *plenum* todo movimento tem um efeito sobre os corpos distantes na proporção de sua distância, de modo que cada corpo não é afetado apenas por aqueles que estão em contacto com ele, e de certa maneira sente o efeito de tudo aquilo que acontece aos outros, mas é também imediatamente afetado por corpos que se chocam com aqueles, com os quais está em contacto imediato. Donde se conclui que a intercomunicação das coisas se dá a qualquer distância, por maior que seja. Conseqüentemente, todos os corpos sentem os efeitos de tudo o que acontece no universo (MO, § 61).

A relação entre as mônadas atinge, além da mônada diretamente afetada, outras mônadas, segundo a distância existente entre elas. As mônadas mais próximas recebem maior efeito da ação provocada pela mônada ativa, o inverso acontece àquelas mais distantes, tal como as ondas provocadas sobre as águas. Quanto maior a distância do centro de propagação, menor sua intensidade, existindo uma integração sincronizada entre as mônadas.

¹⁰¹ O *Plenum* é a interação que existe entre todas as coisas, pois todo existente interage entre si sem jamais se tocar.

Desconhecemos esse *Plenum* ou “interligação virtual”¹⁰² por não compreendermos o real sentido das causas. Leibniz acredita que tomamos uma causa pela outra. A causa de determinado acontecimento que vivemos está em nós mesmos; a mudança externa é causada por uma mudança interna. Existe uma ação e uma reação, uma causa e um efeito, que não acontece mediante o contato direto, mas conforme o princípio da harmonia pré-estabelecia. Na realidade virtual que o filósofo professa, a causa e o efeito não são fenomênicos, tal como o senso comum entende. Essa lei da causalidade resulta das percepções mentais. E a alteração no grau das percepções se expressa externamente. Dependendo da finalidade, evolução ou regresso, estabelece-se a causa de um determinado acontecimento vivenciado por nós; o resultado seria o efeito. Portanto, o efeito, que a maioria, toma como causa,¹⁰³ nada mais é do que o resultado reflexivo de uma mudança interna. Primeiro ocorre uma mudança de percepção, ou seja, as mônadas que possuem percepções claras agem sobre àquelas que possuem percepções confusas. Esse grau de clareza no nível das percepções atinge uma proporção gigantesca refletindo-se sobre a percepção das outras mônadas, que, por semelhança, tendem a elevar suas próprias percepções.

Numa linguagem mais contemporânea diríamos que a mente¹⁰⁴ que possui maior consciência age sobre a que possui menor consciência, sendo que *tudo*, e neste caso Leibniz refere-se a menor partícula existente, possui mente.

¹⁰² Esse termo é usado para esclarecer que a interligação, para Leibniz, não é fenomênica, mas monádica (mental), pois são em última instância percepções.

¹⁰³ O senso comum toma a causa pelo efeito por levar em consideração somente o mundo físico. Desconhece que a causa é interna, pensam ser externa, mas externo é o efeito, por isso Leibniz afirma “tomam o efeito pela causa” (NE. II, ix, §8).

¹⁰⁴ Mente e mônada são sinônimos no sistema de Leibniz, apesar dele não usar com tanta frequência o primeiro termo, podemos encontrá-lo em suas *Cartas a Arnauld*.

O aparente contato que conduz ao movimento, nada mais é que uma espécie de acordo, ou mais especificamente, uma *lei relacional* que encadeia as variações do grau de consciência das mentes e as expressa em forma de imagem (reflexo).

3.3 OS SENTIDOS

Os sentidos, afirma Leibniz, fornecem a matéria para a reflexão. Não poderíamos desenvolver o conhecimento se não pensássemos alguma coisa, as coisas particulares que os sentidos fornecem. Além dos sentidos representarem a ocasião, a qual instiga o espírito à reflexão e ao encontro das verdades necessárias dentro de si, os sentidos também podem fornecer justificativa à verdade, contudo, não há como, por meio deles, demonstrarmos sua certeza. Pois sendo as verdades inerentes ao espírito e dotadas de percepções distintas e claras, conseqüentemente estão ligadas ao que há de mais divino, ao contrário da matéria, que por ser constituída de percepções confusas, não pode demonstrar uma verdade necessária, mas unicamente lhe servir de “veículo” a sua confirmação.

Se a verdade se originasse nos sentidos, seria parcialmente confusa, visto que as coisas trazem consigo uma multiplicidade de percepções, aparentemente unas num único sujeito, quando nos aprofundamos em compreendê-las atenta e reflexivamente, notamos uma composição de *percepções insensíveis* (percepções não notáveis) que as constituem. Os

sentidos, por serem expressamente empíricos e conseqüentemente ligados ao concreto, não conseguem assimilar a multiplicidade na unidade.¹⁰⁵

As idéias provenientes das sensações só poderão constituir idéias confusas, pois a mônada, substância pura é fechada e impenetrável, ou seja, as idéias não podem provir de algo exterior à mônada, sendo assim, o filósofo defende a concepção da impossibilidade de as idéias claras (que apontam às verdades inatas) originarem-se de percepções confusas, ou seja, das sensações ou experiências.

Os seres humanos podem refletir sobre determinada percepção, mas lhe é dificultado ou até mesmo impedido, no caso delas serem muito pequenas e obscurecidas pela multidão de outras percepções que as rodeiam. Afirma que ao observarmos uma imagem, muitas vezes, devido à nossa falta de prática em lidar com perspectivas,¹⁰⁶ tomamos a causa pela própria imagem, como quando, por exemplo, no caso de uma superfície esférica circular limitada por um círculo, confundimos ambos e tomando um pelo outro, cremos conhecer de imediato a causa daquela imagem, mas nos enganamos; Leibniz compara isso ao caso dos cães que latem para o espelho acreditando que a imagem refletida é um outro cachorro, ou seja, acreditando que ela é real. O filósofo esclarece:

Enganamo-nos ao tomar uma causa pela outra, acreditando que aquilo que provém senão de uma pintura plana é derivado de um corpo, de modo que neste caso existem nos nossos julgamentos ao mesmo tempo uma metomínia e uma metáfora: com efeito, as próprias figuras de retórica se transformam em sofismas quando abusam de nós (NE, II, ix, §8).

¹⁰⁵ Esta concepção é comum aos racionalistas clássicos, e teve Descartes como pioneiro.

¹⁰⁶ Arte de representar os objetos sobre um plano tais como se apresentam à vista. Como as pinturas que representam paisagens e edifícios à distância.

Apesar de não ser possível ao indivíduo distinguir os detalhes das figuras e dos movimentos (os quais a mônada¹⁰⁷ exprime com exatidão¹⁰⁸) devido à impossibilidade de reconhecer distintamente por meio das idéias sensíveis (notadas *a priori*), Leibniz garante que chegaríamos às evidências reais se checássemos a constituição interna *antevendo as razões inteligíveis que necessitam as coisas*. Método esse, que transfere o conhecimento das coisas sensíveis às faculdades mentais.

Se formos conduzidos por pensamento racionais e não por percepções insensíveis acidentais, poderemos agir¹⁰⁹ corretamente. Não devemos permitir que as sensibilidades perigosas¹¹⁰ sobreponham-se às inocentes. As sensações não são completamente prejudiciais, pois elas podem despertar em nós percepções distintas, as quais trazem consigo ação, de modo a podermos observar sua expressão e nos desenvolver. Mediante a distinção das sensações poderemos refletir a respeito das mesmas e apercebemo-nos de algo, para, em seguida, concebermos noções verdadeiras.

Devemos proceder como o jardineiro, por este, a fim de deixar o jardim o mais belo possível, não prescindir em retirar-lhe as ervas daninhas. O mesmo devemos fazer quanto às sensibilidades perigosas, ceifá-las antes que se espalhem por todo jardim, destruindo-o.

¹⁰⁷ Relembrando, existem três níveis de mônadas ou unidades substanciais: 1. espírito (razão); 2. alma superior (memória); substância simples cujo agregado constitui as coisas.

¹⁰⁸ A mônada expressa exatamente as suas percepções internas. O que existe externamente representa fielmente os estados internos da mônada.

¹⁰⁹ A ação, caracterizada por Leibniz como o exercício da perfeição, deve ser espontânea, enquanto a paixão que leva à imperfeição, é impositiva.

¹¹⁰ Percepções sensíveis confusas e obscuras que podem nos prejudicar.

Os bons impulsos são como a voz de Deus e nós devemos segui-los resolutamente. E já que não é possível sermos motivados pelos resultados desses, antes que os executemos, é necessário seguirmos a seguinte regra exposta pelo filósofo, a qual facilita a nós remediarmos nossos males e buscarmos os verdadeiros bens:¹¹¹

(...) Esperar e seguir desde já as conclusões da razão uma vez bem compreendidas, mesmo não percebidas, e seguir através de pensamentos surdos¹¹² e destituídos de atrativos sensíveis, isso para conseguirmos finalmente a posse do domínio sobre as paixões, bem como sobre as inclinações insensíveis ou inquietações, adquirindo este habito de agir segundo a razão, o qual tornará a virtude agradável e como que natural (NE, II, xxi, §35).

A mentalidade vulgar, voltada somente às coisas externa dificulta à apercepção. É necessário um refinamento, por meio da meditação, para enxergamos além da mera aparência (cf. NE I, i, §27). Deixarmos-nos inebriar pelo fenômeno é um grande equívoco, pois o fenômeno não passa de representação das percepções confusas, e, portanto não nos conduz ao conhecimento claro e distinto, mas somente ao obscuro e confuso.¹¹³

Para que as verdades, alcançadas devido à apercepção, apareçam para o ser humano é necessário que este se dedique aos pensamentos puros e abstratos. Essas verdades inatas não são captáveis pelos espíritos que se devotam às coisas materiais, pois Leibniz alega que isto seria rebaixar os dons

111 A comunhão com Deus constitui o ponto principal da moralidade leibniziana: estamos moralmente certos à medida que estamos mais unidos a Deus.

112 Pensamentos surdos são aqueles que se formam em nosso espírito sem este os notar. Tais pensamentos influenciam-nos a praticar determinadas atitudes.

113 As idéias originam o conhecimento e este pode ser: obscuro, quando não se consegue diferenciar as coisas; claro, quando se consegue conhecer ao expressar-se sobre as coisas. O conhecimento claro, por sua vez, pode ser confuso, por desconhecermos a totalidade de seus elementos constitutivos; ou distinto, quando se diferencia a idéia verdadeira da falsa, mas suas definições não são totalmente claras, contendo ainda certos graus de confusão.

de Deus que, neste caso, honraria mais a ignorância. Como ele afirma: "Na medida em que somos capazes de conhecimento, pecamos ao negligenciarmos adquiri-lo, e se pecará com tanto mais facilidade, quanto se é menos instruído" (NE, I, i, §27).

Observando a idéia sensível dificilmente conseguiremos distingui-la da percepção, pois a ligação entre ambas mantém-se obscurecida diante das sensações. Elas contêm ação quando nos transmitem percepções distintas, de modo a podermos observar sua expressão e nos desenvolvermos. Pois mediante a distinção das sensações poderemos refletir a respeito das mesmas e apercebemo-nos de algo, para, em seguida, concebermos noções verdadeiras.

A fim de exemplificar o aspecto fenomênico da matéria, Leibniz faz uma analogia à roda com dentes que se movimenta e provoca a aparência de uma transparência artificial, que ele denomina *fantome de transparence*, da qual não conseguimos distinguir os dentes que lhe pertence. É devido à percepção confusa que não conseguimos distinguir os dentes da roda, da transparência que ela aparenta ao movimentar-se. A transparência não passa de expressão confusa do movimento da roda com dentes. As qualidades ou idéias que obtemos das aparências são como fantasmas. Para Leibniz, devemos apenas nos contentar em saber que as aparências são fantasmas, pois dificilmente distinguiremos as percepções que as constituem. Por exemplo, no caso citado, se a roda fosse tão lenta que pudéssemos observar as suas partes e a sucessão delas, veríamos claramente. Contudo, a velocidade com que se movimenta, nos leva a crer que a roda possui

transparência e jamais nos faz pensarmos que é constituída por dentes (cf. NE, IV, vi, § 7).

Não é sem razão que as sensações nos iludem, conforme Leibniz argumenta, pois se conseguíssemos distinguir tais percepções confusas entraríamos em contradição. O autor explica:

Querer que esses fantasmas confusos permaneçam, e apesar disso se distingam neles os ingredientes pela própria fantasia, equivale a contradizer-se, o mesmo que querer o prazer de ser enganado por uma agradável perspectiva, e querer que ao mesmo tempo os olhos vejam o embuste, o que equivaleria estragar a perspectiva. É um caso em que não conseguimos, tampouco, como se te empenhasses em desarraoar razoavelmente. Todavia acontece muitas vezes aos homens de procurarem nó em espiga de junco e de fabricarem dificuldades lá onde estas não existem, exigindo o que não se pode exigir e queixando-se depois da sua impotência e dos limites da sua luz (NE, IV, vi, § 7).

Buscar a verdade e ao mesmo tempo ansiar pelo prazer proporcionado pela perspectiva ilusória, eis a contradição a qual Leibniz se refere. E se é uma contradição, não é possível.

Como vemos, o filósofo defende a noção de que os sentidos não podem ver o real que está diante de si; "os homens julgam, sobre as coisas apenas segundo a sua experiência, que é extremamente limitada, e tudo o que não é conforme a experiência lhes parece absurdo" (NE, IV, x, § 28). Sendo assim, desviam-se dos princípios metafísicos que os conduziriam às idéias claras e distintas.

Nossas experiências dos sentidos obtidas através do contato com as coisas externas, obtêm as percepções das verdades inatas,¹¹⁴ mas isso acontece de maneira ainda confusa. Por desconhecermos esse fato voltamos às coisas concretas desprezando, na maioria das vezes, as internas e abstratas. "Muito raramente o futuro e o raciocínio nos impressionam tanto como o presente e os sentidos" (NE I, ii, §11), por este motivo, nos afastamos dos princípios metafísicos naturais¹¹⁵ impressos em nossas almas, voltando-nos em direção as nossas paixões.

Por ser impossível a apreensão clara e distinta diretamente através do sensível, dos quais apreenderíamos apenas as qualidades (percepções internas) confusas, Leibniz considera que os conceitos que a maioria dos filósofos utilizam para demonstrar a existência de qualidades primeiras são analisados somente mediante a aparência, sem uma análise mais profunda.

Leibniz observa que, na passagem de um pensamento para outro, as crianças e até mesmo os adultos processam o raciocínio, do mesmo modo que os animais¹¹⁶. Isto é, os animais possuem certo tipo de atitude mental, a memória, quando o dono pega um bastão para surrá-lo e o cão relembra que o

¹¹⁴ É possível existir verdades em nós, sem que, no entanto, nos apercebamos delas. Contudo, tais verdades só emergem de nós quando lhes dedicamos à devida atenção. Leibniz esclarece que as idéias inatas não se apagam, elas apenas se obscurecem, quando o homem inclinado às vontades do corpo, e aos maus hábitos, afasta-se das operações mentais do intelecto proporcionadas pela meditação, preenchendo a mente de percepções confusas e tornando-a cada vez mais desatenta: "Esses caracteres da luz interna brilharão sempre no entendimento, e dariam calor à vontade, se as percepções confusas dos sentidos não se apoderassem de nossa atenção. É o combate do qual a Sagrada Escritura fala, tanto quanto a filosofia antiga e moderna" (NE, I, ii, §20).

¹¹⁵ A violação de princípios naturais acarreta castigos naturais, e, ao contrário do que se pensa comumente, tais castigos, não podem ser atribuídos por legisladores, mas são delegados por Deus que não deixa nenhum crime sem castigo. "Por exemplo, a intemperança é castigada pelas doenças" (NE I, ii, §12).

¹¹⁶ Leibniz considera que tanto as plantas como os animais possuem alma e os segundos são dotados, de certa forma, de raciocínio. Os animais imaginam e conectam uma imaginação à outra levando em consideração o que sentiram com relação àquela imagem.

dono, por haver feito outras vezes, irá bater nele. Algumas pessoas comportam-se mentalmente dessa maneira, mediante as lembranças do passado.

Já a atividade mental do homem que raciocina o remete à conexão das percepções. Esta forma de conexão não pode ser conduzida somente pelas sensações, pois estas possuem a função de retomarmos uma determinada conexão, mesmo que as razões que levam a isso não sejam as mesmas que as formaram anteriormente. Em linhas gerais, o raciocínio que os animais possuem conecta as imagens registradas em suas mentes pela memória, e isso depende da sensação. Algumas vezes, os animais também se apercebem, embora não reflitam como os seres humanos, cuja reflexão sobre a percepção constitui o pensamento, e quando estes são distintos tem-se o entendimento (NE, I, ii, §10). Nos seres humanos, a forma de raciocínio é mais primorosa por conectar percepções, independentemente das sensações, e por possuírem a capacidade de refletir sobre estas percepções.

A percepção independe da reflexão para existir, pois no caso do homem letárgico, bem como os animais, eles percebem, apesar de não exercerem a reflexão. Para Leibniz não só os seres humanos, mas os animais e as plantas também possuem percepções. “Mas nos seres humanos as percepções são acompanhadas de reflexão e, estas, utilizando-se da matéria necessária, tornam-se ato (NE, II, ix, p. 89)”. Esse pensamento de Leibniz acentua a sua concepção de percepção como expressão do mundo.

Os sentimentos são indispensáveis às reflexões e apercepções e, na ausência destes, a reflexão torna-se inoperante, por isso o homem letárgico

não a exerce, embora para Leibniz, todas as percepções não notáveis, mesmo a do homem letárgico, um dia serão notadas: "Nada é inútil na natureza, toda confusão deve esclarecer-se". "Por meio dos sentidos podemos verificar somente a existência do limitado, mas quando fazemos uso da razão podemos conceber o infinito" (NE I, ii, §8).

Com relação à faculdade racional que é espírito, o entendimento é descrito (a mente) como uma tela ou membrana elástica com pregas, receptiva as imagens.¹¹⁷ Essas pregas seriam os conhecimentos inatos. Quando esta tela vibra, temos a ação, e esta movimentará as pregas em correspondência à imagem "recebida".

Além de "recebermos" imagens no cérebro, podemos formar as idéias simples ou complexas¹¹⁸ sobre estas. A Idéia simples constitui-se da idéia superficial que temos de algo, o considerando pela aparência, ou seja, sem levarmos em conta a multiplicidade que o constitui. Com isso concebemos como extenso aquilo que representamos sem extensão. A idéia complexa é constituída pela racionalização sobre as imagens "recebidas" (cf. NE II, XII, §2).

Como as idéias simples são compostas por outras idéias, quando semelhantes elas nos confundem. Consideramo-las mais simples, com relação às idéias diferentes, conduzindo a impressão confusa de unidade¹¹⁹. Podemos utilizar como exemplo um corpo, que apesar de composto por inúmeras partes, aparenta unidade, por haver relação (sincronia entre as percepções) entre seus

¹¹⁷ Quando Leibniz fala em imagens recebidas, não quer dizer que entram de fora para dentro de nós, mas são recebidas por serem notadas, ou mesmo quando não as notamos, por nos impressionarem.

¹¹⁸ *Idéias complexas* são os objetos do pensamento conhecidos como substância, modo, ou relação.

¹¹⁹ Em consequência disso acreditamos ver uma unidade naquilo que é múltiplo.

componentes. Quando nos apercebemos de algo, adquirimos uma idéia distinta dele atribuindo relações às substancias e, neste caso, ocorre o entendimento. A faculdade de *entender*, portanto é aquela que nos conduz das idéias simples às compostas.

O entendimento é a fonte do conhecimento, o qual se classifica como: *conhecimento obscuro*, quando não se consegue diferenciar as coisas; *claro*, quando se consegue conhecer ao expressar-se sobre as coisas. O *conhecimento claro*, por sua vez, pode ser *confuso*, por desconhecermos a totalidade de seus elementos constitutivos; ou *distinto*, quando se diferencia a idéia verdadeira da falsa, mas suas definições não são totalmente claras, contendo ainda certos graus de confusão.

O conhecimento totalmente claro é impossível, uma vez que o nosso corpo é nosso ponto de vista para conhecermos a totalidade do mundo e, não havendo nada totalmente imaterial nem totalmente material, concebe-se que não existe distinção completamente *adequada*, mas somente inadequada, afinal, as idéias simples, que se fazem conhecer ocultam a multiplicidade que as formam. Como é pelos sentidos que o ser humano volta-se a si mesmo, a fim de encontrar a verdade, acaba se iludindo pelas percepções confusas expressas externamente. O conhecimento distinto só poderá ser alcançado pela intuição,¹²⁰ mas como esta é rara, podemos caracterizar o conhecimento existente como *supositivos*. Conhecimentos supositivos são aqueles nos quais

¹²⁰ Intuição é a compreensão distinta de todos os elementos primitivos de uma noção; esta é considerada rara por Leibniz, pois a maioria do conhecimento humano é confuso.

utilizamos símbolos¹²¹ para indicar uma variedade que não conseguimos explicar (cf. DM § XXIV).

O espírito não é somente capaz de conhecê-las [as verdades necessárias], mas também de descobri-las em si mesmo; se o espírito tivesse apenas a capacidade de receber os conhecimentos ou a potência passiva para isto - capacidade tão indeterminada quanto a que possui a cera de receber figuras, e a lousa vazia de receber letras - não seria a fonte das verdades necessárias (NE I, i, § 5).

Leibniz evidencia a existência das idéias inatas no espírito a partir da existência das verdades necessárias,¹²² sendo estas, razão mais do que suficiente para a pré-existência daquelas. Mas, só as evidenciamos após nosso espírito as "escavar" duramente do seu interior.¹²³ Exemplos destas verdades inatas estão na aritmética e na geometria, como argumentara Platão em seus diálogos.¹²⁴

A percepção independe dos fenômenos externos por não haver contato direto entre uma mônada e as outras que a rodeia, este fato é o motivo da impossibilidade de entrar na mônada qualquer coisa, percepção ou idéia,

¹²¹ São esses símbolos mentais que Leibniz denomina como pensamentos cegos, os quais nós desconhecemos (NE, II, XXIX, §10).

¹²² Leibniz parte da distinção entre *verdades necessárias* e *verdades de fato*, onde a primeira se refere aos fundamentos inerentes ao espírito (razão) e a outra remete ao conhecimento adquirido mediante a experiência com a matéria (a impressão do sensível).

¹²³ Leibniz acredita que as verdades são encontradas, como se escavássemos até resgatá-las (hauridas) do nosso interior. Para tanto, seriam necessárias a atenção e a meditação, no sentido de reflexão.

¹²⁴ Leibniz refere-se à obra *Mênon* (80d-86c), na qual Platão demonstra que as idéias já estão presentes no espírito, fornecendo o exemplo do rapaz conduzido às verdades da geometria através de perguntas direcionadas (DM § 26).

que lhe seja externa. É justamente neste ponto que nosso filósofo replicará a Locke¹²⁵ que negava a verdade como sendo inata.

Na argumentação contra as idéias inatas, Locke sustenta que, já que elas se apagam de nossas mentes, tanto que as desconhecemos, como poderiam ser inatas? Leibniz esclarece que as idéias inatas não se apagam, elas apenas se obscurecem, quando o homem inclinado às vontades do corpo, e aos maus hábitos, afasta-se das operações mentais do intelecto proporcionadas pela meditação, preenchendo a mente de percepções confusas e tornando-a cada vez mais desatenta:

Esses caracteres da luz interna brilharão sempre no entendimento, e dariam calor à vontade, se as percepções confusas dos sentidos não se apoderassem de nossa atenção. É o combate do qual a Sagrada Escritura fala, tanto quanto a filosofia antiga e moderna (NE, I, ii, §20).

¹²⁵ Locke considera o inatismo preconceituoso por conduzir a uma forma de dogmatismo individual, por estar fundamentado somente na afirmação do próprio indivíduo. Sustenta a impossibilidade de tais princípios inatos por constatar que apenas um número reduzido de indivíduos tem conhecimento sobre os princípios lógicos. Para ele, isso seria prova suficiente para demonstrar como os princípios não podem ser inatos. Locke considera não existir utilidade alguma nos princípios do inatismo, visto que o conhecimento se constitui mediante a percepção. "Bastaria perceber o doce e o amargo em separado; imediatamente se concluiria que ambos são diferentes" (Locke, *Ensaio sobre o entendimento humano*, I, iii, p. 66). Afirma, portanto, que todo conhecimento possui como fonte as experiências sensíveis e as reflexões. Estas seriam os materiais do conhecimento, ou seja, as idéias que constituem o conteúdo existente ao processo cognitivo. Existem as idéias de reflexão (pensar, duvidar, crer) e as de sensação (amarelo, quente, áspero), sendo a primeira interna ao indivíduo, enquanto a segunda lhe é externa. Ambas são denominadas simples e se subdividem em dois grupos: as percepções do espírito e a modificação da matéria. Além deste grupo das idéias simples, existe o grupo das idéias complexas (para Locke) que constituem a representação das coisas distintas, tal como as idéias de relações (filiação = pai e filho), de substância (combinação de idéias simples) e de modo (atributo das substâncias) (Locke, *Ensaio sobre o entendimento humano*, I, iii, p. 65-67).

É possível existir verdades em nós,¹²⁶ sem que, no entanto, nos apercebamos delas. Contudo, tais verdades só emergem de nós quando lhes dedicamos à devida atenção. Deste modo, para que tais verdades apareçam para o ser humano é necessário que este se dedique aos pensamentos puros e abstratos. Essas verdades inatas não são captáveis pelos espíritos que se devotam às coisas materiais, pois Leibniz alega que isto seria rebaixar os dons de Deus que, neste caso, honraria mais a ignorância: "Na medida em que somos capazes de conhecimento, pecamos ao negligenciarmos adquiri-lo, e se pecará com tanto mais facilidade, quanto se é menos instruído" (NE, I, i, §27). Essa concepção de Leibniz é tomada de Platão:¹²⁷

Eis o que Platão excelentemente, ao introduzir a sua teoria da reminiscência, que tem muita solidez, quando devidamente compreendida e expugnada do erro da pré-existência. (...) Platão confirmou ainda sua opinião por meio de uma bela experiência, apresentando um rapazinho que insensivelmente levou até as mais difíceis verdades da geometria relativas aos incomensuráveis, sem nada lhe ter ensinado e apenas fazendo perguntas por ordem e a propósito. O que mostra que a alma sabe virtuosamente todas as coisas e apenas requer *animadversiones* para conhecer as verdades. Pode até dizer que já possui estas verdades, quando tomadas como as relações entre idéias (DM, §26).¹²⁸

¹²⁶ Para Leibniz, verdade e pensamento distinguem-se um do outro. As verdades "são hábitos e aptidões, tanto naturais como adquiridos", enquanto o pensamento é provocado por percepções cujas impressões nos chegam à mente, se utilizarmos nossas faculdades racionais a esse serviço poderemos direcioná-los (cf. NE, I, iii).

¹²⁷ Platão considera que temos acesso às idéias puras quando as reconhecemos, pois elas já existem em nossa memória desde quando, outrora, estivemos em contato direto com estas mesmas, no mundo das idéias.

¹²⁸ Leibniz estabelece a impossibilidade da reencarnação, defendida por Sócrates e Platão. Para Leibniz, a alma inexistente sem a matéria prima, ou força passiva, portanto, não poderia desfazer-se desta através da morte e da reencarnação. Contudo, a alma é imortal e se expressa por meio de diferentes manifestações fenomênicas. Este assunto será exposto com mais detalhes no capítulo *Corpo e Espírito*.

Não é porque Leibniz acredita que as verdades advêm do nosso interior que ele despreza a importância dos sentidos.¹²⁹ O filósofo delega a eles a função de serem o estímulo que o espírito¹³⁰ (ou a razão) necessita para "garimpar" o conhecimento de si mesmo (no próprio espírito). Portanto, as experiências sensíveis imputam ao espírito *ocasião* e *atenção*, a fim de que este, escolhendo a disposição que lhe convier (ativa ou passiva), possa extrair do seu interior *verdades necessárias*.¹³¹

As sensações não devem ser desprezadas, porém o contrário também não pode ocorrer, isto é, enaltecê-las. É preciso saber utilizar-se delas, sempre recorrendo aos princípios metafísicos, pois, explica o filósofo, só conheceremos as leis se aplicarmos o seu método. Precisamos considerar que Deus toma determinadas decisões e cria o melhor dos mundos possíveis, a partir de razões que o levam a isso, para então descobrirmos as leis Ele que selecionou. Estas se dividem estruturalmente em três tipos: (1) as leis possíveis que Deus selecionou para criar este mundo – o trabalho do cientista é descobrir estas leis; (2) leis médias que compreende as leis científicas (a lei da natureza aplicada às ordens dos fenômenos), (3) lei que compreende os fenômenos físicos (explica as *leis da natureza*) (cf. Kathleen, 1982, 201). É com esse método que poderemos desvendar os termos *a priori*, ou seja, distinguir adequadamente as idéias compostas que compõe as simples. Este método

¹²⁹ A experiência seria uma maneira de atualizarmos nossas idéias contidas em nossa alma. "A experiência é necessária [...] para que a alma seja determinada a tais e tais pensamentos, e para que ela preste atenção às idéias" (NE II, i, §2).

¹³⁰ O espírito, assim como a alma, é uma mônada racional, localizada nos seres humanos, dotada com as faculdades de abstração, reflexão, questionamento.

¹³¹ Leibniz considera que as verdades necessárias, por serem claras e distintas, só poderão emergir, quando, fazendo uso da força ativa que nossa alma é dotada, nos dispomos a meditar sobre determinada questão.

não é independente da experiência sensível como também não é incorrigível. E foi dele que Leibniz se utilizou para desenvolver seus princípios *a priori*.

Para o filósofo, todas as proposições admitem uma prova *a priori*, isto é, em princípio todas as proposições podem ser explicadas ou com referência as verdades da lógica ou com referência ao plano de Deus. Existe, portanto necessidade de a ciência compreender que Deus emprega menos as leis na ordem ótica dos fenômenos.

Em síntese, podemos afirmar que Leibniz acredita que o conhecimento científico não deve dedicar-se a desvendar as leis da natureza norteado pelas causas eficientes (constituição material), mas que esse deve ser conduzido pelas leis da alma e do espírito, que levam em conta as causas finais (finalidade). Um exemplo disso é o caso relatado por ele mesmo no *Discurso da Metafísica*, sobre professor Snellius:

Assim, creio que Snellius [(1591-1626) professor de matemática da Universidade de Leyden], o primeiro inventor das regras da refração, demoraria muito mais a encontrá-las se primeiramente quisesse conhecer a formação da luz, mas seguiu aparentemente o método usado pelos antigos para a catóptrica [princípio da simplicidade, segundo o qual a luz procura o caminho mais simples], que vai efetivamente pelas causas finais. Pois, procurando o caminho mais simples para conduzir um raio de luz de um ponto dado para um outro dado pela reflexão de um plano determinado (supondo ser este o desígnio da natureza), acharam a igualdade dos ângulos de incidência e de reflexão (DM, § XX).

Quando as observações do sujeito voltam-se ao sensível, sem que o pensamento se apóie nos princípios metafísicos das percepções, as conclusões resultantes são mescladas por percepções confusas, devido à

mistura de indivíduos (substâncias) diferentes (*conclusão híbrida*).¹³² Por isso devemos fundamentar as conclusões de nosso raciocínio em *princípios gerais* que auxiliam nossos pensamentos. Mas por estes princípios estarem suprimidos, não prestamos a devida atenção neles.

Carecemos tanto destes princípios gerais quanto necessitamos dos tendões e músculos para andar, embora nem sempre pensemos neles quando estamos andando. Assim, utilizamo-nos de princípios gerais¹³³ que constituem nosso pensamento quando raciocinamos, sem muitas vezes nos darmos conta disso, pois exigiria grande atenção e "a maior parte das pessoas pouco habituadas a meditar, não possuem tal atenção" (NE I, i, § 20).

Deve-se usar em oposição aos materialistas não os princípios matemáticos, pois estes são os mesmos para ambos, mas os princípios metafísicos. Mas para passar da matemática à física é necessário utilizar o princípio da razão suficiente. Por este princípio é possível demonstrar os princípios dinâmicos ou da força. (CC. 2L, § 1).

Com o princípio metafísico da *razão suficiente*, Leibniz acredita que termos certeza de que nada existe sem uma razão suficiente para torná-lo o que é: "*Nada se faz sem razão suficiente*, isto é, que nada ocorre sem que seja possível àquele que conheça suficientemente as coisas dar uma razão que baste para determinar por que é assim e não de outro modo" (NG, § 7).

¹³² *Conclusão híbrida* refere-se à dedução miscível, decorrente de nossa ingênua observação à experiência sensível. Pois, sendo o sensível uma aparente unidade, composta por multiplicidade de indivíduos (mônadas), é esperado que o resultado do que apreendemos pelos sentidos seja a mistura indiscernível dessas inumeráveis individualidades.

¹³³ Leibniz identifica como princípios gerais aquelas noções consideradas comum a todos. Por exemplo, a idéia do redondo, do espaço entre os corpos, do sólido, etc.

O princípio da *razão suficiente* somado ao princípio dos *indiscerníveis*¹³⁴ demonstra como a metafísica é indispensável ao conhecimento científico, de modo que sem ela seria como se a ciência tateasse as cegas, sem encontrar as verdades que busca.¹³⁵ A contribuição destes dois princípios é enfatizada pelo filósofo: “Com os princípios da razão suficiente e da identidade dos indiscerníveis a metafísica torna-se real e demonstrativa” (CC. 4L; § 5).

Tais princípios evidenciam a necessidade da metafísica na contribuição à investigação científica, por possuírem caráter demonstrável nos próprios fenômenos naturais, denotando a insensatez em excluí-la das pesquisas, ou aplicá-la inadequadamente, em desacordo com os seus princípios. Logo, todos os fenômenos da natureza podem continuar sendo explicados pela ciência através da matemática ou da geometria, mas necessariamente devem fundamentar-se na metafísica:

Os princípios gerais da natureza corpórea e da própria mecânica são muito mais metafísicos do que geométricos e pertencem, sobretudo, a algumas formas ou naturezas indivisíveis, como causas das aparências, mais do que à massa corpórea ou extensa. Esta reflexão é capaz de reconciliar a filosofia mecânica dos modernos com a circunspeção de algumas pessoas inteligentes e bem intencionadas, que com algum fundamento se sentem receosas pelo afastamento exagerado dos entes imateriais em prejuízo da piedade (DM, § XVIII).

Um exemplo da integração da metafísica à física encontra-se na terceira réplica de Leibniz a Clarke, representante direto de Newton. Leibniz

¹³⁴ Este conceito será tratado no tópico *Individuação*, p. 27. No momento, destacamos que o princípio dos indiscerníveis estabelece que não existem dois seres idênticos na natureza (CC, 5L, § 14).

¹³⁵ Um exemplo que esclarece esta afirmação é sobre o Professor Snellius, citado mais à frente.

afirma a inexistência do espaço e do tempo absolutos,¹³⁶ justificando: “A idéia de espaço absoluto impossibilita a *razão suficiente* como axioma. Se o espaço existisse realmente com característica absoluta, por que razão (suficiente) Deus teria colocado as coisas em determinada ordem e não em outra, dentro deste espaço absoluto? Ex.: Oriente e Ocidente” (cf. CC, 3L, § 5).

Desejando evitar um enlace direto dos conhecimentos, metafísico e físico, afirma que os escolásticos falharam neste ponto, quando quiseram aplicar a teoria das formas substâncias já defendida por Aristóteles, à realidade física. Apesar de o filósofo acreditar que tais mundos não se misturam, enfatiza a importância de a ciência utilizar-se dos princípios metafísicos a fim de não falsear os resultados.

É Seguindo o método de aplicação dos princípios metafísicos ao conhecimento físico, Leibniz desenvolve sua *teoria da percepção*, considerada o sustentáculo de todo o seu sistema contra o materialismo mecanicista¹³⁷, que, além de desconsiderar a importância da metafísica, baseia-se inteiramente em resultados puramente materiais, desprezando o fato de obtermos impressões confusas da matéria.¹³⁸ Como o ser humano é incapaz de notar distintamente todas as percepções confusas, faz-se fundamental à

¹³⁶ Para Leibniz, espaço e tempo absolutos não existem realmente, sendo meros conceitos explicativos. Apenas existem a ordem das coisas (espaço) e a sucessão dos acontecimentos (tempo).

¹³⁷ O materialismo mecanicista é a doutrina moderna que explica os fenômenos da natureza reduzindo-os a processos mecânicos, a processos que se explicam pelas leis do movimento dos corpos no espaço e por mudanças puramente quantitativas.

¹³⁸ Falarei sobre a matéria no capítulo III, mas com a pretensão de esclarecer este parágrafo, adianto que a matéria é força passiva, constituída de percepção confusa (denominada por Leibniz de *matéria primeira*), o que a impede de transmitir clareza, realidade ou veracidade. Através da matéria física, a massa (denominada, por Leibniz, de *matéria segunda*) não existe a possibilidade de alcançarmos o entendimento. O entendimento é composto por verdades, provenientes das percepções claras que se tornam aperceptíveis. Isto é impossível de acontecer com as percepções confusas.

ciência dominar os princípios metafísicos e as noções elementares a fim de conviver plenamente com o todo sem se enganar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aspirando alcançarmos o nosso objetivo, examinamos os textos filosóficos de Leibniz, para que, a partir deles, pudéssemos responder ao problema apresentado na introdução e as questões que dele surgiram. Lembramos que o objetivo versava sobre “o que há de real naquilo que enxergamos” para Leibniz e o problema principal que irrompeu da explanação feita sobre a concepção leibniziana da realidade exterior: como uma substância imaterial, inextensa, fechada e intocável (a própria mônada) pode constituir a matéria extensa, sólida e imóvel?. Deste problema surgiram outras questões: (i) se a matéria é um agrupamento de substâncias e se o contato é impossível, como podemos ter a impressão de matéria sólida e coesa? (ii) se a matéria é realmente virtual, como nos faz deduzir Leibniz, podemos inferir que só existe mente (percepção)? (iii) considerando-se a questão anterior como verdadeira, é possível admitir que os acontecimentos estejam na mente e não mais derivam das leis de causa e efeito ou ação e reação? (iv) se a matéria possui o aspecto sólido em que sentido ela é imaterial? (v) se a tocamos, o que Leibniz quer dizer com intocável?¹³⁹

No transcorrer de nossa pesquisa, voltada a responder ao problema central e suas questões menores, trilhamos os conceitos envolvidos com a concepção leibniziana acerca do tema investigado. No primeiro capítulo, vimos o conceito de percepção, objetivando proporcionar uma idéia desta, de modo a possibilitar o vínculo com o tópico seguinte. Comentamos que Leibniz concebe a percepção como as próprias qualidades ou predicados dos objetos. Portanto,

¹³⁹ Enfatizamos que procuramos, durante a dissertação e nestas considerações finais, obedecer ao percurso assumido por nós ainda na introdução.

não temos uma impressão da coisa exterior, possuímos internamente a totalidade das qualidades de todas as coisas existentes. As percepções (qualidades) são expressões exteriorizadas por nós numa sincronia perfeita com o todo, como um quadro de uma bela paisagem a representa o mais fielmente possível.

Mas onde as percepções se localizam? Não existe um lugar determinado no qual elas estejam, pois a idéia de espaço e tempo não passa de invenção do ser humano, na pretensão de facilitar as soluções científicas. Em contrapartida, Leibniz concede a ela a função fundamental que sustenta todo seu sistema.

Afirma que um agregado de matéria não é verdadeiramente um, mas sim um conjunto de substâncias simples, cujos estados internos, que são a percepção da substância, ou seja, sua forma de representar o que é composto (externo) no simples (cf. 1.1).¹⁴⁰

As percepções não são resultado da ação do objeto sobre a mônada, mas por já existirem nela, assim como a apetição, a constituem. Um agregado de mônadas constitui as máquinas, essas podem ser de dois tipos: a *máquina da natureza* e a *máquina orgânica*. A máquina da natureza é *massa*, a máquina orgânica (os animais e os vegetais) consiste na união desta massa com a mônada dominante.

Leibniz considera cada mônada como uma individualidade (cf. 1.1.1), pois se diferenciam qualitativamente entre si. Conforme o ordenamento estrutural das relações internas das percepções das mônadas estabelece-se externamente o mesmo ordenamento, obedecendo às *leis de relação*, tal

¹⁴⁰ A partir daqui mencionaremos os tópicos retomados nesta conclusão.

ordenamento assegura a *harmonia pré-estabelecida*. Contudo, a menor alteração sofrida pela percepção da mônada acarretará na variação da coisa representada, por conseguinte, a divisão das espécies dos seres se reduz às diferenças mais diminutas das percepções da mônada. E devido às percepções variarem constantemente, a individualidade também nunca é a mesma.

Após elucidarmos a relação entre a percepção e a substância, notamos que essa se define como a expressão da pluralidade na unidade (cf. 1.2). A expressão de uma multiplicidade de percepções na forma de uma pluralidade externa, da qual temos a impressão de unidade. A expressão permite a comunicação das mônadas entre si. Elas exprimem seus *estados internos* (suas percepções) e observam o que foi expresso por outra mônada, podendo aprimorar-se.

Algumas percepções são claras e outras confusas (cf. 1.3 e 1.4). Constatamos que as *percepções claras (enteléquia)* são distintas e tornam a substância ativa, enquanto as *percepções confusas (matéria primeira)*, a tornam passiva diante da ação de outra percepção. A substância que expressa uma percepção clara exerce ação sobre a substância, cuja percepção está confusa. A variação no grau das percepções das mônadas é motivada pelas apetições ou resultam das causas eficientes e finais.

Em suma, as percepções, de maneira ordenada e exata, expressam o que há de externo às mônadas. Essas expressões constituem as coisas materiais. A matéria externalizada, trata-se da *matéria segunda*, que resulta da matéria primeira ou percepção confusa. A *matéria primeira* quando somada à enteléquia ou percepção clara constitui a própria mônada.

Podemos observar até aqui que a teoria da percepção somada à noção de substância fornece alguns indícios da concepção leibniziana sobre a realidade material. Mas por que Leibniz as vincula? Qual a necessidade deste vínculo? E como devemos entender isso? Após notarmos as percepções que possuímos devemos refletir sobre elas. Quando assim o fizermos estaremos exercendo a apercepção, ou seja, a faculdade que somente o ser humano possui de meditar sobre as percepções notáveis (cf. 1.5). Embora devêssemos refletir sobre a maior parte das percepções, só conseguimos meditar sobre as notáveis. Porém, além destas existem as que não temos consciência, as quais Leibniz denomina de *percepções inconscientes* (cf. 1.6).

A percepção inconsciente é composta de *pequenas percepções ou percepções insensíveis* (diminutas expressões das quais não nos apercebemos). As pequenas percepções possuem razão de existir e de não serem apercebidas (cf. 1.6.1), sua função consiste em aliviar as dores provocadas pelas sensações provenientes do choque que a distinção destas percepções nos causariam. Apesar de não sentirmos o impacto que a clareza da totalidade das percepções nos provocaria por não as conhecermos, e ignorarmos a influência que exercem sobre nós, sentimo-nos constantemente inquietos (cf. 1.6.2).

Inferimos que a percepção expressa, com maior grau de clareza possível, a realidade que lhe é exterior; quando passiva, sofre ação e expressa confusamente sua percepção. A substância/mônada possui o todo em si mesma e varia seu nível de perfeição de acordo com o grau de percepção. Sua constituição peculiar a torna um indivíduo único, ou seja, uma *espécie ínfima*,

cujos órgãos, se pudessem ser suficientemente apurados, poderiam notar as pequenas percepções que formam as coisas. A quantidade de mônadas é infinita, e suas percepções também o são, sofrendo constantemente modificações. Por isso, Leibniz afirma que nosso sofrimento seria insuportável caso nos apercebêssemos de todas elas. Conseqüentemente, o aumento no grau de clareza é gradual, de acordo com o ajustamento dos órgãos do indivíduo. Grande parte das percepções são inconscientes e insensíveis e, por conseguinte, as impressões que chegam à substância são confusas. A clareza total pertence a Deus, do qual todas as mônadas são emanadas. A clareza na mônada varia proporcionalmente à distância de suas representações, ou seja, quanto mais próxima lhe é a representação, mais clareza a substância possui sobre ela. Contudo, só o ser humano é capaz de apercepção, mas, para tanto, precisa refletir sobre as percepções conscientizadas.

Após termos apresentado e atrelado os conceitos pertinentes à percepção, necessitamos ainda das questões do segundo e terceiro capítulos, de modo a termos uma visão mais precisa sobre a concepção leibniziana da matéria sensível e em conseqüência, respondermos às questões subjacentes ao nosso problema principal.

Realizado o estudo sobre a percepção, foi preciso compreender como a percepção se expressa e quais os fatores que permitem a sua externalização. Como, a partir dessa expressão podemos conceber a matéria sólida? Se a substância é um indivíduo, como o agregado delas nos dá a impressão de unidade e individualidade? E que fatores garantem essa

unidade? Essas dúvidas nos remeteram ao estudo da *coisa expressa*, ou seja, da representação, objeto de nosso segundo capítulo.

As coisas exteriores são expressões das percepções da mônada, e, portanto, as representam estabelecendo-se, os pares: percepção e representação. Ambas são simétricas, cada qual do seu lado, o interno (percepção) e o externo (representação) à mônada:

Existe uma conexão entre as mônadas e o mundo que se dá pela função de similaridade do conteúdo com seus respectivos mundos representados. A representação monádica envolve uma correspondência de um a um com relação à coisa representada, através de um acordo ou lei relacional, que mantém a simetria entre a representação e a percepção expressa.

A ocorrência de uma relação entre a percepção e a representação (cf. 2.1) leva-nos a questão: como é possível a relação suceder, se como afirma Leibniz, só existem percepções? Estando no âmbito abstrato, exterior às qualidades monádicas, que princípios ou normas a garantem?

A existência das percepções, uma vez que as relações não são reais, e sim abstrações da razão, entendemos que exista uma dimensão projetiva dos conteúdos representados, as quais coexistem porque as substâncias que as expressam também coexistem, e para tanto precisaram ser criadas conjuntamente, pertencendo a um mesmo mundo possível, enquanto as que se impedem mutuamente são habitantes de mundos possíveis distintos. A possibilidade de existência de uma substância individual é demarcada pela

compatibilidade ou compossibilidade de seus predicados. Caso estivessem presentes modificações predicativas que se excluíssem reciprocamente, elas inevitavelmente tornar-se-iam contraditórias, incompatíveis, impossíveis, e conseqüentemente, a substância não existiria (cf. 2.2).

Logo, o conjunto de percepções pertencente a cada mônada é um conjunto cujos elementos são compatíveis, por isso compossíveis. Do mesmo modo, o conjunto de mônadas que compõem um agregado ou um ser orgânico, também deve ser compatível e compossível. A existência, tanto dos objetos como dos seres, depende de um princípio pré-estabelecido: o princípio *do melhor* (cf. 2.3). Quando Deus seleciona, dentre todas as percepções monádicas, e todas as mônadas, a melhor possível segundo esse princípio, a essência torna-se existência.

Por conseguinte, os seres existentes, apesar de parecerem uma única substância com individualidade, são um agregado de inúmeras substâncias ou mônadas, ou seja, inúmeras individualidades, porque toda unidade traz consigo a multiplicidade. Mesmo a mônada, apesar de ser uma unidade substancial real, é constituída por uma multiplicidade de percepções (cf. 2.4), cuja correspondência e ordenamento coexistente entre elas, são expressos e representados externamente. Essa representação é atualmente na matemática denominada de *isomorfismo* (cf. 2.5), o qual se define por ser uma função que mapeia os elementos e relações da estrutura copiada, através de uma correspondência relacional simétrica entre a representação e a coisa representada.

No capítulo segundo, verificamos que a matéria, como a concebemos, é a representação das percepções confusas que constituem a mônada (substância). Essa representação se dá através de um acordo relacional apoiado em causas eficientes e finais, no qual cada mônada expressa seu ponto de vista, que será representado por todas as outras, em sincronia perfeita, conforme o *princípio da harmonia preestabelecida*. Tal relação existe quando ocorre a analogia entre os predicados existentes, surgindo desta, um termo invariável, ou proposição, cuja realidade é abstrata. Mas, o que garante essa relação é a ocorrência de compatibilidade entre os possíveis. Ou seja, é necessário que haja correspondência entre os predicados, ou percepções da substância, na qual estes não sejam contraditórios, tornando-se possíveis e representando-se mutuamente. A substância monádica é a essência real de todas as coisas, sendo compatível com o agregado de mônadas, torna-se possível, assim como suas percepções, vindo a existir. Portanto, é inegável que a unidade externamente expressa não passa de uma multiplicidade de mônadas e suas percepções.

A conexão entre os tópicos dispostos nos dois primeiros capítulos desta dissertação nos conduz a captar com mais nitidez a filosofia leibniziana sobre a realidade existente e as coisas materiais, entretanto, ainda carecemos de mais informações acerca da matéria extensa e da união desta com a alma. Resta discutir a origem do movimento, suas causas e conseqüências. E compreender, diante dessa gama de novos conceitos, como os sentidos devem absorver o objeto externo, discussão feita no terceiro capítulo.

Visto ser a matéria extensa resultado de um agregado de mônadas que se entre - expressam, e sendo a entelégia igual a forma, todas as partes da matéria extensa, por exibirem forma, são animadas. Contudo o juízo nos leva a crer que a matéria é uma unidade extensa e inanimada, enganando-nos. Conforme as asserções leibnizianas, podemos dizer que a ordem mental antecede a material, ou seja, os atributos mentais fundamentam a realidade material.

Concebido o sentido real de matéria em Leibniz, resta-nos entender como esta se relaciona com a alma. Como vimos, embora ambos, corpo e alma convivam harmoniosamente, obedecendo a suas próprias leis, não se influenciam mutuamente. Existe somente a relação expressiva como conexão de ambos. No exemplo do ferimento do braço, verificamos que a dor sentida pela alma não é nem causada pelo corpo, nem por Deus. É a alma que reconhece esse sentimento por possuir percepções de todo o universo, e mais particularmente do seu corpo (cf. 3.1).

Inquirimos, diante deste fato, a saber, a ausência do contato, como, então poderia ocorrer o movimento? O que nos levou ao tópico *Ação e Movimento* (cf. 3.2), no qual estudamos o movimento na perspectiva leibniziana.

O movimento resulta do acordo entre as substâncias, no qual uma age e a outra padece. É a passagem de uma percepção a outra por meio das causas finais e eficientes. Obtido por meio de uma força interna à mônada, tanto para a resistência, como propulsora, o movimento é espontâneo, e a matéria, dinâmica. Como as mônada são unidades de força ativa e passiva,

podemos inferir que tudo está em movimento. É a força passiva ou de resistência que nos transmite a errônea impressão de matéria extensa, por ser uma força de conservação do estado atual e de resistência à mudança.

Por que essa concepção de Leibniz foge do horizonte da maioria das pessoas? O que as impedem de contemplar a realidade segundo essa perspectiva? E o que fazer para alcançá-la? São questões respondidas em nosso último tópico, sobre os sentidos (cf. 3.3).

Diante de sua concepção fenomenalista da matéria extensa, supomos que o filósofo alemão rejeita a matéria como forma de aquisição do conhecimento. Mas para espanto de quem pensou assim, Leibniz atribui à matéria sensível função relevante. Pois, quando a sentimos, ela nos leva à reflexão. Não poderíamos desenvolver o conhecimento se não pensássemos alguma coisa. Contudo, por ser constituída de percepções confusas, não pode demonstrar a verdade, serve somente de “veículo” a sua confirmação. Caso as verdades se originassem dos sentidos, seriam parcialmente confusa. Para chegarmos às evidências reais precisaríamos antever *as razões inteligíveis* que necessitam as coisas alcançando a constituição interna do objeto estudado. Mas em seu método, que Leibniz salienta não ser incorrigível, ele não abre mão dos princípios metafísicos, através dos quais se torna admissível considerar as leis que Deus estabeleceu.

Leibniz transfere o conhecimento das coisas sensíveis às faculdades mentais. O conhecimento científico não deve dedicar-se a desvendar as leis da natureza utilizando-se somente das causas eficientes, mas deve também ater-se às causas finais. É evidente que este método não é independente da

experiência sensível. Entretanto, como verificamos, o enfoque leibniziano para a coisa sensível é completamente inovador, nos deixando perplexos diante do previsível impacto que causaria em toda gama do conhecimento racional, caso fosse integralmente aplicado.

O sistema leibniziano, como uma teia, vai transpassando os princípios metafísicos pela trama do mundo fenomênico. Apesar de distinguir ambos os níveis, físico e metafísico, o filósofo os entre - apóia, atribuindo às coisas materiais a faculdade perceptiva, em certo aspecto, conferindo-lhes vida e mente. Contudo essa vida não acontece, como é costumeiramente imaginado, quando uma alma é introduzida a um corpo, de cujo contato, estabelece-se o movimento. Para Leibniz isso seria um milagre, por transgredir leis naturais, por exemplo, a inexistência do espaço e do contato direto. Logo, sendo fiel ao seu sistema, aduz ser a vida / mente, bem como todas as coisas existentes, resultado da relação expressiva entre as percepções monádicas. Essas são ordenadas e correspondentes, possuindo aspectos que se assemelham, os quais, por não se contradizerem, as tornam pertencentes de um mesmo mundo possível. Por se deixarem iludir pelas percepções confusas, as pessoas não notam que o aparente aspecto de unidade das coisas trás consigo uma multiplicidade de tantas outras. Realidade que se oculta por trás de fenômenos físicos tais como o contato direto, a solidez, a imobilidade, e mesmo as noções de espaço e tempo.

É inegável o enfoque fenomenista que Leibniz atribui à matéria, e mediante a análise dos principais conceitos relacionados ao tema, podemos

finalmente discutir o problema central e as questões subjacentes apontados na introdução dessa dissertação.

Conforme discutido ao longo deste trabalho, a percepção é a força ou a energia mental, por meio da qual todas as coisas exteriores são expressões. Desse aspecto estruturalmente matemático, de cuja correspondência e ordenamento das percepções, conforme os princípios da razão suficiente, da não-contradição e do *melhor*, resulta a matéria segunda, concebida como realidade virtual. (i) Se a matéria é um agrupamento de substâncias e se o contato é impossível, como podemos ter a impressão de matéria sólida e coesa? Constatamos, segundo nossa pesquisa, que sendo a matéria, ou o aspecto físico, um reflexo do mental, visto ser este uma representação daquele, tudo que se refere ao nível físico, também o é. Ou seja, As percepções que constituem a mônada, o agregado ou o corpo orgânico, por serem compatíveis e possíveis, conforme as leis das causas finais e eficientes, expressam, graças sua força interna, ativa ou passiva, o seu próprio mundo. Todos os acontecimentos, todos os movimentos, todos os efeitos, antes de se manifestarem externamente, fazem parte do conjunto de percepções que compõem as mônadas. Estando no interior da mônada, tais acontecimentos poderiam ser previstos, caso o espírito não fosse enganado por seu juízo. Pois se a mônada racional, assim como todas as outras, é um espelho do universo a partir de seu ponto de vista particular, todas as mônadas, inclusive a racional, conhece tudo o que já ocorreu e o que ainda ocorrerá, podendo assim antevê-lo. (ii) Se a matéria é realmente virtual, como nos faz deduzir Leibniz, podemos inferir que só existe mente (percepção)? (iii) Considerando-se a questão anterior como verdadeira, é possível admitir que os

acontecimentos estejam na mente e não mais derivam das leis físicas de causa e efeito ou ação e reação?

Não podemos nos apegar apenas ao aspecto físico dos fenômenos materiais. O aspecto físico representa as percepções confusas da mônada, portanto não revelam a verdade, ele nos é útil como meio para refletirmos sobre ela, ou para que a comprovemos. Mas se acreditarmos em seu aspecto puramente material, estaremos nos iludindo com falsas noções. A razão fundamentada na matéria conduz ao ajuizamento de tais noções, levando-nos a conceber meros fenômenos físicos como realidade única e indiscutível. Até mesmo os acontecimentos, os quais julgamos resultarem de causas físicas, possuem as percepções, mentais e metafísicas, como causa verdadeira. Enganamos-nos ao nos enveredar pelo caminho estritamente fenomênico, desconsiderando a realidade metafísica que sustenta a física. Para tanto se faz necessário conhecer as razões que levaram Deus a criar determinado objeto, para somente então termos condições de desvendar suas leis. Utilizando esse método chegaremos à conclusão de que a solidez, a extensão, a imobilidade da matéria segunda, são noções estabelecidas de maneira imediatista. (iv) Se a matéria possui o aspecto sólido em que sentido ela é imaterial? Considerando o caráter mental que antecede e do qual emana o material, torna-se contraditório e não consona com os princípios metafísicos, concepções baseadas somente no aspecto físico. Sendo a matéria que concebemos extensa, sólida e imóvel, nada mais do que a matéria segunda, que é um agregado de mônada, e conhecendo a estrutura monádica, que é percepção, força, energia, seria imprudente considerarmos que a matéria

possa, como um agregado de “energia”, ser definida como extensa, sólida e imóvel.

(v) Se a tocamos, o que Leibniz quer dizer com intocável? O próprio movimento, cujo aspecto fenomênico nos leva a errônea conclusão de ser resultado do contato entre dois objetos, dos quais sucede a transferência de força de um, em movimento, para outro imóvel, em seu caráter real, é proveniente da variação das percepções que passam de confusas para claras, repercutindo externamente em mudança. Percepção que se altera ininterruptamente (por isso o filósofo concebe a impossibilidade da imobilidade) motivada pelas apetições ou pelas causas finais e eficientes, expressando externamente essa oscilação, jamais dependendo de força externa, visto ser força (*vis vivas*), energia. Onde vemos o movimento, temos uma percepção clara que expressa acontecimentos de “prazer” e percepções confusas que emitem fatos “sôfregos” (DM, § XV). Entretanto, essas concordam entre si, correspondendo uma a outra tanto interna quanto externamente. O contato, apesar de nos parecer tão evidente não passa de fenômeno resultante dessa sincronia existente entre as expressões. Portanto, as percepções ao se expressarem em correspondência perfeita, revelam uma relação expressiva harmônica que nos transmite a impressão de contato.

Cumpre-nos agora retomar o nosso problema central. Como uma substância imaterial, inextensa, fechada e intocável (a própria mônada) pode constituir a matéria extensa, sólida e imóvel? A pesquisa realizada sobre a metafísica de Leibniz, enfocando o conceito de matéria, nos remete à mônada, sua constituição, características, função e finalidade. Diante desses aspectos,

já aprofundados no decorrer da dissertação, inferimos que, apesar de termos a impressão de matéria extensa, sólida e imóvel, isto não passa de fenômeno. Não que a matéria não exista. Ela existe, mas a noção que temos sobre ela, segundo Leibniz, está errada. As características que atribuímos à matéria não conferem com a realidade. Desviamos-nos desta quando desconsideramos as causas finais e os princípios metafísicos.

Transpassando a metafísica na física, investigando as razões e finalidades das coisas, o filósofo propõe que a matéria, como substância única das coisas, torna-se incoerente. Suprimir o mundo de suas qualidades e da perceptividade seria o mesmo que negar o ser, a vida (utilizamos o termo “ser” para designar a mônada como o que há de vivo). É preciso sopesar, frente à finalidade da existência do ser, o desenvolvimento; como este ocorreria caso nós não tivéssemos nenhum tipo de contribuição com a exterioridade? Ou seja, se todas as ocorrências não estivessem em nós?

O desenvolvimento precisa se efetivar, essa é a finalidade do ser. O ser, em seu aspecto metafísico, traz consigo as qualidades (percepções) que deposita externamente. Em sua face física, o ser observa-se nesse exterior projetado. Diante disso, notamos que o aspecto da matéria meramente quantitativo, está descartado.

A matéria externalizada, por ser uma projeção, não tem condições de ser definida como geralmente o é: extensa, sólida e imóvel. Como projeção do ser, a matéria só pode possuir um aspecto virtual/mental. A projeção representa o filme que está sendo rodado pelo projetista. Essa analogia contemporânea, similar a que Leibniz faz sobre a pintura de um quadro, elucida

que o aspecto sólido, extenso e intocável da matéria não confere com a finalidade do ser, nem com a real necessidade das coisas materiais existirem.

Concluímos, até o momento, que os aspectos com que costumamos definir a matéria não passam de fenômenos, são irrealis, pois não correspondem à finalidade para a qual ela existe, e nem a razão suficiente que necessitou sua origem. Avancemos, agora, ao verdadeiro sentido da matéria, sua real necessidade e função.

Negado o aspecto extenso, sólido e imóvel da matéria, precisamos então definir o que é matéria. Como vimos, a matéria existe não como um elemento físico, mas como percepção, a qual Leibniz denomina *percepção confusa*. A vida (enteléquia) que carece da matéria, é inconcebível sem a considerarmos esta última. A matéria e a vida estão unidas, mas matéria é percepção e vida também o é. Logo só existe a percepção, *vis vives*.

Em sua constituição, a matéria é percepção, porém ainda confusa, e somada a enteléquia constitui a substância das coisas, a mônada. A finalidade com que foi concebida dessa forma e não de outra, já foi mencionada. Existe uma razão suficiente para que seja dessa maneira, de acordo com essa finalidade. Logo, a matéria como a notamos, é um agregado de mônadas. Um conjunto de percepções claras, alma ou vida, e percepções ainda confusas. Seu aspecto é virtual ou mental, por ser um conjunto de percepções. Possui vida, por ter nas substâncias que a compõe, enteléquia. Essa matéria Leibniz denominou matéria segunda. Ela é também, por ter percepção, dotada de força. Por isso matéria é, para Leibniz, sinônimo de força.

Então o que enxergamos da matéria é o resultado das entre-expressões das percepções que compõem a matéria. Aquilo que nos parece matéria é a representação ou projeção dessas percepções (qualidades ou predicado).

Podemos inferir que o aspecto real da matéria na realidade é imaterial, ou seja, sem extensão, solidez ou mobilidade. A imaterialidade não a nega nem destitui sua importância dentro do arcabouço filosófico desenvolvido por Leibniz. Muito pelo contrário, vai de encontro à finalidade com que tudo se originou: o desenvolvimento, a clarificação das percepções confusas (lembrando-nos que nunca existirão somente percepções claras, exceto em Deus).

Vislumbramos, assim, que na realidade, nas coisas que enxergamos existe um aspecto imaterial conseqüente das percepções mentais inatas do ser, uma projeção expressa por esse, com a finalidade de que, apercebendo-se de seu conteúdo mental, possa desenvolver-se, e como o filósofo, com tanta veemência sustenta, fazer parte de uma “espécie de sociedade” com Deus, norteada, não simplesmente pelas apetições, mas racionalmente pelos fins, de modo a constituir a tão ambicionada “Cidade de Deus” (cf. MO, § § 85, 86).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Abreviações das Fontes Primárias

- NS** LEIBNIZ G. W.: *Sistema Novo da Natureza e da Comunicação das Substâncias e Outros Textos*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002.
- NE** LEIBNIZ, G. W.: *Novos Ensaio sobre o Entendimento Humano*. Tradução: Luiz João Baraúna. Coleção *Os Pensadores*. São Paulo: Editora Abril, 1978.
- CC** LEIBNIZ, G. W.: *Correspondência com Clarke*. Tradução: Luiz João Baraúna e Calos Lopes de Mattos. Coleção *Os Pensadores*. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1988.
- AG** LEIBNIZ G. W.: *Philosophical Essays*. Edited and Translated: R. Ariew and D. Garber, Indianapolis: Hackett, 1989.
- PR** LEIBNIZ G. W.: *A "Protogaea": Uma teoria sobre a Evolução da Terra e a Origem dos Fósseis*. Ramos, M. C., Teixeira, D., Papavero, N: São Paulo: Ed. Fapesp, 1997.
- DM** LEIBNIZ G. W.: *Discurso de Metafísica e Outros Textos*. Tradução, apresentação e notas de Tessa Moura Lacerda. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- MO** LEIBNIZ G. W.: *Monadologia*. Tradução, apresentação e notas de Tessa Moura Lacerda. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- NG** LEIBNIZ G. W.: *Princípios da Natureza e da Graça fundados na Razão*. Tradução, apresentação e notas de Tessa Moura Lacerda. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- PS** LEIBNIZ G. W.: *Die philosophisheim Schritten*. Vol. VII, Berlin: Ed. Gerhardt, VII, Berlin, Halle: 1963.
- TH** LEIBNIZ G. W.: *Teodicea: Ensayos Sobre La Bondad De Dios, La Libertad Del hombre Y El Origen Del Mal*. Edición electrónica de www.philosophia.cl / Escuela de Filosofía Universidad, ARCIS, 1710.

FONTES PRIMÁRIAS

- LEIBNIZ, G. W.: Theodicy: Essays on the Goodness of God, the Freedom of Man and the Origin of Evil. Comentador: Austin Farrer. Trad: E.M. Huggard. Peru: Published Open Court Publishing Company, 1951.
- LEIBNIZ, G. W.: Lettres et Opuscles Inédits. Paris: Librairie Philosophique de Ladrance, 1854.
- LEIBNIZ, G. W.: Correspondência com Clarke Col. Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1988.
- LEIBNIZ G. W.: Novo Sistema da natureza e da comunicação das substâncias, 1987.
- LEIBNIZ, G.W.: Novos Ensaio sobre o Entendimento Humano, São Paulo: Ed. Abril, 1978.
- LEIBNIZ, G. W.: Philosophical Essays. Roger Ariew e Daniel Garber. Ed. Hackett, 1989.
- LEIBNIZ, G.W.: “A Protogaea” de G. W. Leibniz (1794): Uma teoria sobre a Evolução da Terra e a Origem dos Fósseis. Ramos, M. C., Teixeira, D., Papavero, N. São Paulo: Ed. Fapesp, 1997.
- LEIBNIZ G. W.: *Discurso de Metafísica e outros textos*. Apresentação e notas de Tessa Moura Lacerda. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- LEIBNIZ G. W.: *Monadologia*. Trad. Tessa Moura Lacerda. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- LEIBNIZ G. W.: *Princípio da Natureza e da Graça*. Trad. Tessa Moura Lacerda. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- LEIBNIZ G. W.: *Die philosophisheim Schritten*. Ed. Gerhardt, VII, Berlin: Halle, 1963.

FONTES SECUNDÁRIAS

- ABAGNANO, N.: *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1998.
- BROWN, G.: Compossibility, Harmony, and Perfection in Leibniz. In: Gottfried Wilhelm Leibniz: critical assessments, London/New York: Routledge, 1994, v. II. p. 261-287.

- CARLIN L.: Matter and Thought, in: Stanford Encyclopedia of Philosophy University of Wisconsin/Oshkosh, First published Mon Sep 22, 1997; substantive revision Mon Jul 15, 2002.
- COTTINGHAM, J.: *Dicionário Descartes*. Trad. Helena Martins. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- FICHANT, M.: *Leibniz e as máquinas da natureza*, in: *Dois Pontos – Revista do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de São Carlos*. Vol. 2, número 1, São Carlos, 10/2005.
- GABER, D.: Leibniz: physics and philosophy. In :Cambridge History Of Seventeenth - Century Philo, Autor: Michael Ayers, Daniel Garber, USA: Editora Cambridge - , 1997, p. 270 - 356.
- GÜZELDERE, G.: The Many Faces of Consciousness: A Field Guide, in Block, N. (et al.) (ed.): *The Nature of Consciousness*, Cambridge (Ma): The MIT Press, 1997.
- HUNTER, G.: *Monadic Relations*. In: *The natural philosophy of Leibniz*. D. Reidel Publishing Company, 1982, p. 151 – 170.
- LACERDA, T. M.: *A Expressão em Leibniz*. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005.
- LEBRUN, G.: *A Noção de Semelhança de Descartes e Leibniz* in Dascal (org), *Conhecimento, Linguagem e ideologia*; São Paulo: Perspectiva, 1989.
- LOCKE, J.: *Ensaio Acerca do Entendimento Humano*. Trad. Anuar Aiex. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1997.
- MALEBRANCHE N.: *A Busca da Verdade*. Textos Escolhidos. Seleção Introdução, tradução e Notas de Plínio Junqueira Smith. São Paulo: Discurso Editorial, 2004, p. 12 - 35.
- MARQUES, E.: *Possibilidade, Compossibilidade e Impossibilidade em Leibniz*. *Kriterion: Revista de Filosofia*, vol.45, nº.109, Belo Horizonte Jan./June, 2004, p. 175 - 187.
- OKRUHLIK, K.: *The Status of Scientific Laws in the Leibnizian System*, in: *The natural philosophy of Leibniz*. D. Reidel Publishing Company, 1982, p. 183 -204.
- OKRUHLIK, O.; REPO, A.: *Compossibility and being in the same world in Leibniz's metaphysics*. *Studia Leibnitiana*, XXX I/2, 1999, p. 196-214.

- OLIVA, L. C. G.; *Fenômeno e Corporalidade em Leibniz*. Curitiba, São Carlos, vol. 2, n. 1, p. 83- 99, outubro, 2005.
- PURYER, S. M.: *Pereption and representation in Leibniz*. Tese de Doutorado. University of Pittsburgh, 2006, p. 8 -58.
- RESCHER, N. G. W.: *Leibniz's Monadologia: An Edition for Students*. Londres: United Kingdom by Routledge, 1928.
- ROSS, Mac Donald. *Leibniz*. São Paulo: Edições Loyola, 2001.
- RUSSELL, B.: *A Filosofia de Leibniz*. São Paulo: Ed. Nacional, 1968.
- SLEIGH, R. C. Jr.: *Leibniz and Arnauld: a commentary on their Correspondence*. New Haven: Yale University Press, 1990.
- SMITH, P. J.: *Uma Solução Cética para o Problema do Mundo Exterior*. Paraná: Universidade Federal do Paraná, 2007.
- STRATHERN, P.: *Leibniz em 90 Minutos*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2002.
- SWOYER, C.: *Structural Representation and Surrogative Reasoning*. Synthese, 1991, 87, 449–508.
- SWOYER, C.: *Leibnizian Expression*. Journal of the History of Philosophy, 1995, 33, 65–99.